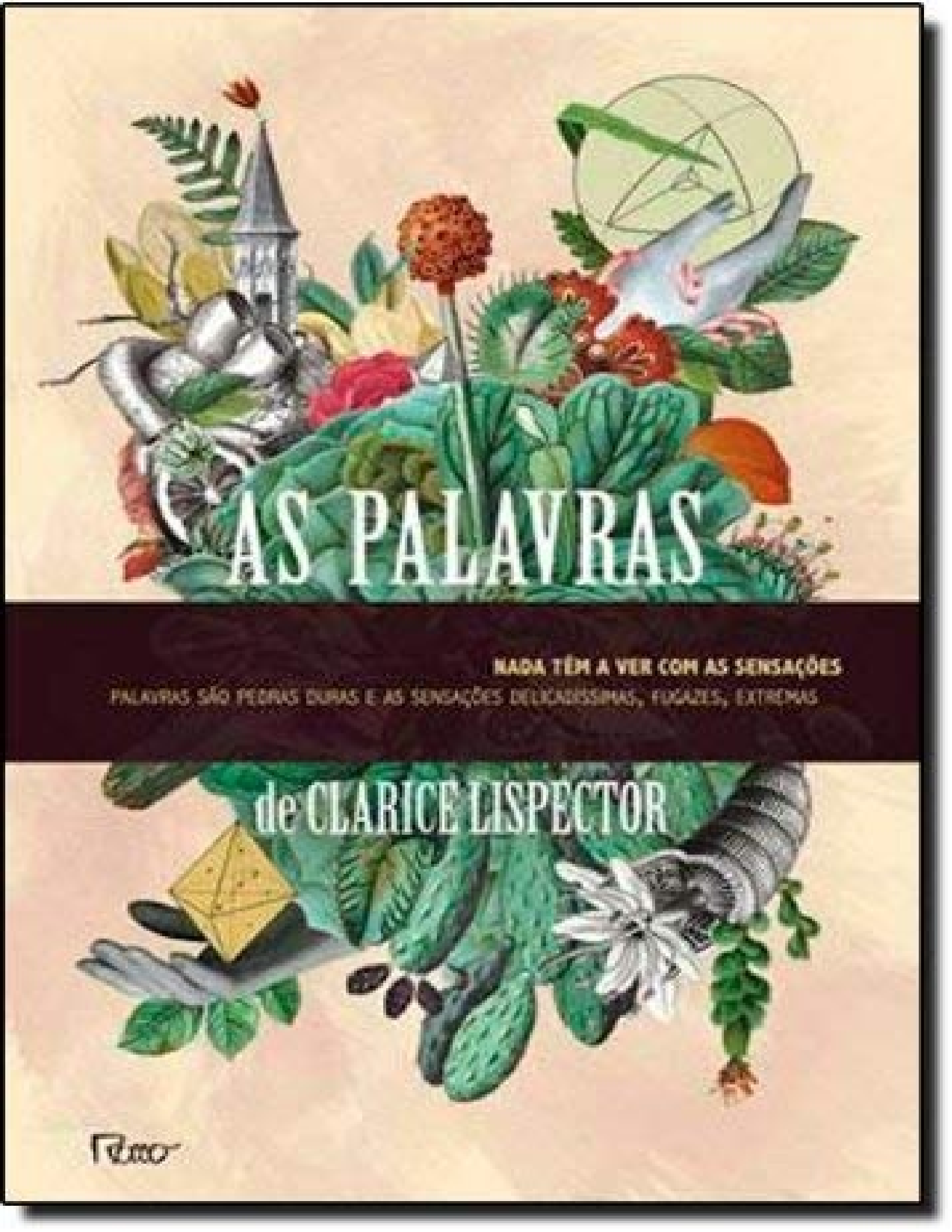

AS PALAVRAS
NADA TÊM A VER COM AS SENSAÇÕES
PALAVRAS SÃO PEDRAS DURAS E AS SENSAÇÕES DELICADÍSSIMAS, FUGAZES, EXTREMAS
de CLARICE LISPECTOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

AS PALAVRAS

NADA TÊM A VER COM AS SENSAÇÕES
PALAVRAS SÃO PEDRAS DURAS E AS SENSAÇÕES DELICADÍSSIMAS, FUGAZES, EXTREMAS

de CLARICE LISPECTOR

CURADORIA | ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS

ROCCO

ÍNDICE

PARTE I | Um sopro de vida

PARTE II | A hora da estrela

PARTE III | Água viva

PARTE IV | Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres

PARTE V | A paixão segundo G.H.

PARTE VI | Perto do coração selvagem

PARTE VII | A bela e a fera

PARTE VIII | Onde estivestes de noite

PARTE IX | A via crucis do corpo

PARTE X | A legião estrangeira

PARTE XI | Outros escritos

PARTE XII | Para não esquecer

PARTE XIII | Correspondências

PARTE XIV | A descoberta do mundo

Nota de trabalho

Obras da autora

Créditos

A autora

O Curador

PARTE I

Um sopro de vida



Isto não é um lamento, é um grito de ave de rapina.

Escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida.

Vivam os mortos porque neles vivemos.

Tudo deve estar sendo o que é.

Existe por acaso um número que não é nada? que é menos que zero? que começa no que nunca começou porque sempre era? e era antes de sempre?

Do zero ao infinito vou caminhando sem parar.

O corpo é a sombra de minha alma.

Eu me sinto culpado quando não vos obedeço.

Os infelizes se compensam.

Tempo para mim significa a desagregação da matéria.

O tempo não existe. O que chamamos de tempo é o movimento de evolução das coisas, mas o tempo em si não existe.

Na eternidade não existe o tempo.

Graças a Deus, tenho o que comer.

Escrever ao som harpejado e agreste a sucata da palavra.
Prescindir de ser discursivo.

Debussy usa as espumas do mar morrendo na areia, refluindo e fluindo. Bach é matemático. Mozart é o divino impessoal. Chopin conta a sua vida mais íntima. Schoenberg, através de seu eu, atinge o clássico eu de todo o mundo. Beethoven é a emulsão humana em tempestade procurando o divino e só o alcançando na morte.

Escrevo muito simples e muito nu. Por isso fere.

Sou uma paisagem cinzenta e azul.

Quero escrever esquálido e estrutural como o resultado de esquadros, compassos e agudos ângulos de estreito enigmático triângulo.

Este é um livro fresco – recém-saído do nada.

Escrevo para nada e para ninguém.

Inspiração não é loucura. É Deus.

A impessoalidade é uma condição.

A loucura é a tentação de ser totalmente o poder.

Pois também eu solto as minhas amarras: mato o que me perturba.

Escrevo para me livrar da carga difícil de uma pessoa ser ela mesma.

Amadurecimento? Até agora vivi sem ele!

Chegou o instante de aceitar em cheio a misteriosa vida dos que um dia vão morrer.

Quando eu caio a raça humana em mim também cai.

O que aqui escrevo é forjado no meu silêncio e na penumbra.

Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim.

Desconheço as leis do espírito: ele vagueia.

Meu pensamento de palavras é precedido por uma instantânea visão, sem palavras, do pensamento.

O que se vê nessa rapidíssima ideia muda é pouco mais que uma atmosfera?

O pré-pensamento é o pré-instante.

O pré-pensamento é o passado imediato do instante.

Pensar é a concretização, materialização do que se pré-pensou.

O pré-pensamento é em preto e branco.

O pré-pensar é o que nos guia.

Às vezes a sensação de pré-pensar é agônica: é a tortuosa criação que se debate nas trevas e que só se liberta depois de pensar – com palavras.

Vós me obrigais a um esforço tremendo de escrever; ora, me dê licença, meu caro, deixa eu passar.

As coisas obedecem ao sopro vital.

E fruir já é nascer.

A doçura é tanta que faz insuportável cócega na alma.

Quem é que fala por mim?

Haverá outro modo de salvar-se?
senão o de criar as próprias realidades?

Este ao que suponho será um livro feito aparentemente por destroços de livro.

No vislumbre é às vezes que está a essência da coisa.

A minha própria vida tem enredo verdadeiro. Seria a história da casca de uma árvore e não da árvore.

Esses fragmentos de livro querem dizer que eu trabalho em ruínas.

O que me importa são instantâneos fotográficos das sensações.

De propósito um livro bem ruim para afastar os profanos que querem “gostar”.

Quando acabardes este livro chorai por mim uma aleluia.

Quando fechardes as últimas páginas deste malogrado e afoito e brincalhão livro de vida então esquecei-me.

Escrevo e assim me livro de mim e posso então descansar.

Tenho que ser legível quase no escuro.

Meu reflexo não estava num espelho, mas refletia uma outra pessoa que não eu.

Se me desenraízo fico de raiz exposta ao vento e à chuva. Friável. E não como o granito azulado e pedra de Iansã sem fenda nem frincha.

Todos nós estamos sob pena de morte.

O leitor é que fala por mim?

Não me lembro de minha vida antes, pois que tenho o resultado que é hoje. Mas me lembro do dia de amanhã.

O jeito de entrar nesta escritura tem que ser de repente, sem aviso prévio.

Sou vários caminhos, inclusive o fatal beco sem saída.

Antes tivesse eu permanecido na imanescença do sagrado nada.

Minha vida me quer escritor e então escrevo. Não é por escolha: é íntima ordem de comando.

Tenta em vão inquieto acompanhar os meandros bizantinos de uma mulher, com desvãos e cantos e ângulos e carne fresca – e de repente espontânea como uma flor.

Como escritor espalho sementes.

A vida é tão repleta de coisas inúteis que só a aguento com astenia muscular in extremis.

Estou me sentindo como se já tivesse alcançado secretamente o que eu queria e continuasse a não saber o que eu alcancei. Será que foi essa coisa meio equívoca e esquiva que chamam vagamente de “experiência”?

A imitação é mais requintada que a autenticidade em estado bruto.

Para que estilo eu vou, se já fui tão usado e manuseado por algumas pessoas que

tiveram o mau gosto de serem eu?

Um livro tão fechado que não dará passagem senão para alguns.

Vivo por um fio.

Um livro de não memórias. Passa-se agora mesmo, não importa quando foi ou é ou será esse agora mesmo.

Faço o possível para escrever por acaso.
Eu quero que a frase aconteça.

Fiz uma breve avaliação de posses e cheguei à conclusão espantada de que a única coisa que temos que ainda não nos foi tirada: o próprio nome.

Sou oblíqua como o voo dos pássaros.

Só sou válida para mim mesma.

Tenho que viver aos poucos, não dá para viver tudo de uma vez.

Nos braços de alguém eu morro toda.

O que se fala se perde como o hálito que sai da boca quando se fala.

Eu te amo como se sempre estivesse te dizendo adeus.

Quando estou sozinha procuro não pensar porque tenho medo de de repente pensar uma coisa nova demais para mim mesma.

“O quê” é o sagrado sacro do universo.

Não sei não pensar.

Quando estou distraído, caio na sombra e no oco e no doce e no macio nada-de-mim.

Sei fazer em mim uma atmosfera de milagre.

Milagre é o ponto vivo do viver.

Quando eu penso, estrago tudo.

Evito pensar: só vou mesmo é indo.

Não há nada no mundo que substitua a alegria de rezar.

É bom mexer nas coisas deste mundo: nas folhas secas, no pólen das coisas (a poeira é filha das coisas).

Vou tirar férias de mim.

Por algum motivo secreto sinto uma grande carga de mal-estar e ansiedade quando atinjo o cume nevado de uma felicidade-luz.

Quando leio uma coisa que não entendo sinto uma vertigem doce e abismal.

Só valho como descoberta.

Pensava que um poliédrico de sete pontas se dividisse em sete partes iguais dentro de um círculo. Mas não caibo. Sou de fora.

É culpa minha se não tenho acesso a mim mesmo?

Não caio na tolice de ser sincera.

Perdi de vista o meu abismo.

Morrerei sem que a morte me simbolize.

Viver exige tal audácia.

Tenho grande necessidade de viver de muita pobreza de espírito e de não ter luxo de alma.

Sinto-me bem em molambos, tenho nostalgia de pobreza.

Comi só frutas e ovos, recusei o sangue rico da carne, eu quis comer apenas o que era de nascedouros e provindo sem dor, só brotando nu como o ovo, como a uva.

Mulher é luxo e luxúria, e faz dois de mim, e eu quero ser apenas para não ser

um número divisível por nenhum outro.

Estou pintando um quadro com o nome de “Sem Sentido”. São coisas soltas – objetos e seres que não se dizem respeito, como borboletas e máquina de costura.

Passo pelos fatos o mais rapidamente possível porque tenho pressa.

Para escrever eu antes me despojo das palavras.

Eu sou individual como um passaporte. Eu sou fichada no Félix Pacheco. Devo me orgulhar de pertencer ao mundo ou devo me desconsiderar por?

Ela é uva sumarenta e eu sou a passa.

Você talvez desconheça que tem um centro de si mesma e que é duro como uma noz de onde se irradiam tuas palavras fosforescentes.

Não sei nada. Só sei ir vivendo. Como o meu cachorro.

Tenho medo do ótimo e do superlativo.

Quando começa a ficar muito bom eu ou desconfio ou dou um passo para trás. Se eu desse um passo para a frente eu seria enfocada pelo amarelado de esplendor que quase cega.

Só me resta latir para Deus.

Tão autônoma que só pararei de escrever depois de morrer.

Protesto à toa como um cão na eternidade da Seção de Cadastro.

Ter dentro de mim o contrário do que sou
é em essência imprescindível.

O fracasso me serve de base para eu existir.
Se eu fosse um vencedor? morreria de tédio.

“Conseguir” não é o meu forte.

Alimento-me do que sobra de mim e é pouco. Sobra porém um certo secreto

silêncio.

Só uso o raciocínio como anestésico.

A vida com letra maiúscula nada pode me dar.

Luto não contra os que compram e vendem apartamentos e carros e procuram se casar e ter filhos mas luto com extrema ansiedade por uma novidade de espírito.

Sou um resultado do verdadeiro milagre dos instintos.

Dei ultimamente para suspirar de repente,
suspiros fundos e prolongados.

Sou extremamente tátil.

Beleza é assim mesmo, ela é um átimo de segundo, rapidez de um clarão e depois logo escapa.

É necessário passar pelo crivo da dor para depois aliviar-se vendo à frente uma nova criança no mundo.

Cadê eu? perguntava-me. E quem respondia era uma estranha que me dizia fria e categoricamente: tu és tu mesma.

Sou hábil em formar teoria.

Faço perguntas a uma audiência invisível e esta me anima com as respostas a prosseguir.

Depois que eu recuperei meu contato comigo é que me fecundei e o resultado foi o nascimento alvoroçado de um prazer todo diferente do que chamam prazer.

Ela vive as diversas fases de um fato ou de um pensamento mas no mais fundo do seu interior é extrassituacional e no ainda mais fundo e inalcançável existe sem palavras, e é só uma atmosfera indizível, intransmissível, inexorável. Livre das velharias científicas e filosóficas.

Há o pungente miosótis chamado urgentemente mas delicadamente de “não-te-esqueças-de-mim”.

Delicado como se em caminhada eu levasse na palma em concha de minha mão a gema pura de um ovo sem fazê-la perder seu invisível porém real contorno.

Uma gema, porém com um pequeno pingo negro no amarelo-sol.

Ela está doida para escrever sobre a menstruação por puro desabafo, e eu não deixo.

A música dodecafônica extrai o eu.

Tu me entendes? Não, tu és doido e não me entendes.

Senti a pulsação da veia em meu pescoço, senti o pulso e o bater do coração e de repente reconheci que tinha um corpo.

Como se estivesse fora de mim, olhei-me e vi-me.

Não há razão de espanto: o milagre existe: o milagre é uma sensação.

Meu ódio é energia atômica.

Gosto um pouco de mim porque sou adstringente.

Tenho tanta vontade de ser corriqueira e um pouco vulgar e dizer: a esperança é a última que morre.

Sou a contemporânea de amanhã.

Estou em plena comunhão com o mundo.

Tinha quinze anos quando começou a entender a esperança.

Cada momento do dia se futuriza para o momento seguinte em nuances, gradações, paulatino acréscimo de sutis qualificações da sensibilidade.

Você de repente não estranha de ser você?

Eu (que tenho como emprego de ganhar dinheiro a profissão de juiz: inocente ou culpado?) procuro neutralizar o hábito de julgamento porque não aguento o papel divino de decidir.

De vez em quando vou para um impessoal hotel, sozinha, sem nada o que fazer, para ficar nua e sem função.

A prova de que estou recuperando a saúde mental, é que estou cada minuto mais permissiva.

Estou felizmente mais doida.

Será que a polícia me pega? Me pega porque existo? paga-se com prisão a vida: palavra linda, orgânica, sestrosa, pleonástica, espérmica, duróbila.

Ela tem que levar uma vida pacata, bem acomodada, bem burguesa. Senão a loucura vem. É perigoso.

É preciso calar a boca e nada contar sobre o que se sabe e o que se sabe é tanto, e é tão glorioso.

Sei criar silêncio.

Para tudo: criei o silêncio.

Sinto em mim uma violência subterrânea,
violência que só vem à tona no ato de escrever.

Depende de mim o seu destino?

Ver é a pura loucura do corpo.

Vida imaginária é viver do passado ou para o futuro.

Oh doce martírio de não saber falar e sim apenas latir.

Ter contato com a vida animal é indispensável à minha saúde psíquica. Meu cão me revigora toda.

O meu cão me ensina a viver. Ele só fica “sendo”.
“Ser” é a sua atividade.

Meu cachorro é tão cachorro como um homem é tão homem. Amo a cachorrice e a humanidade cálida dos dois.

O cão é um bicho misterioso porque ele quase que pensa, sem falar que sente tudo menos a noção do futuro.

O cavalo, a menos que seja alado, tem seu mistério resolvido em nobreza.

O cachorro tem tanta fome de gente e de ser um homem.

É excruciante a falta de conversa de um cachorro.

Eu sei falar uma língua que só o meu cachorro, o prezado Ulisses, meu caro senhor, entende. É assim: dacobela, tutiban, ziticoba, letuban. Joju leba, leba jan? Tutiban leba, lebajan. Atotoquina, zefiram. Jetobabe? Jetoban. Isso quer dizer uma coisa que nem o imperador da China entenderia.

O sofrimento por um ser aprofunda o coração dentro do coração.

Quatro horas são do dia as melhores horas. As quatro dão equilíbrio e uma serena estabilidade, um tranquilo gosto de viver.

Já estou preparado e quase pronto para ser chamado. Noto-o pelo descaso que sinto pelas coisas e mesmo pelo ato de escrever.
Poucas coisas me valem ainda.

Estou esgarçada e leve como se da negra África eu ressurgisse e me erguesse branca e pálida.

Um vestido pode enriquecer sua alma. Alma pobre.

Estou sofrendo de amor feliz. Só aparentemente é que isso é contraditório.

Não tenho medo da loucura: ouso uma lucidez gélida.

É bom ficar um pouco triste. É um sentimento de doçura. E é bom ter fome e comer.

Flor? Flor dá cada susto.

Onde está teu sinônimo no mundo?

Adivinho coisas que não têm nome.

Sinto o que me será sempre inacessível.

Tudo o que sei sem propriamente saber não tem sinônimo no mundo da fala mas enriquece e me justifica.

Civilizar minha vida é expulsar-me de mim.

O que me mata é o cotidiano. Eu queria só exceções. Estou perdida: eu não tenho hábitos.

Falou assim para o guarda: o senhor pode me informar, por obséquio, quando começa a primavera?

A liberdade ofende.

Sou uma “atriz”, apareço, digo o que sei e saio do palco.

Virei uma abstração de mim mesmo: sou um signo, eu simbolizo alguma coisa que existe mais do que eu, eu sou o tipo dos sem tipos.

Venho de uma longa saudade.

Com exceção de uns poucos, todos têm medo de mim como se eu mordesse.

Somos mansos e alegres, e às vezes latimos de raiva ou de espanto.

Eu me sinto uma charlatã. Por quê? É como se minha última veracidade eu não revelasse. Então tenho que tirar a roupa e ficar nua na rua.

Sou do outro planeta? que sou eu? a humílima das humílimas que se prostra ao chão e encosta a boca entreaberta na terra a chupar-lhe o seu sangue.

Vou ter fim trágico? Oh por favor me poupem. Por favor: é que eu sou frágil. Que me espera quando eu morrer? Eu já sei: quando eu morrer vou límpida como jade.

Ela precisa de pelo menos por um minuto para pegar a si mesma em flagrante.

Estranho-me como se uma câmera de cinema estivesse filmando meus passos e parasse de súbito, deixando-me imóvel no meio de um gesto.

Parte de mim é mecânica e automática – é neurovegetativa, é o equilíbrio entre não querer e o querer, do não poder e de poder, tudo isso deslizando em plena rotina do mecanicismo.

E esse encontro da vida com a minha identidade forma um minúsculo diamante inquebrável e radioso indivisível, um único átomo e eu toda sinto o corpo dormente como quando se fica muito tempo na mesma posição e a perna de repente fica “esquecida”.

Eu sou nostálgica demais, pareço ter perdido uma coisa não se sabe onde e quando.

Escreverei aqui em direção ao ar e sem responder a nada pois sou livre. Eu – eu que existo.

Sinto-me tão impotente ao viver – vida que resume todos os contrários díspares e desafinados numa única e feroz atitude: a raiva.

Só me resta inventar. Mas aviso-me logo: eu sou incômodo. Não tenho nenhuma saudade de mim – o que já fui não mais me interessa!

Quero esquecer elogios e os apupos. Abdicar de toda a minha obra e começar humildemente, sem endeusamento, de um começo em que não haja resquícios de qualquer hábito, cacoetes ou habilidades.

Voar baixo para não esquecer o chão.

O pior é que já está gasto o pensamento da palavra.

Ajo como uma sonâmbula. No dia seguinte não reconheço o que escrevi. Só reconheço a própria caligrafia. E acho certo encanto na liberdade das frases, sem ligar muito para uma aparente desconexão. As frases não têm interferência de tempo. Podiam acontecer tanto no século passado como no século futuro, com pequenas variações superficiais.

A vida real é um sonho.

Quando eu penso sem nenhum pensamento – a isto chamo de meditação.

Finjo que não quero, termino por acreditar que não quero e só então a coisa vem.

As coisas acontecem indiretamente. Elas vêm de lado.

Ser um ser permissível a si mesmo é a glória de existir.

Às vezes sou espesso como Beethoven, outras vezes sou Debussy, estranha e leve melodia. Tudo acompanhado de uma respiração, três movimentos e escorrendo de quatro maravilhas.

Quanto ao resto, ladies and gentleman, eu me calo.

Um é o outro e outro é um.

Quem és tu que me lês? És o meu segredo ou sou eu o teu segredo?

Só me interessa encontrar meu timbre. Meu timbre de vida.

Dou remorsos a quem eu deixar vivo e vendo televisão, remorsos porque a humanidade e o estado de homem são culpados sem remissão de minha morte.

Só um infante não se espanta: também ele é uma alegre monstruosidade que se repete desde o começo da história do homem.

Para quem está à tona e sem sonhar as frases nada significam.

A vida real só é atingida pelo que há de sonho na vida real.

A imaginação antecede a realidade!

Só sei uma coisa: sou pungentemente real.

Estou na vida fotografando o sonho.

Deus é de outro mundo – o grande fantasma.

A vida real entra em nós em câmara lenta, inclusive o raciocínio o mais rigoroso – é sonho.

Nos sonhos dos acordados há uma ligeireza inconsequente de riacho borbulhante e coerente.

A morte me escapa.

O que escrevo agora não é para ninguém: é diretamente para o próprio escrever, esse escrever consome o escrever.

Nunca vi uma coisa mais solitária do que ter uma ideia original e nova. Não se é apoiado por ninguém e mal se acredita em si mesmo.

Quando fico feliz, me torno nervosa e agitada. A luz faísca brilhante demais para os meus pobres olhos.

Estou com a cabeça adormecida e as palavras saem de mim vindas de um fluxo que não é mental. Vazio como se fica quando se atinge o mais puro estado de pensar.

Brotar-se em pensamento é muito excitante, sensual.

Quanto a mim, mantenho secreto o meu estranho poder.

Às vezes o pensamento que brota dá cócegas de tão leve e inexprimível.

Meu pensamento é apenas o sussurro de minhas folhas e galhos.

Quando digo “pensar” refiro-me ao modo como sonho as palavras.

O “Nada” é o começo de uma disponibilidade livre.

Meu corpo está vivo e trabalha como uma usina que trabalhasse em absoluto silêncio.

Só Deus, que é energia criadora, poderia me ter feito com a perfeição do tesouro que eu tenho dentro de mim.

Estado de graça ou de vida está em realizar-se no mundo externo.

Vivo um vazio que se chama também plenitude. Não ter me cumula de bênçãos.

Já estou livre: escrevo para nada.

Quanto a mim, ponho minhas inexistentes barbas de molho, pois não sou boba.

Essa noite – de ventania – sonhei um sonho tão gratificante. Era um menino de 14 anos e uma menina de 13 que corriam um atrás do outro, se escondendo atrás

de árvores, e às gargalhadas, brincando. E eis que de repente eles param e mudos, graves, espantados se olham nos olhos: é que eles sabiam que um dia iriam amar.

A realidade é mais intangível que Deus.

A ação – eis o que o mágico visa! O mágico pretende substituir-se à Lei, seja em benefício próprio, seja em benefício de quem o contrata e o paga.

Só posso dizer quanto mais se escreve mais difícil é escrever.

Perdi o meu estilo: o que considero um lucro: quanto menos estilo se tiver, mais pura sai a nua palavra.

Eu antes era uma mulher que sabia distinguir as coisas quando as via. Mas agora cometi o erro grave de pensar.

Mas equilibro-me como posso entre mim e eu, entre mim e os homens, entre mim e o Deus.

Uma ou outra frase se salva das trevas e sobe leve e volátil à minha superfície: então anoto aqui.

A vontade tem que ser escondida se não mata o nervo vital do que se quer.

Quem sabe o que é certo está exatamente no erro?

A minha sombra é o meu avesso do “certo”, a minha sombra é o meu erro – e esta sombra-erro me pertence.

Sou a única pessoa no mundo que calhou ser eu.

Quero agora meus erros de volta. Reivindico-os.

Quero esquecer que existem leitores – e também leitores exigentes que esperam de mim não sei o quê. Pois vou tomar a minha liberdade nas mãos e escreverei pouco-se-me-dá-o-quê?

Eu sou apenas esporadicamente. O resto são palavras vazias, elas também esporádicas.

Sensibilizar a língua para que ela trema e estremeça e meu terremoto abra fendas assustadoras nessa língua livre.

Para começo de conversa, afianço que só se vive, vida mesmo, quando se aprende que até a mentira é verdade.

Recuso-me a dar provas. Mas se alguém insistir muito em “porquês”, digo: a mentira nasce em quem a cria e passa a fazer existirem novas mentiras de novas verdades.

Uma palavra é a mentira de outra.

Que acreditem em mim até quando minto.

Preciso ser um pouco imparcial senão sucumbo e me enredo na minha forma patética de viver.

Fisicamente tenho algo de patético: meus olhos grandes são infantilmente interrogativos ao mesmo tempo em que parecem pedir alguma coisa e meus lábios estão sempre entreabertos como se fica diante de uma surpresa ou então como quando o ar que se respira pelo nariz é insuficiente e então se respira pela boca: ou então como ficam os lábios quando estão prestes a serem beijados.

Eu sou, sem ter consciência disso, uma armadilha.

Sem o mínimo de apoio na base inicial de minha vida sou solta e periclitante e os acontecimentos vêm a mim como algo sempre descontínuo, não ligados a uma compreensão anterior à qual esses acontecimentos deviam ser uma sucessão inteligível.

Tudo é “por enquanto”.

Queria um modo de escrever delicadíssimo, esquizoide, esquivo verdadeiro que me revelasse a mim mesmo a face sem rugas da eternidade.

Obcecado pelo desejo de ser feliz eu perdi minha vida.

Como viver é secreto! Meu segredo é a vida.

Não conto a ninguém que estou viva.

Sinto fulgores de uma energia na translúcida palavra dourada chamada topázio.

Sou um mendigo de barba cheia de piolhos sentado na calçada da rua chorando. Não passo disso. Não estou alegre nem triste. Estou isento e incólume e gratuito.

Não consigo nunca captar o instante-zero em que adormeço.

Sou um crânio oco e de paredes vibrantes e cheio de névoas azuladas: estas são matéria de se dormir e sonhar e não de ser.

Experimento viver sem passado sem presente e sem futuro e eis-me aqui livre.

O mundo está tão alegre como um circo desvalido.

Se de repente o sol aparecesse eu daria um grito de pasmo e um mundo desabaria e nem daria tempo de todos fugirem da claridade.

Tenho uma tal fome de “coisa acontecer mesmo” que mordo num grito a realidade com os dentes dilacerantes.

Ao escrever não penso nem no leitor nem em mim: nessa hora sou – mas só de mim – sou as palavras propriamente ditas.

Às vezes me ocorre uma frase solta e faruscante, sem nada a ver com o resto de mim.

Dizer palavras sem sentido é minha grande liberdade.

Pouco me importa ser entendida, quero o impacto das sílabas ofuscantes, quero o nocivo de uma palavra má.

Na palavra está tudo. Quem me dera, porém, que eu não tivesse esse desejo errado de escrever.

Sinto que sou impulsionada. Por quem?

Sou de longe. Muito longe. E de mim vem o puro cheiro de querosene.

A palavra é o dejeto do pensamento.

Cada livro é sangue, é pus, é excremento, é coração retalhado, é nervos

fragmentados, é choque elétrico, é sangue coagulado escorrendo como lava fervendo pela montanha abaixo.

Não quero mais me expressar por palavras: quero por “beijo-te”.

Procuro para cada palavra o estalar inconsciente de um sentimento cruciante.

Estou me sentindo como sereia fora d’água. Na metade de mim as escamas são joias que refulgem ao sol da vida. Pois saí do mar para a vida. E me retorço sobre um penedo penteando meus longos cabelos salgados. Escrevi isso não sei por quê, acho que é para não deixar de anotar alguma coisa.

Que desaforo: me fazer esperar.

Me coisificam quando me chamam de escritor. Nunca fui e nunca serei. Recuso-me a ter papel de escriba no mundo.

Recebi uma vez uma carta anônima que me oferecia espiritualmente um recital de música contanto que eu continuasse a escrever. Resultado: parei completamente. Só quem manda em mim – eu é que sei.

Sou filha e sou mãe. E tenho em mim o vírus de cruel violência e dulcíssimo amor.

Meus filhos: eu vos amo com o meu pobre corpo e minha rica alma. E juro dizer a verdade e só a verdade.

Eu ponhei cada coisa em seu lugar. É isso mesmo: ponhei. Porque “pus” parece de ferida feia e marrom na perna de mendigo e a gente se sente tão culpada por causa da ferida com pus do mendigo e o mendigo somos nós, os degredados.

Tão delicado e estremecente como captar uma estação de música no rádio de pilhas. Mesmo pilha nova às vezes se nega. E de repente vem fraquinha ou fortíssima a abençoada estação que eu quero, lévida como um mosquito.

Quem já falou no barulhinho seco e breve que faz o fósforo quando se acende a brasa e alaranjada flama?

Estou esperando a inspiração de eu viver.

Eu gosto tanto de crianças, eu gostaria tanto de publicar um filho chamado João!

Enquanto isso, sua tapeçaria atual está indo: tece enquanto os amigos e amigas estão falando. Para evitar ficar de mãos abandonadas, fica tecendo horas e horas.

Nada do que vejo me pertence na sua essência. E o único uso que faço delas é olhar.

Ela é inconsequente. Só consegue anotar frases soltas. Só há um ponto em que ela, se fosse mesmo uma realizadora de vocação, teria continuidade: é o seu interesse em descobrir a aura volátil das coisas.

Sinto quando termino um livro: a pobreza da alma, e esgotamento das fontes de energia.

O estudo da coisa é abstrato demais.

Arranco as coisas de mim aos pedaços como o arpão fisga a baleia e lhe estraçalha a carne.

Gostaria de tirar a carne das palavras. Que cada palavra fosse um osso seco ao sol.

Às vezes escrever uma só linha basta para salvar o próprio coração.

Cada coisa tem o seu lugar. Que o digam as pirâmides do Egito.

No topo da pirâmide, quantos séculos, eu te contemplo, oh ignorância.

Sei qual é o segredo da esfinge. Ela não me devorou porque respondi certo à sua pergunta.

Sou um enigma para a esfinge e no entanto não a devorei. Decifra-me, disse eu à esfinge.

Não posso ficar olhando demais um objeto senão ele me deflagra.

Mais misteriosa do que a alma é a matéria.

Mais enigmática do que o pensamento é a “coisa”.

Palavra também é coisa – coisa volátil que eu pego no ar com a boca quando falo.

Quero gritar para o mundo: Nasci!!!

Mas se estamos numa época de mecanicismo, damos também o nosso grito espiritual.

Não, a vida não é uma opereta. É uma trágica ópera em que num balé fantástico se cruzam ovos, relógios, telefones, patinadores do gelo e o retrato de um desconhecido morto no ano de 1920.

O cachorro que há em mim late e há arrebentação da coisa fatal. Há fatalidade na minha vida.

Há muito aceitei o destino espaventado que é o meu. Obrigada. Muito obrigada, meu senhor. Vou embora: vou ao que é meu.

Meu coração está gélido que nem barulhinho de gelo em copo de uísque. Um dia eu falarei do gelo.

De nervosa quebrei um copo. E o mundo estourou.
E quebrei espelho. Mas não me olhei nele.

Vou fazer uma devassa das coisas. Espero que elas não se vinguem de mim. Perdoe-me, coisa, que sou pobre coitada.

Quando eu vejo, a coisa passa a existir. Eu vejo a coisa na coisa. Transmutação. Estou esculpindo com os olhos o que vejo.

A coisa propriamente dita é imaterial. O que se chama de “coisa” é a condensação sólida e visível de uma parte de sua aura.

A aura da coisa é diferente da aura da pessoa. A aura desta flui e reflui, se omite e se apresenta, se adoça ou se encoleriza em púrpura, explode e se implode. Enquanto a aura da coisa é igual a si mesma o tempo todo.

A aura qualifica as coisas. E a nós também. E aos animais que ganham um nome de raça e espécie.

A minha aura estremece fúlgida ao te ver.

Olhar a coisa na coisa: o seu significado íntimo como forma, sombra, aura, função. De agora em diante estudarei a profunda natureza morta dos objetos vistos com delicada superficialidade, e proposital, porque se não fosse superficial se afundaria em passado e futuro da coisa.

Quero apenas o estado presente da coisa ou nascida da natureza e das coisas feitas pelo homem. Esse sentir é uma revolução para mim de tão nova.

Quando eu olho eu esqueço que eu sou eu, esqueço que tenho um rosto que vibra e transformo-me todo num só forte olhar.

Como será a primeira primavera depois de minha morte?

A “coisa” é coisa propriamente estritamente a “coisa”.

A coisa não é triste nem alegre: é coisa.

A coisa tem em si um projeto. A coisa é exata. As coisas fazem o seguinte barulho: chpt! chpt! chpt!

Uma coisa é um ser vivente estropiado.

Não há nada mais só do que uma “coisa”.

A aura é a seiva da coisa.

A aura da coisa vem do avesso da coisa. Meu lado avesso é um esplendor de aveludada luz. Eu tenho telepatia com a coisa. Nossas auras se entrecruzam. A coisa é pelo avesso e contramão.

O espírito da coisa é a aura que rodeia as formas de seu corpo. É um halo. É um hálito. É um respirar. É uma manifestação. É o movimento liberto da coisa.

Eu amo os objetos vibráteis na sua imobilidade assim como eu sou parte da grande energia do mundo.

Tanta energia tenho eu, que ponho as coisas estáticas ou dotadas de movimento no mesmo plano energético. Tenho em mim, objeto que sou, um toque de

santidade enigmática.

Faço milagres em mim mesma: o milagre do transitorial mudar de repente, a um leve toque em mim, a mudar de repente de sentimento e pensamentos, e o milagre de ver tudo claríssimo e oco: vejo a luminosidade sem tema, sem história, sem fatos. Faço grande esforço para não ter o pior dos sentimentos: o de que nada vale nada.

Tenho um problema: é o seguinte: quanto tempo duram as coisas? Se eu deixar uma folha de papel num quarto fechado ela atinge a eternidade?

Pergunto-te em que reino estiveste de noite. E a resposta é: estive no reino do que é livre, respirei a magna solidão do escuro e debrucei-me à beira da lua.

Noite alta fazia tal silêncio. Igual ao silêncio de um objeto pousado em cima de uma mesa: silêncio asséptico de “a coisa”.

Existe grande silêncio no som de uma flauta: esta desenrola lonjuras de espaços ocos de negro silêncio até o fim do tempo.

Como fazer um discurso do que não passa apenas de grito ou doçura ou nada ou doideira ou vago ideal?

Ao lado da vontade de método, desejo o riso ou o choro como chuvas passageiras de verão.

Sou matéria-prima não trabalhada.

Sou uma mulher objeto e minha aura é vermelha vibrante e competente.

Sou um objeto que vê outros objetos. Uns são meus irmãos e outros inimigos.

Sou um objeto que me sirvo de outros objetos, que os usufrui ou os rejeita.

Meu rosto é um objeto tão visível que tenho vergonha.

Entendo as belas mulheres árabes que têm a sabedoria de esconder nariz e boca com um véu ou um crepe branco. Ou roxo. Assim ficam de fora apenas os olhos que refletem outros objetos. O olhar ganha então um tão terrível mistério que parece um vórtice de abismo.

Esse rosto-objeto tem um nariz pequeno e arredondado que serve a esse objeto que sou para farejar que nem cão de caça.

Tenho uns segredos: meus olhos são verdes tão escuros que se confundem com o negro. Em fotografia desse rosto de que eu vos falo com certa solenidade os olhos se negam a ser verdes: fotografada sai uma cara estranha de olhos pretos e levemente orientais.

Minha pesadez precisa da aventura da adivinhação.

Este ser que me chama à luz, como eu o bendirei!

Eu me abri e você de mim nasceu. Um dia eu me abri e você nasceu para você mesmo. Quanto ouro correu. E quanto rico sangue se derramou. Mas valeu a pena: és pérola de meu coração que tem forma de sino de pura prata. Eu me esvaí. E tu nasceste. E me apaguei para que tu tivesses a liberdade de um deus. És pagão mas tens a bênção da mãe.

Hasteia a bandeira, filho, na hora de minha sagrada morte.

Venho de longe como o silente Ravel.

Sou um retrato que te olha.

Mãe é doida. É tão doida que dela nasceram filhos.

Meu biombo é o meu modo de olhar o mundo! entre-frechas.

Não tenho do que me nutrir: eu como a mim mesmo.

O deserto é um modo de ser. É um estado-coisa. De dia é tórrido e sem nenhuma piedade. É a terra-coisa. A coisa seca em milhares e milhares de trilhões de grãos de areia. De noite? Como é gélido esse lençol de ar que se crispa trêmulo de frio intensíssimo de uma intensidade quase insuportável. A cor do deserto é uma não cor. As areias não são brancas, são cor de sujo. E as dunas, que como ecos se ondulam femininas. De dia o ar faísca. E há as miragens. Vê-se – por tanto querer ver – um oásis de terra úmida e fértil, palmeiras e água, sombra, enfim sombra para os olhos que ao sol doido se tornam verde-esmeralda. Mas quando se chega perto – bem: simplesmente não era. Não passava de uma criação do sol na cabeça descoberta. O corpo tem pena do corpo. Eu sou uma miragem: de

tanto querer ver-me eu me vejo.

Ah, os areais do deserto do Saara me parecem longamente adormecidos, intransformáveis pelo passar dos dias e das noites. Se suas areias fossem brancas ou coloridas, elas teriam “fatos” e “acontecimentos”, o que encurtaria o tempo. Mas da cor que são, nada acontece. E quando acontece, acontece um rígido cacto imóvel, grosso, intumescido, espinhento, eriçado, intratável. O cacto é cheio de raiva com dedos todos retorcidos e é impossível acarinhá-lo: ele te odeia em cada espinho espetado porque dói-lhe no corpo esse mesmo espinho cuja primeira espetada foi na sua própria grossa carne.

Tenho o poder da miragem.

Uma vida dura é uma vida que parece mais longa.

Assim, me surpreendo como é que hoje já é maio, se ontem era fevereiro?

Não tenho uma só resposta. Mas tenho mais perguntas do que outro homem pudesse responder.

Também me umedecem as palavras “poço” e “caramanchão”.

Queria escrever frases que me extradissessem, frases soltas: “a lua de madrugada”, “jardins e jardins em sombra”, “doçuras adstringentes do mel”, “cristais que se quebram com musical fragor de desastre”. Ou então usar palavras que me vêm do meu desconhecido: trapilíssima avante sine qua non masioty – ai de nós e você.

Você é a minha vela acesa. Eu sou a Noite.

O que escrevo é um trabalho intenso e básico, tolo como certas experiências inúteis por não colaborarem com o futuro.

A um agora segue-se outro agora e etc. e tal.

Comprei uma coisa pela qual perdidamente me apaixonei: o preço não importa, esse objeto vale o ar.

A alegria é um cristal.

Nada precisa ter forma.

Nunca lhe ocorreu ter pena de um objeto? Tenho uma caixa de prata de tamanho médio e sinto por ela piedade. Não sei o que nesse silente objeto imóvel me faz entender-lhe a solidão e o castigo da eternidade. Não ponho nada dentro da caixa para que ela não tenha carga.

A coisa maior que se pode ter é a casa. Beethoven compreendeu isso e fez uma abertura sinfônica resplandecente chamada “A Consagração da Casa”.

Um dos modos de viver mais é o de usar os sentidos num campo que não é propriamente o deles. Por exemplo: eu vejo uma mesa de mármore que é naturalmente para ser vista. Mas eu passo a mão o mais sutilmente possível pela forma da mesa, sinto-lhe o frio, imagino-lhe um cheiro de “coisa” que o mármore deve ter, cheiro que para nós ultrapassa a barreira do faro e nós não conseguimos senti-lo pelo olfato.

O bule de chá tão esguio, elegante e cheio de graça. Sim, mas tudo isso num instante passa, e o que fica é um bule velho e um pouquinho lascado, objeto ordinário.

Se eu fosse Deus eu veria o homem, à sua distância, como coisa.

O relógio é um objeto torturante: parece algemado ao tempo. Os ponteiros dos segundos, se a gente ficar olhando eles se mexerem mecanicamente e inexoravelmente, nos deixam fanáticos.

Escrever é o mesmo processo do ato de sonhar: vão-se formando imagens, cores, atos, e sobretudo uma atmosfera de sonho que parece uma cor e não uma palavra.

Exemplo de frase enigmática e totalmente hermética como uma coisa fechada: “calibrar os pneus”. Essas palavras me encantam e me seduzem. Calibrar é dar calibre, pois não? Sim. Então quando vejo num caminhão uma placa dizendo: “Inflamável” – então me encho de glória.

A mecânica da borboleta. Antes é o ovo. Depois este se quebra e sai um lagarto. Esse lagarto é hermeticamente fechado. Ele se isola em cima de uma folha. Dentro dele há um casulo. Mas o lagarto é opaco. Até que vai se tornando transparente. Sua aura resplandece, ele fica cheio de cores. Então da lagarta que

se abre saem primeiro as perninhas frágeis. Depois sai a borboleta inteira. Então a borboleta abre lentamente suas asas sobre a folha – e sai a borboletear feito uma doidinha levíssima e alegríssima. Sua vida é breve mas intensa. Sua mecânica é matemática alta.

Ela faz de uma borboleta uma epopeia. E é inortodoxa.

Vejo a morte sorrindo no teu rosto lindo como a marca fatal do rosto de Cristo no pano de Verônica.

Se a gente ficasse em silêncio – de repente nasce um ovo. Ovo alquímico. E eu nasço e estou partindo com meu belo bico a casca seca do ovo. Nasci! Nasci! Nasci!

Vou experimentar tudo o que possa,
não quero me ausentar do mundo.

Quem não tem coisas para pôr fora na rua
as coisas que não prestam?

A sucata é o lixo mais bonito que existe.

Só os vira-latas me entendem.

O número é-se.

Um vaso com pálidas rosas já meio murchas é uma coisa fantasmagórica e que profundamente me assusta ao me pegar desprevenida. Elas ameaçam soltar no ar a própria aura que se torna fantasma.

A quina da mesa é arma fatídica. Se você for jogado contra, você se dobra em dois de dor. Mesa redonda é sonsa. Mas não oferece perigo: ela é meio misteriosa, ela sorri ligeiramente.

Não se deve viver em luxo. No luxo a gente se torna um objeto que por sua vez tem objetos. Só se vê a “coisa” quando se leva uma vida monástica ou pelo menos sóbria.
O espírito pode viver a pão e água.

Colar de pérolas precisa estar em contacto com a pele da gente para receber

nosso calor. Senão fenece.

Meu Deus, como é perigoso o lingote de ouro.
Homens matam por um tijolo amarelo.

Mulher se vende por um diamante. E ávida pede mais: quer uma estola bem larga de morno vison.

O brilhante é poeticamente irresponsável, enquanto o diamante-pedra é circunspecto e estável.

O broche é um ponto final.

Brinco de ouro é um “isto” qualquer, é um istozinho sem maior importância. A menos que seja bola redonda de ouro: então é posse e é atividade.

Entre parênteses é o anel de diamantes engastado em ouro branco porque diz em segredo um “eu-te-amo” em grego.

As princesinhas enfeitam com delicados diademas o rostinho fresco, inocente, mas capaz de crueldade.

Maria Antonieta coroada e linda, meses antes de ter a cabeça decepada e rolada no chão da rua, disse alto e cantante: se o povo não tem pão por que não come bolo? E a resposta foi: allons enfants de la patrie, le jour de gloire est arrivé. O povo devorou o que pôde e comeu joias e comeu lixo e gargalhou. Enquanto isso o rosto branquíssimo de Maria Antonieta mostrava silêncio de pérola na cabeça sem cabelos e sem pescoço.

O jade é a minha espada desembainhada pelo haraquiri de minha humilde alma orgulhosa que se mata porque tem muito pouco de tudo, é paupérrima, mas tem o orgulho soberano da morte.

E agora vou dizer uma coisa muito séria, preste atenção: caco de vidro é joia rara. E o espatifo dele é som de se ouvir ajoelhado que nem som de sinos.

E a safira? tem um reflexo que cega os olhos dos incautos que a compram como se fossem brilhantes. Eu nunca vi uma safira. Só sei por ouvir falar. Mas no dia em que eu me defrontar com uma safira – ah! vai ser espada contra espada e vamos ver se é de mim que o sangue há de jorrar.

Prefiro joia barata de mulher pobre que compra na feira seus brilhantes leivados da mais pura água dos esgotos turvos.

Água-marinha? meu primeiro namoradinho tinha olhos azuis de água-marinha. Mas eu não chegava perto dele: tinha medo. Porque água quieta é água funda e me dava calafrios.

Cuidado que a Natureza pensa.

Um objeto envelhece porque tem dentro de si dinâmica.

Fiz o que era mais urgente: uma prece.

Tenho medo de mim pois sou sempre apta a poder sofrer.

Se eu não me amar estarei perdida –
porque ninguém me ama a ponto de ser eu, de me ser.
Tenho que me querer para dar alguma coisa a mim.

Oh protegei-me de mim mesma, que me persigo.

É tão bom ter a quem pedir. Nem me incomodo muito se eu não for totalmente atendida.

Peço a Deus tudo o que eu quero e preciso. É o que me cabe. Ser ou não ser atendida – isso não me cabe a mim, isto já é matéria-mágica que se me dá ou se retrai.

Ah, sabedoria divina que me faz mover-me sem que eu saiba para que servem as pernas.

Acho que Deus não sabe que existe. Tenho quase a certeza de que não. E daí vem a sua veemente força.

Apenas me responsabilizo pelo que há de voluntário em mim e que é muito pouco.

Não sei qual é a moda atual mas sei que é hora de sexo e violência.

Tem uma passagem estreita dentro de mim, tão estreita que suas paredes me

lanham toda, mas essa passagem desemboca na largura de Deus.

Posso me encontrar com eu, em pé de igualdade.

Um dom que me comove: o dom do erro.

Os maus é que têm que ser perdoados.
Os inocentes têm em si mesmos o perdão.

Mal consigo viver comigo mesmo. Faço quase o impossível para ter isenção. Isenção de mim. Estou quase atingindo esse estado de beatitude.

Deus é como ouvir música: repleta o ser.

Deixo em branco uma página ou o resto do livro – voltarei quando puder.

Meus desejos são baixos?
ai de mim, que tenho infeliz corpo insatisfeito.

Oh Deus dos desesperados, me ache, você tem poder para distinguir a minha pequena parte nobre que mal faísca entre o comum cascalho, me ache!

O corpo antes todo fraco e trêmulo tomou um vigor de recém-nascido no seu primeiro grito esplástico no mundo da luz.

Chamo Deus como ele quer ser chamado. É assim: eu abro a boca e como modo de chamá-lo deixo sair de mim um som. Este som é simples. E tem a ver com o sopro vital. O som limita-se a ser apenas o seguinte: Ah.

Meditar é um vício, pega-se o gosto.

E o resultado da meditação é Ah, o que faz de nós deuses. Está muito bem mas agora me diga para que sermos Deuses ou Humanos?

Tem alguém que espera atrás de nosso ombro esquerdo para nos tocar e para que digamos Ah.

Quando eu digo te amo, estou me amando em você.

A coisa mais perfeita que existe no universo é o ar. O ar é o Deus acessível a nós.

Não escondo nenhuma das cartas. E se tenho algum estilo, este que venha e apareça porque eu não vou em busca dele.

Fui convidado para assistir um parto mas não tenho força de assistir o dramático nascimento da aurora nas montanhas quando o sol é de fogo.

Todo nascimento é uma crueldade. Devia-se deixar dormir o que quer dormir.

Minha maldade vem do mau acomodamento da alma no corpo. Ela é apertada, falta-lhe espaço interior.

Não se deixou dobrar nenhuma vez em quatro patas pela dor de existir, essa dor a que de vez em quando devemos obedecer para continuar a viver como um bom burguês.

Pergunto a Deus: por que os outros? E Ele me responde: por que você? às nossas perguntas Deus responde com pergunta maior e assim nos alargamos em espasmos para uma criança em nós nascer.

Deus que é o nada-tudo rebrilha numa fulgência suave de um eterno presente, durmamos pois até a semana que vem.

E eu? Será que não serei meu próprio personagem? Será que eu me invento? Só sei de mim que eu sou o produto de um pai e de uma mãe. É tudo que sei sobre a criação e a vida.

Nós queremos penetrar no reino de Deus pelos pecados porque se não fosse o pecado não haveria perdão e não conseguiríamos chegar até Ele.

Refugiei-me na doideira porque a razão não me bastava.

Eu espero o que está acontecendo.
Este é meu único futuro e passado.

Não servir de nada é a liberdade. Ter um sentido seria nos amesquinhar, nós somos gratuitamente apenas pelo prazer de ser.

Felicidade se resume em sentir com alívio um Ah, então ergamos as nossas taças e modestamente brindemos um Ah a Deus.

Se bem que me custe terminar dói tanto a despedida não é?

Presto atenção só por prestar atenção: no fundo não quero saber.

Deus é abstrato. Esta é a nossa tragédia.

Sou como as cigarras que explodem de tanto cantar.

Poderia me matar de tanto desespero pelo desespero? Não. Eu recuso matar-me. Quero viver até me tornar um ser velho, meditativo, comatoso de lucidez mais profunda até indizível e inalcançável do semicoma senil.

O difícil e finalmente atingível é a semi-inconsciente letargia e atual – sem passado nem futuro: como para um drogado de morfina. É um estado de verdade inelutável e sem frases. Este estado é leitoso e azulado com pontilhaços rubros e faiscantes.

Eu te escrevo para que além da superfície íntima em que vivemos conheças o meu prolongado uivo de lobo nas montanhas.

Eu me destilei todo: estou limpo que nem água de chuva.

O autor que tenha medo da popularidade, senão será derrotado pelo triunfo.

A fome é sempre igual à primeira fome.
A carência se renova inteira e vazia.

Na hora do acontecimento não aproveito nada.
E depois vem uma ilógica saudade.

Mas é que o tempo presente, como a luz de uma estrela,
só depois é que me atingirá em anos-luz.

Parece-me que só sou sensível e alerta na recordação.

Esqueço muito por necessidade. Inclusive estou tentando e conseguindo esquecer-me de mim mesmo, de mim minutos antes, de mim esqueço o meu futuro.

Sou nu.

Quando me pergunto se o futuro me preocupa, respondo atônita ou fazendo-me de fingida: o futuro? mas que futuro? o futuro não existe. Sou complicada? Não, eu sou simples como Bach!

Tenho medo do instante que é sempre único.

Eu quero dez anos de garantia. Tenho medo de ter fim trágico.

Estou com fome. E então como três pétalas de rosa amarela.

Há coisas secretas que eu sei como fazê-las. Por exemplo: ficar sentada sentindo o Tempo. Estou no presente? Ou estou no passado? E se eu estivesse no futuro? Que glória. Ou sou um estilhaço de coisa, portanto sem tempo.

Falta enredo e suspense e mistério e ponto culminante o sentido de tempo decorrendo.

Até sábado eu vivo.

Duas horas e vinte minutos não é hora para nada sobretudo no sábado.

Vou falar no ano 3000 – socorro! E o ano 40000? Estou com medo.

No ano 40000 estou tão morta. Que nem você.
Cuidado, muito cuidado, meu senhor.

Sou por acaso por avesso? Não, que Deus me acuda. Quero ser pelo lado direito, está bem? Mas está tão difícil.

Você – digo a qualquer pessoa – você é culpado das formigas que roerem minha boca destroçada pelo mecanismo da vida.

A vida é tal modo crua e nua que mais vale um cachorro vivo que um homem morto.

Acendo uma vela para a memória do homem sepulto. Era tão perfeito que morreu.

Sempre quis atingir um estado de paz e de não luta. Eu pensava que era o estado ideal. Mas acontece que – que sou eu sem a minha luta? Não, não sei ter paz.

Minha pergunta é do tamanho do Universo. E a única resposta que me preenche a indagação é o próprio Universo.

Tenho porém um medo: é que se eu procurar não acharei.

Não é contraditório se concretizar e se abstrair.

Será que, depois que a gente morre,
de vez em quando acorda espantado?

Há um mistério num copo d'água: eu olhando a água tranquila parece que leio nela a substância da vida.

O futuro já está comigo e não vai me desatualizar.

Sinto uma beleza quase insuportável e indescritível. Como um ar estrelado, como a forma informe, como o não ser existindo, como a respiração esplêndida de um animal.

Enquanto eu viver terei de vez em quando a quase-não-sensação do que não se pode nomear.

Gostaria de viver exclusivamente da meditação tola e fecunda na contemplação da morte e de Deus.

Transportai-me eu vos suplico, eu não quero ser mais eu mesmo, eu sei que não sou mais eu mesmo. Eu sou vós.

Sinto necessidade de arriscar minha vida.

Meu amor, tateei no escuro das palavras para achar a tua.

E a resposta é: a fome me justifica.

O que me sustenta é a necessidade.
A necessidade me faz criar um futuro.

O desejo é algo primitivo, grave e que impulsiona.

Sou acompanhada por órgão e também por flauta doce.
A flauta em espiral. E sou muito tango também.

Tenho a impressão de que alguém vive a minha vida, que o que se passa nada tem a ver comigo, há uma mola mecânica em alguma parte de mim.

Eu quero simplesmente isto: o impossível. Ver Deus.

Há em minha volta tantos movimentos que eu os pensei: a morte me espera.

Já aprendeu a aceitar suas crises de medo: quando vêm ela se imobiliza de olhos fechados e procura se esquecer de si a ponto de ser um nada insensível.

Nunca chego a uma imersão total. Ah no dia em que eu me largasse inteiro – é o que espero.

Ser feliz é uma responsabilidade muito grande.
Pouca gente tem coragem.
Tenho coragem mas com um pouco de medo.
Pessoa feliz é quem aceitou a morte.
Quando estou feliz demais, sinto uma angústia amordaçante: assusto-me.

Tenho medo de estar viva porque quem tem vida um dia morre.

Os instintos exigentes, a alma cruel, a crueza dos que não têm pudor, as leis a obedecer, o assassinato – tudo isso me dá vertigem como há pessoas que desmaiam ao ver sangue.

Assusta-me quando num relance vejo as entranhas do espírito dos outros.

Tenho medo da lei natural que a gente chama de Deus.

Não fazer nada pode ser ainda a solução.

Quero para o meu corpo a roupa boa, a comida selecionada francesa, dinheiro para viajar, amante para eu amar livremente, esposa para cuidar de mim. Mas tudo isso conservando minha alma de monge.

Tenho-tenho-que me ouvir: é que eu não me disse ainda certas coisas que são misteriosas e sagradas mas com gosto de sangue na boca.

Onde está o centro único da polpa da fruta para eu morder?

Morrer por causa de uma palavra? Se essa palavra for cheia de si mesma e fonte de sonho – então vale a pena morrer por causa dela.

Não preciso de nada – plurificado pela simplicidade nua.

Calar-se é nascer de novo.

Hoje tomei um táxi e meu ar de Cristo fez com que o chofer de outro táxi me olhasse assustadíssimo quatro vezes. Oh humana face que deve ser a minha e é a tua.

A morte não é um fato é uma sensação que já devia estar comigo. Mas eu ainda não a alcancei.

Depois que vivo é que sei que vivi. Na hora o viver me escapa.

Eu me escapo de mim mesma.

Às vezes eu me apresso em acabar um episódio íntimo de vida, para poder captá-lo em recordações, e para, mais do que ter vivido, viver. Um viver que já foi.

Minha tia Sinhá morreu de morte alegre. Ela riu na hora de morrer. Pode-se dizer que morreu de rir.

Neste exato instante morre alguém. Isso me perturba, esse último suspiro, e na Irlanda nasce um forte menino ruivo. É como se me avisassem. Eu digo bom-dia ao robusto garoto.

Há um dedo que me aponta e me faz viver à beira da morte.
Dedo de quem?

Estarei viva na próxima copa do mundo? Espero que não, meu Deus, a morte me chama, toda atraente e toda bela.

Fui feita para morrer.

Não estou à altura do presente: este me ultrapassa um pouco.

De mim pode-se dizer: “ela não sabe aproveitar.”

Deus me disse: vem. E eu fui toda gelada. O êxtase do apocalipse.

Mereço uma condecoração por viver cada dia e cada noite trezentos e sessenta e cinco dias de suplício de tempo.

Meu Deus, me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios de Tua presença. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. Faça com que eu seja a Tua amante humilde, entrelaçada a Ti em êxtase. Faça com que eu possa falar com este vazio tremendo e receber como resposta o amor materno que nutre e embala. Faça com que eu tenha a coragem de Te amar, sem odiar as Tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo. Faça com que a solidão não me destrua. Faça com que minha solidão me sirva de companhia. Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar. Faça com que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo. Receba em teus braços o meu pecado de pensar.

Salve-se quem puder porque para todas as horas
é sempre chegada a hora.

Ninguém descansa em cadeira de dentista.

No mais fundo da escura podridão brilha límpida e fascinante a Grande Esmeralda.

O prazer é o máximo da veracidade de um ser.
É a única luta contra a morte.

Misteriosamente a gente cumpre os rituais da vida.

Doidice deliciosa escrever 13 em número e não em palavras.

Estou grave como a fome.

Não sou juiz não, meu senhor. Sou viola doce.
Melhor que Carl Orff é o silêncio. Gol.

A morte será o meu maior acontecimento individual.

A morte é uma atitude bíblica.

A parada do coração não dura nada.
É a mais ínfima fração de um segundo.

Uma pedra vista como pedra, aí é que se torna pedra com sua eternidade relativa.

Ela está desaparelhada para entender de que espécie de estranha vida inaugural se segue com uma simplicidade inimitável essa vida depois da morte.

Sem falar na teoria da física da antimatéria, tudo tem verso e reverso, tudo tem sim e tem não, tem luz e tem trevas, tem carne e espírito, será nessa antimatéria que cairemos depois de mortos?

Como se explica que cada corpo nascido tenha espírito?

Viver é o meu código e o meu enigma.

Não sabia que o perigo é o que torna preciosa a vida.

O futuro me chama danadamente – é para lá que eu vou.

Quando penso que um dia vou morrer
me dobro em duas de tanto rir.

A vida é uma piada. Mas meu rumo certo todos sabem qual é.

Olho para a cara da pessoa e vejo: ela vai morrer.

Esta noite tive um sonho dentro de um sonho. Sonhei que estava calmamente assistindo artistas trabalharem no palco. E por uma porta que não era bem fechada entraram homens com metralhadoras e mataram todos os artistas. Comecei a chorar: não queria que eles estivessem mortos. Então os artistas se levantaram do chão e me disseram: nós não estamos mortos na vida real, só como artistas, fazia parte do show esse morticínio.

Na vida nós somos artistas de uma peça de teatro absurdo escrita por um Deus absurdo.

Sei lá, sei apenas que gosto de brilhantes e de jade.

Não pense que escrevo aqui o meu mais íntimo segredo pois há segredos que eu não conto nem a mim mesma.

Não é só o último segredo que não revelo: há muitos segredinhos primários que

eu deixo que se mantenham em enigma.

Ontem o mundo me expulsou da vida. Hoje a vida nasceu.
Ventania, muita ventania. Que instabilidade. Me muero.
Vivo no futuro da ventania.

Vivo agora e o resto que vá para a puta que o pariu.

Há velhos que morrem na primavera,
não aguentam a arrebentação da terra.

Eu quero uma morte elegante. Aliás já morri e não soube.
Sou o meu fantasma inquietante.

Eu te vivo como se a morte já nos tivesse separado.
Tal a saudade que tenho de ti.

Queria poder viver tudo de uma só vez e não ficar vivendo aos poucos. Mas aí viria a Morte.

Quando eu morrer não saberei o que fazer de mim.

Deve haver um modo de não se morrer, só que eu ainda não descobri. Pelo menos não morrer em vida: só morrer depois da morte.

O mundo está ficando cada vez mais perigoso para mim.
Depois de morta, cessará o perigo periclitante.

Respirar é coisa de magia.

Quase que já sei como será depois de minha morte.
A sala vazia o cachorro a ponto de morrer de saudade.

Se me perguntarem se existe vida da alma depois da morte, respondo, bem sei que misteriosamente, por que não o mistério, se a coisa é mesmo misteriosa – respondo num hesitante esquema: existe mas não me é dado saber de que forma essa alma viverá. Ninguém ainda descobriu o estado de coisas depois da morte – porque é impossível imaginar qual seria a atitude do Deus, o mesmo Deus que inexplicavelmente para nós faz uma semente brotar. Eu não sei como a semente brota, eu não sei por que este céu azul, eu não sei para que esta minha vida

porque tudo isso acontece de um modo que a minha mente humana desconhece. Vivo sem explicação possível. Eu que não tenho sinônimo.

Sinto-me magnífico e solitário entre a vida e a morte.

A humanidade está ficando dura.
Os fatos estão ficando contundentes.

A incomunicabilidade de si para si mesmo é o grande vórtice do nada.

Se eu não acho um modo de falar a mim mesmo a palavra me sufoca a garganta atravessando-a como uma pedra não deglutida. Eu quero ter acesso a mim mesmo na hora em que eu quiser como quem abre as portas e entra.

Na hora de minha morte – que é que eu faço? Me ensinem como é que se morre. Eu não sei.

Quero a coisa prima. Quero a pedra que não foi esculpida.

Eu me curei da morte. Nunca mais morri.

Pensar é tão imaterial que nem palavras tem.

Nunca se esquecer, quando se tem uma dor, que a dor passará: nunca se esquecer que, quando se morre, a morte passará. Não se morre eternamente. É só uma vez, e dura um instante.

A grandiosidade da vida é lançar-se.

“Quero morrer” contigo de amor.

Procuro alguém para lhe salvar a vida.

Um lugar do mundo está esperando que eu o habite.

Em algum lugar do mundo alguém está esperando por mim.

Só depois que você morrer é que vou te amar totalmente. Preciso de toda a tua vida para que eu a ame como se fosse minha.

Há um modo de ver que arrepia. O óbvio esquecido e espartano: vence o mais

forte.

Era um dia um homem que andou, andou e andou e parou e bebeu água gelada de uma fonte. Então sentou-se numa pedra e repousou o seu cajado. Esse homem era eu. E Deus estava em paz.

Está amanhecendo: ouço os galos.

Eu estou amanhecendo.

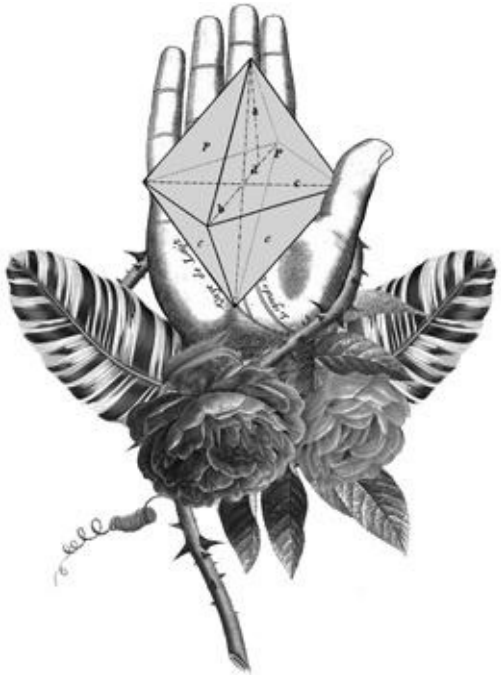
O único jeito é solidarizar-se?
Mas “solidariedade” contém eu sei a palavra “só”.

Se a voz de Deus se manifesta no silêncio, eu também me calo silencioso.
Adeus.

Quanto a mim, estou. Sim.

PARTE II

A hora da estrela



Dedico-me à saudade de minha antiga pobreza, quando tudo era mais sóbrio e digno e eu nunca havia comido lagosta.

Dedico-me às vésperas de hoje e a hoje, ao transparente véu de Debussy, a Marlos Nobre, a Prokofiev, a Carl Orff, a Schönberg, aos dodecafônicos, aos gritos rascantes dos eletrônicos – a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu. Esse eu que é vós.

Não aguento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim que é que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação.

Meditar não precisa de ter resultados: a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada.

O que me atrapalha a vida é escrever.

Sei de muita coisa que não vi. E vós também. Não se pode dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar. Acreditar chorando.

Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê. Vós?

Uma história em tecnicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso. Amém para nós todos.

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida.

Da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.

Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade
através de muito trabalho.

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta
continuarei a escrever.

Como começar pelo início, se as coisas acontecem
antes de acontecer?

Pensar é um ato. Sentir é um fato.

Deus é o mundo.

A verdade é sempre um contato interior e inexplicável.

A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique.

Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulsar.

Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.

Estou escrevendo na hora mesma em que sou lido.

Todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro.

Peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.

Sei das coisas por estar vivendo.

Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe.

Experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo.

Um meio de obter é não procurar.

Palavra é ação, concordais?

Quem já não se perguntou:
sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?

Quem se indaga é incompleto.

Fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir.

Escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida.

Palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão.

Este livro é feito sem palavras.

Este livro é um silêncio.

Este livro é uma pergunta.

O que amadurece plenamente pode apodrecer.

Pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa.

O que escrevo não pede favor a ninguém e não implora socorro: aguenta-se na sua chamada dor com uma dignidade de barão.

Só escrevo o que quero, não sou um profissional.

Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura.

Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se-a.

Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo.

Jamais se esquece a pessoa com quem se dormiu.

A eternidade é o estado das coisas neste momento.

Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto.

Minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto.

A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim.

Quero experimentar pelo menos uma vez a falta de gosto que dizem ter a hóstia.

Nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela.

Existir é coisa de doido, caso de loucura.

Existir não é lógico.

O que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim.
Tenho é que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca.

Não me sinto com o poder de livremente inventar:
sigo uma oculta linha fatal.

Não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias.

Tudo o que estou agora escrevendo é acompanhado pelo rufar enfático de um tambor batido por um soldado.

É que de repente o figurativo me fascinou:
crio a ação humana e estremeço.

Entre os fatos há um sussurro. É o sussurro o que me impressiona.

Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem.

Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus.

Era lá tola de perguntar? E de receber um “não” na cara?

É assim porque é assim. Existe no mundo outra resposta?
Se alguém sabe de uma melhor, que se apresente e a diga,
estou há anos esperando.

Até no capim vagabundo há desejo de sol.

Na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.

Pois que vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende.

É paixão minha ser o outro.

Prefiro a verdade que há no prenúncio.

Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente.

Quando acaricio a cabeça de meu cão – sei que ele não exige que eu faça sentido ou me explique.

Defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. Essa economia lhe dava alguma segurança pois, quem cai, do chão não passa.

Uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu?
Assustou-se tanto que parou completamente de pensar.

Sou gratuito e pago as contas de luz, gás e telefone.

Ela era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos.
Eram vida.

Já que sou, o jeito é ser.

Sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco é um encontro.

Por pior a infância é sempre encantada, que susto.

Na certa mereceria um dia o céu dos oblíquos onde só entra quem é torto.

(Quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo.)

Devo dizer que ela era doida por soldado? Pois era. Quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar?

Quem não é um acaso na vida?

E eu? De mim só se sabe que respiro.

Terei castigo de morte por falar de uma vida que contém como todas as nossas vidas um segredo inviolável?

Que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só.

Ele era bonito além do possível equilíbrio de uma pessoa.

Às vezes só a mentira salva.

Que os mortos me ajudem a suportar o quase insuportável, já que de nada me valem os vivos.

O rinoceronte lhe pareceu um erro de Deus, que me perdoe por favor, sim? Mas não pensara em Deus nenhum, era apenas um modo de.

Será que o meu ofício doloroso é o de adivinhar na carne a verdade que ninguém quer enxergar?

E quando se presta atenção espontânea e virgem de imposições, quando se presta atenção a cara diz quase tudo.

Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver.

Ela não se sabia explicar. Transformara-se em simplicidade orgânica.

Não se conta tudo porque o tudo é um oco nada.

Sangue é a coisa secreta de cada um, a tragédia vivificante.

Fatos são pedras duras. Não há como fugir. Fatos são palavras ditas pelo mundo.

Desde Moisés se sabe que a palavra é divina.

Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa.

Uma pessoa grávida de futuro.

Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez!

E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a – e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho.

Pelo menos não falei e nem falarei em morte e sim apenas um atropelamento.

(A verdade é sempre um contato interior inexplicável.
A verdade é irreconhecível. Portanto não existe?
Não, para os homens não existe.)

Ela sofria? Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue.

Pergunto: toda história que já se escreveu no mundo é história de aflições?

Mas quem sou eu para censurar os culpados? O pior é que preciso perdoá-los. É necessário chegar a tal nada que indiferentemente se ame ou não se ame o criminoso que nos mata.

Mas não estou seguro de mim mesmo: preciso perguntar, embora não saiba a quem, se devo mesmo amar aquele que me trucida e perguntar quem de vós me trucida.

(Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, joias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final.)

Só agora entendo e só agora brotou-se-me o sentido secreto: o violino é um aviso.

Sei que quando eu morrer vou ouvir o violino do homem e pedirei música, música, música.

Eu me uso como forma de conhecimento.

Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti.

Por quê? Resposta: é assim porque assim é. Sempre foi? Sempre será. E se não foi? Mas eu estou dizendo que é. Pois.

Há momentos em que a pessoa está precisando de uma pequena mortezinha e sem nem ao menos saber.

Simbolicamente morro várias vezes só para experimentar a ressurreição.

Interrompam o que estão fazendo para soprar-lhe vida, pois Macabéa está por enquanto solta no acaso como a porta balançando ao vento no infinito.

Eu poderia resolver pelo caminho mais fácil, matar a menina-infante, mas quero o pior: a vida.

Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago.

Irei até onde o ar termina, irei até onde a grande ventania se solta uivando, irei até onde o vácuo faz uma curva, irei aonde meu fôlego me levar.

Meu fôlego me leva a Deus? Estou tão puro que nada sei. Só uma coisa eu sei: não preciso ter piedade de Deus. Ou preciso?

A morte que é nesta história o meu personagem predileto.

Havia certa sensualidade no modo como se encolhera. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual?

As coisas são sempre vésperas e se ela não morre agora está como nós na véspera de morrer, perdoai-me lembrar-vos porque quanto a mim não me perdoo a clarividência.

Mulher nasce mulher desde o primeiro vagido.

E então – então o súbito grito estertorado de uma gaivota, de repente a águia voraz erguendo para os altos ares a ovelha tenra, o macio gato estraçalhando um rato sujo e qualquer, a vida come a vida.

Macabéa morreu. Vencera o Príncipe das Trevas. Enfim a coroação.

Basta descobrir a verdade que ela logo já não é mais:
passou o momento.

Pergunto: o que é? Resposta: não é.

Que não se lamentem os mortos: eles sabem o que fazem.

Quero que me lavem as mãos e os pés e depois – depois que os untem com óleos santos de tanto perfume. Ah que vontade de alegria.

O melhor negócio é ainda o seguinte: não morrer, pois morrer é insuficiente, não me completa, eu que tanto preciso.

Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo.

Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede.

Se um dia Deus vier à terra haverá silêncio grande.

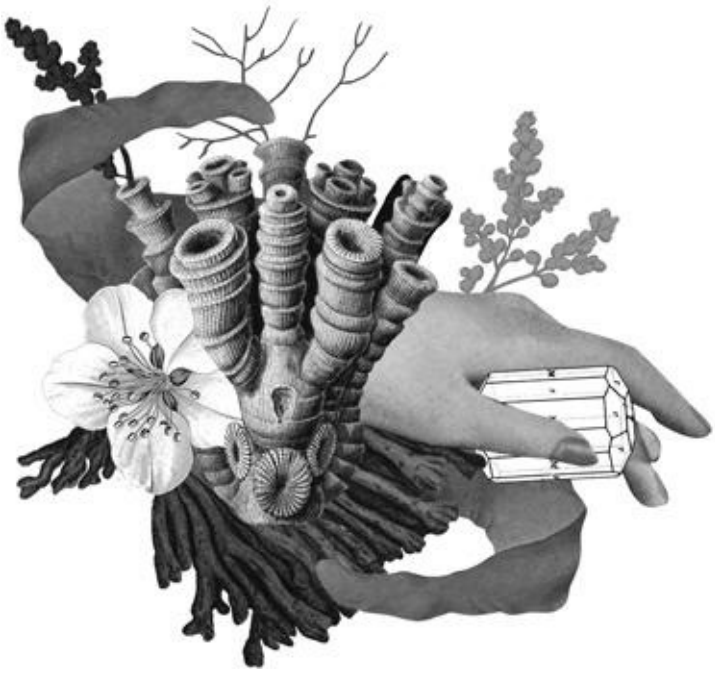
O silêncio é tal que nem o pensamento pensa.

Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre.
Mas – mas eu também?!

Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.

PARTE III

Água viva



Ninguém me prende mais.

Estudei matemática que é a loucura do raciocínio – mas agora quero o plasma – quero me alimentar diretamente da placenta.

O próximo instante é o desconhecido.

O próximo instante é feito por mim? ou se faz sozinho?
Fazemo-lo juntos com a respiração.

Estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais.

Quero apossar-me do *é* da coisa.

A atualidade sou eu sempre no já.

Alegria é matéria de tempo e é por excelência o instante.

Quero captar o meu *é*.

Meu tema é o instante? meu tema de vida. Procuro estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo com vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim.

Ouve-me então com teu corpo inteiro.

A palavra é a minha quarta dimensão.

Vejo que nunca te disse como escuto música – apoio de leve a mão na eletrola e a mão vibra espraiando ondas pelo corpo todo: assim ouço a eletricidade da vibração, substrato último no domínio da realidade, e o mundo treme nas minhas mãos.

E eis que percebo que quero para mim o substrato vibrante da palavra repetida em canto gregoriano.

Palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo.

Para te dizer o meu substrato faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes-já.

Isso que te escrevi é um desenho eletrônico.

Amor demais prejudica os trabalhos.

Vivo à beira.

Tenho que me destituir para alcançar cerne e semente de vida.

O instante é semente viva.

A harmonia secreta da desarmonia: quero não o que está feito mas o que tortuosamente ainda se faz.

E se eu digo “eu” é porque não ouso dizer “tu”, ou “nós” ou “uma pessoa”. Sou obrigada à humildade de me personalizar me apequenando mas sou o és-tu.

Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento.

Gênero não me pega mais.

Ao fundo dos momentos. É um estado de contato com a energia circundante e estremeço.

Sei que meu olhar deve ser o de uma pessoa primitiva que se entrega toda ao mundo.

Agora está amanhecendo e a aurora é de neblina branca nas areias da praia.

Não conseguirei a nudez final. E ainda não a quero, ao que parece.

Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa.

Ouve-me, ouve o silêncio.

Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela.

Chamo a gruta pelo seu nome e ela passa a viver com seu miasma.

O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão.

Nova era, esta minha, e ela me anuncia para já. Tenho coragem?
Por enquanto estou tendo: porque venho do sofrido longe,
venho do inferno de amor mas agora estou livre de ti.

Venho do longe – de uma pesada ancestralidade. Eu que venho da dor de viver. E não a quero mais.

Quero a vibração do alegre. Quero a isenção de Mozart. Mas quero também a inconsequência.

Liberdade? é o meu último refúgio, forcei-me à liberdade e aguento-a não como um dom mas com heroísmo: sou heroicamente livre.

Quero o fluxo.

Sim, esta é a vida vista pela vida.

Aquilo que é ruim está desprotegido e precisa da anuência de Deus: eis a criação.

O que sei é tão volátil e quase inexistente que fica entre mim e eu.

Embora às vezes grite: não quero mais ser eu!! mas eu me grudo a mim e inextricavelmente forma-se uma tessitura de vida.

E um silêncio se evola sutil do entrechoque das frases.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente.

Por enquanto o tempo é quanto dura um pensamento.

Não é um recado de ideias que te transmito e sim uma instintiva volúpia daquilo que está escondido na natureza e que adivinho. E esta é uma festa de palavras.

Tenho uma voz. Assim como me lanço no traço de meu desenho, este é um exercício de vida sem planejamento.

O mundo não tem ordem visível e eu só tenho a ordem da respiração. Deixo-me acontecer.

Mas o meu principal está sempre escondido. Sou implícita.
E quando vou me explicitar perco a úmida intimidade.

A natureza é envolvente: ela me enovela toda e é sexualmente viva.

Estou truculentamente viva – e lambo o meu focinho como o tigre depois de ter devorado o veado.

Escuta: eu te deixo ser, deixa-me ser então.

Eternamente é palavra muito dura: tem um “t” granítico no meio.

É-me impossível aprofundar e apossar-me da vida, ela é aérea.

Estas minhas frases balbuciadas são feitas na hora mesma em que estão sendo escritas.

Quero a experiência de uma falta de construção. Embora este meu texto seja todo atravessado de ponta a ponta por um frágil fio condutor – qual? o do mergulho na matéria da palavra? o da paixão? Fio luxurioso, sopro que aquece o decorrer das sílabas.

A vida mal e mal me escapa embora me venha a certeza de que a vida é outra e tem um estilo oculto.

Este texto que te dou não é para ser visto de perto: ganha sua secreta redondez antes invisível quando é visto de um avião em alto voo.

Transmito-te não uma história mas apenas palavras que vivem do som.

Uso palavras soltas que são em si mesmas um dardo livre.

Vou te falando e me arriscando à desconexão:
sou subterraneamente inatingível pelo meu conhecimento.

Escrevo-te porque não me entendo.

Um dia eu disse infantilmente: eu posso tudo. Era a antevisão de poder um dia me largar e cair num abandono de qualquer lei. Elástica. A profunda alegria: o êxtase secreto. Sei como inventar um pensamento. Sinto o alvoroço da novidade. Mas bem sei que o que escrevo é apenas um tom.

Atrás do pensamento não há palavras: é-se.

E sou assombrada pelos meus fantasmas.

A vida é sobrenatural.

Não gosto do que acabo de escrever – mas sou obrigada a aceitar o trecho todo porque ele me aconteceu.

Meu esforço: trazer agora o futuro para já.

Ouve-me, ouve meu silêncio.

Lê a energia que está no meu silêncio.

Mas há também o mistério do impessoal.

O impessoal dentro de mim e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca.

A transcendência dentro de mim é o “it” vivo e mole e tem o pensamento que uma ostra tem.

Será que a ostra quando arrancada de sua raiz sente ansiedade? Fica inquieta na sua vida sem olhos. Eu costumava pingar limão em cima da ostra viva e via com horror e fascínio ela contorcer-se toda. E eu estava comendo o it vivo. O it vivo é o Deus.

Não gosto é quando pingam limão nas minhas profundezas e fazem com que eu me contorça toda.

A gata depois de parir come a própria placenta e durante quatro dias não come mais nada. Só depois é que toma leite.

A explicação exige uma outra explicação que exigiria uma outra explicação e que se abriria de novo para o mistério.

Estou respirando. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Como é que a ostra nua respira?

O que não vejo contudo existe.

Ia dormir para poder sonhar, estava com saudade das novidades do sonho.

É por esta ausência de resposta que fico tão atrapalhada.

Quem for capaz de parar de raciocinar – o que é terrivelmente difícil – que me acompanhe.

Não vou mais até as coisas para não me ultrapassar.

Vivo de lado, sou à esquerda de quem entra.

Já assisti gata parindo. Sai o gato envolto num saco de água e todo encolhido dentro. A mãe lambe tantas vezes o saco de água que este enfim se rompe e eis um gato quase livre, preso apenas pelo cordão umbilical. Então a gata-mãe-criadora rompe com os dentes esse cordão e aparece mais um fato no mundo.

E ninguém é eu. Ninguém é você. Esta é a solidão.

Depois de certo tempo cada um é responsável pela cara que tem.

Que há entre nunca e sempre que os liga tão indiretamente e intimamente?

Sou um coração batendo no mundo.

Você que me lê que me ajude a nascer.

Com olhos fechados procuro cegamente o peito: quero leite grosso. Ninguém me ensinou a querer. Mas eu já quero.

O futuro é para a frente e para trás e para os lados.

Não é preciso ter ordem para viver.

Nada planejo no meu trabalho intuitivo de viver: trabalho com o indireto, o informal e o imprevisto.

Somos os contemporâneos do dia seguinte.

Nasci há alguns instantes e estou ofuscada.

Tenho dois olhos que estão abertos. Para o nada. Para o teto.

Os girassóis lentamente viram suas corolas para o sol.
O trigo está maduro. O pão é com doçura que se come.
Meu impulso se liga ao das raízes das árvores.

Parei para tomar água fresca: o copo neste instante-já é de grosso cristal facetado e com milhares de faíscas de instantes. Os objetos são tempo parado?

Quero ser enterrada com o relógio no pulso para que na terra algo possa pulsar o tempo.

Para ser inutilmente sincera devo dizer que agora são seis e quinze da manhã.

Só não conto os fatos de minha vida: sou secreta por natureza.

Eu aguento porque sou forte: comi minha própria placenta.

Que o Deus me ajude: estou sem guia e é de novo escuro.

Quero morrer com vida. Juro que só morrerei lucrando o último instante.

Queria tanto morrer de saúde. Como quem explode.

Estou pronta para o silêncio grande da morte. Vou dormir.

Não tenho estilo de vida: atingi o impessoal.

Estou habituada ao sangue.

O halo é mais importante que as coisas e que as palavras. O halo é vertiginoso.

Arrepio-me toda ao entrar em contato físico com bichos ou com a simples visão deles. Os bichos me fantasticam.

Não sei quem é mais a criatura, se eu ou o bicho.

Não humanizo bicho porque é ofensa – há de respeitar-lhe a natureza – eu é que me animalizo.

Pássaros – eu os quero nas árvores ou voando longe de minhas mãos.

Não ter nascido bicho é uma minha secreta nostalgia.

Soube de um ela que morreu na cama mas aos gritos: estou me apagando! Até que houve o benefício do coma dentro do qual o ela se libertou do corpo e não teve nenhum medo de morrer.

Para te escrever eu antes me perfumo toda.

Eu vou morrer: há esta tensão como a de um arco prestes a disparar a flecha.

Algo está sempre por acontecer.

Como traduzir o silêncio do encontro real entre nós dois?
Dificílimo contar: olhei para você fixamente por uns instantes.
Tais momentos são meu segredo. Houve o que se chama
de comunhão perfeita. Eu chamo isto de estado agudo de felicidade.

O que faço por involuntário instinto não pode ser descrito.

Escrevo-te sentada junto de uma janela aberta no alto de meu atelier.

Escrevo-te à medida de meu fôlego.

Fomos modelados e sobrou muita matéria-prima – it – e formaram-se então os bichos.

E a única coisa que me espera é exatamente o inesperado.

Sou pessoa extremamente ocupada: tomo conta do mundo.

No Jardim Botânico, então, fico exaurida. Tenho que tomar conta com o olhar de milhares de plantas e árvores e sobretudo da vitória-régia. Ela está lá. E eu a olho.

Eu o vi de repente e era um homem tão extraordinariamente bonito e viril que eu senti uma alegria de criação. Não é que eu o quisesse para mim assim como não quero para mim o menino que vi com cabelos de arcanjo correndo atrás da bola. Eu queria somente olhar. O homem olhou um instante para mim e sorriu calmo: ele sabia quanto era belo e sei que sabia que eu não o queria para mim. Sorriu porque não sentiu ameaça alguma. É que os seres excepcionais em qualquer sentido estão sujeitos a mais perigos do que o comum das pessoas.

Ensina-me sobre o secreto de cada um de nós.

Penso que agora terei que pedir licença para morrer um pouco.
Com licença – sim? Não demoro. Obrigada.

Não. Não consegui morrer. Termino aqui esta “coisa-palavra” por um ato voluntário? Ainda não.

Trabalho quando durmo: porque é então que me movo no mistério.

O que estraga a felicidade é o medo.

Um dia disseste que me amavas. Finjo acreditar e vivo, de ontem para hoje, em amor alegre.

Sou assombrada pelos meus fantasmas, pelo que é mítico e fantástico – a vida é sobrenatural.

Eu, que fabrico o futuro como uma aranha diligente. E o melhor de mim é quando nada sei e fabrico não sei o quê.

Estou entrando sorrateiramente em contato com uma realidade nova para mim e que ainda não tem pensamentos correspondentes, e muito menos ainda alguma palavra que a signifique. É mais uma sensação atrás do pensamento. Como te explicar? Vou tentar. É que estou percebendo.

Viver não é só desenrolar sentimentos grossos – é algo mais sortilégico e mais grácil, sem por isso perder o seu fino vigor animal.

Como sinal de revolta apenas uma ironia sem peso e excêntrica.

Só algumas pessoas escolhidas pela fatalidade do acaso provaram da liberdade

esquiva e delicada da vida.

Nós somos de soslaio para não comprometer o que pressentimos de infinitamente outro nessa vida de que te falo.

E eis que sinto que em breve nos separaremos.

Quem não é perdido não conhece a liberdade e não a ama.

Preciso de segredos para viver.

Não cumpro nada: apenas vivo.

Só trabalho com achados e perdidos.

Que o fracasso me aniquile, quero a glória de cair.

Quando penso no que já vivi me parece que fui deixando meus corpos pelos caminhos.

Não me posso resumir porque não se pode somar uma cadeira e duas maçãs. Eu sou uma cadeira e duas maçãs. E não me somo.

A natureza dos seres e das coisas – é Deus?

Eu te invento, realidade.

Ah Força do que Existe, ajudai-me, vós que chamam de o Deus.

O instante é em si mesmo iminente.

Perdi o medo da simetria, depois da desordem da inspiração.

É preciso experiência ou coragem para revalorizar a simetria, quando facilmente se pode imitar o falso assimétrico, uma das originalidades mais comuns.

Não existe a palavra espelho, só existem espelhos, pois um único é uma infinidade de espelhos.

Espelho é o espaço mais fundo que existe. E é coisa mágica: quem tem um pedaço quebrado já poderia ir com ele meditar no deserto.

O que é um espelho? É o único material inventado que é natural.

Só uma pessoa muito delicada pode entrar no quarto vazio onde há um espelho vazio, e com tal leveza, com tal ausência de si mesma, que a imagem não marca. Como prêmio, essa pessoa delicada terá então penetrado num dos segredos.

Espelho é frio e gelo. Mas há a sucessão de escuridões dentro dele – perceber isto é instante muito raro – e é preciso ficar à espreita dias e noites, em jejum de si mesmo, para poder captar e surpreender a sucessão de escuridões que há dentro dele.

Tenho que interromper para dizer que “X” é o que existe dentro de mim.

Uma vez olhei bem nos olhos de uma pantera e ela me olhou bem nos meus olhos. Transmutamo-nos.

A realidade não tem sinônimos.

Como decorar uma coisa que não tem história?

Quero ter a liberdade de dizer coisas sem nexo como profunda forma de te atingir.

Como fazer se não te enterneces com meus defeitos, enquanto eu amei os teus.

Morrer deve ser uma muda explosão interna.
O corpo não aguenta mais ser corpo.

Não, nunca fui moderna. E acontece o seguinte: quando estranho uma pintura é aí que é pintura. E quando estranho a palavra aí é que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida aí é que começa a vida.

Isto é uma tempestade de cérebro e uma frase mal tem a ver com outra.

A vida é mortal.

Talvez valha a pena ter nascido para que um dia mudamente se implore e mudamente se receba.

Se tenho que ser um objeto, que seja um objeto que grita.

Na graça tudo é tão leve.

Tudo o que existe respira e exala um finíssimo resplendor de energia.

A graça de uma pessoa comum que a torna de súbito real porque é comum e humana e reconhecível.

O verdadeiro pensamento parece sem autor.

Dormir é abstrair-se e espraiar-se no nada.

Mas eu denuncio. Denuncio nossa fraqueza, denuncio o horror alucinante de morrer – e respondo a toda essa infâmia com – exatamente isto que vai agora ficar escrito – e respondo a toda essa infâmia com a alegria.

Sejamos alegres.

Quem não tiver medo de ficar alegre e experimentar uma só vez sequer a alegria doida e profunda terá o melhor de nossa verdade.

E a minha própria morte e a dos que amamos tem que ser alegre, não sei ainda como, mas tem que ser.

Vamos não morrer como desafio?

Uma coisa eu garanto: nós não somos culpados.

Ah viver é tão desconfortável. Tudo aperta: o corpo exige, o espírito não para, viver parece ter sono e não poder dormir – viver é incômodo. Não se pode andar nu nem de corpo nem de espírito.

Tudo acaba mas o que te escrevo continua.

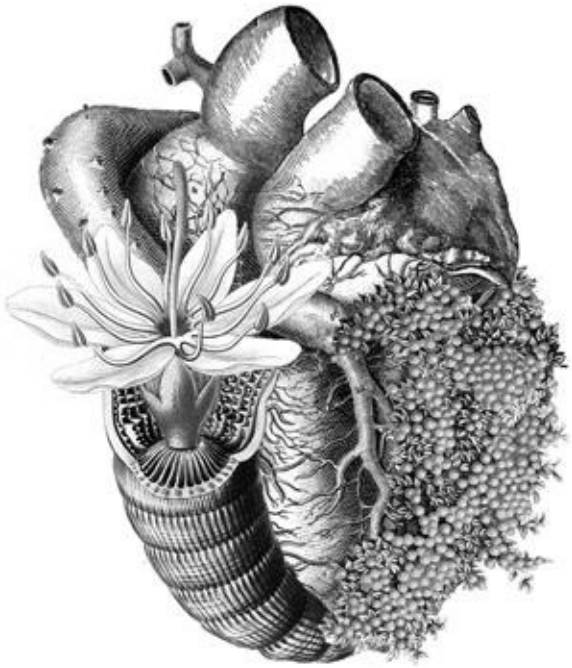
Vou parar porque é sábado.

Simplesmente eu sou eu. E você é você. É vasto, vai durar.

Olha para mim e me ama. Não: tu olhas para ti e te amas.
É o que está certo.

PARTE IV

Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres



Eu sou mais forte do que eu.

Saíra agora da voracidade de viver.

Os movimentos histéricos de um animal preso tinham como intenção libertar, por meio de um desses movimentos, a coisa ignorada que o estava prendendo – a ignorância do movimento único, exato e libertador era o que tornava um animal histérico: ele apelava para o descontrole.

E pelo mesmo fato de se haver visto ao espelho, sentiu como sua condição era pequena porque um corpo é menor que o pensamento.

A condição não se cura mas o medo da condição é curável.

Via elefantes grossos se aproximarem, elefantes doces e pesados, de casca seca, embora mergulhados no interior da carne por uma ternura quente insuportável; eles eram difíceis de se carregarem a si próprios, o que os tornava lentos e pesados.

“Eu te amo” era uma farpa que não se podia tirar com uma pinça. Farpa incrustada na parte mais grossa da sola do pé.

O nada era quente naquele fim de tarde eternizada
pelo planeta Marte.

Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer.

Ele era um homem, ela era uma mulher, e milagre mais extraordinário do que esse só se comparava à estrela cadente que atravessa quase imaginariamente o céu negro e deixa como rastro o vívido espanto de um Universo vivo.

A fé pode ser um grande susto, pode significar cair no abismo.

Em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que a empurrava, e cair.

A vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre.

Preferia para a descoberta do que se chama viver essas horas tímidas do vago

começo do dia.

Não tinha um dia a dia mas sim uma vida a vida.

Ver como seriam as coisas e as pessoas antes que lhes tivéssemos dado o sentido de nossa esperança humana ou de nossa dor.

Os ouvidos se afiam, a cabeça se inclina, o corpo todo escuta: nenhum rumor. Nenhum galo possível. Como estar ao alcance dessa profunda meditação do silêncio?

O silêncio é a profunda noite secreta do mundo. E não se pode falar do silêncio como se fala da neve: sentiu o silêncio dessas noites?

Há uma maçonaria do silêncio que consiste em não falar dele e de adorá-lo sem palavras.

Há um momento em que do corpo descansado se ergue o espírito atento.

O coração tem que se apresentar diante do Nada sozinho e sozinho bater em silêncio de uma taquicardia nas trevas.

Fomos feitos senão para o pequeno silêncio,
não para o silêncio astral.

Que se espere. Não o fim do silêncio mas o auxílio bendito de um terceiro elemento: a luz da aurora.

Às vezes no próprio coração da palavra se reconhece o Silêncio.

Se não expressara o inexpressível silêncio, falara como um macaco que grunhe e faz gestos incongruentes, transmitindo não se sabe o quê.

Não se podia cortar a dor – senão se sofreria o tempo todo.

Sem a dor, ficara sem nada, perdida no seu próprio mundo e no alheio sem forma de contato.

Os limites de um humano eram divinos? Eram.

Sentir-se humilde demais era de onde paradoxalmente vinha a sua altivez de

pessoa.

Por um instante então desprezava o próprio humano e experimentava a silenciosa alma da vida animal.

Compreender era sempre um erro – preferia a largueza tão ampla e livre e sem erros que era não entender.

Raro uma pessoa tocar tão de perto a sua própria perdição.

Eu não choro, se for preciso um dia eu grito.

Não nos temos entregue a nós mesmos, pois isso seria o começo de uma vida larga e nós a tememos.

Não temos usado a palavra amor para não termos de reconhecer sua contextura de ódio, de amor, de ciúme e de tantos outros contraditórios.

Temos mantido em segredo a nossa morte para tornar nossa vida possível.

Temos disfarçado com falso amor a nossa indiferença, sabendo que nossa indiferença é angústia disfarçada.

Falar no que realmente importa é considerado uma gafe.

Pode-se aprender tudo, inclusive a amar!

Não há modo mais perfeito, embora inquieto, de usar o tempo: o de te esperar.

É perigoso mexer com a grande resposta.

Tua mão está dada à minha, faze com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na eternidade.

Faze com que me lembre de que também não há explicação porque um filho quer o beijo de sua mãe.

Faze com que eu perca o pudor de desejar que na hora de minha morte haja uma mão humana amada para apertar a minha.

Quando pudesse sentir plenamente o outro estaria salva e pensaria: eis o meu

porto de chegada.

Ninguém pode fazer uso do que os outros são.

O melhor modo de despistar é dizer a verdade.

Angústia era a incapacidade de enfim sentir a dor.

Angústia também era o medo de sentir enfim a dor.

Eu estou sendo, disse o mar azul do Mediterrâneo.

Estou sendo, disse a aranha e imobilizou a presa com o seu veneno.

Eu estou sendo, disse uma criança que escorregara nos ladrilhos do chão e gritara assustada: mamãe!

O amor pelo mundo me transcende.

Milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz.

O humano é só.

Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos.

Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões.

Por que é que um cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga.

É a exiguidade do corpo que o permite tornar-se quente e delimitado.

A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem.

Agir sem se conhecer exige coragem.

E era isso o que estava lhe faltando: o mar por dentro como o líquido espesso de um homem.

Escolher a própria máscara era o primeiro gesto voluntário humano. E solitário.

Quando enfim se afivelava a máscara daquilo que se escolhera para representar-se e representar o mundo, o corpo ganhava uma nova firmeza, a cabeça podia às vezes se manter altiva como a de quem superou um obstáculo: a pessoa era.

De repente a máscara de guerra da vida crestava-se toda como lama seca, e os pedaços irregulares caíam no chão com um ruído oco.

Meu mistério é simples: eu não sei como estar viva.

Viver é tão fora do comum que eu só vivo porque nasci.

Você ainda não se habituou a viver?

Na minha aprendizagem falta alguém que me diga o óbvio com um ar tão extraordinário.

Temos dois corpos que nos será um prazer alegre, mudo, profundo.

Faço poesia não porque seja poeta mas para exercitar minha alma.

Meus ensaios são longos poemas em prosa, onde exercito ao máximo a minha capacidade de pensar e intuir.

Tenho que não indagar do mistério para não trair o milagre.

Quem escreve ou pinta ou ensina ou dança ou faz cálculos em termos de matemática, faz milagre todos os dias.

Ao escrever sou fatalmente humilde. Embora com limites. Pois no dia em que eu perder dentro de mim a minha própria importância – tudo estará perdido.

O que não se pode é deixar de amar a si próprio com algum despudor.

Para manter minha força, que é tão grande e *helpless* como a de qualquer homem que tenha respeito pela força humana, para mantê-la não tenho o menor pudor.

A tragédia de viver existe sim e nós a sentimos. Mas isso não impede que tenhamos uma profunda aproximação da alegria com essa mesma vida.

Minha alegria é áspera e eficaz, e não se compraz em si mesma, é revolucionária.

Você tem também uma ideia errada dos homens: eles podem ser castos, sim.

Quem é capaz de sofrer intensamente, também pode ser capaz de intensa alegria.

Quando penso no gosto voraz com que comemos o sangue alheio, dou-me conta de nossa truculência.

É preciso não esquecer e respeitar a violência que temos. As pequenas violências nos salvam das grandes.

Quem sabe, se não comêssemos os bichos, comeríamos gente com o seu sangue.

Nasce-se com sangue e com sangue corta-se para sempre a possibilidade de união perfeita: o cordão umbilical. E muitos são os que morrem com sangue derramado por dentro ou por fora. É preciso acreditar no sangue como parte importante da vida. A truculência é amor também.

É raro encontrar uma mulher que não rompeu com a linhagem de mulheres através do tempo.

Só a própria pessoa podia exprimir a si própria o inexprimível cheiro do peixe cru – não em palavras: o único modo de exprimir era sentir de novo.

O sabor de uma fruta está no contato da fruta com o paladar e não na fruta mesmo.

No Impossível é que está a realidade.

E pensar que os filhos do mundo crescem e se tornam homens e mulheres, e que a noite será plena e grossa para eles também, enquanto eu estarei morta, plena também.

Conheci uma mulher simples que não se fazia perguntas sobre Deus: ela amava além da pergunta sobre Deus. Então Deus existia.

Sinto que não me mexo na vida dentro de um vazio absoluto exatamente porque também sou Deus.

Aprendi a viver com o que não se entende.

Como explicar que o mar era o seu berço materno mas que o cheiro era todo masculino?

Uma folha que caíra batera-lhe nos cílios. Achou então Deus de uma grande delicadeza.

Muitas coisas você só tem se for autodidata, se tiver a coragem de ser. Em outras, terá que saber e sentir a dois.

É através da boca que você passará a comer o mundo, e então a escuridão de teus olhos não vai se aclarar mas vai iridescer.

Não sabia que nome dar ao que a tomara ou ao que, com voracidade, estava tomando senão o de paixão.

Faze com que eu sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte e sim a vida.

Faze com que eu receba o mundo sem medo, pois para esse mundo incompreensível nós fomos criados e nós mesmos também incompreensíveis.

Há uma conexão entre esse mistério do mundo e o nosso, mas essa conexão não é clara para nós enquanto quisermos entendê-la.

Abençoa-me para que eu viva com alegria o pão que como, o sono que durmo.

Faze com que eu tenha caridade e paciência comigo mesma, amém.

Mas nunca morrer antes de realmente morrer: pois era tão bom prolongar aquela promessa.

Dentro daquele fruto que nela se preparava, dentro daquele fruto que era suculento, havia lugar para a mais leve das insônias diurnas que era a sua sabedoria de bicho acordado: um véu de alerteza, esperta bastante para apenas pressentir.

Ah pressentir era mais ameno do que o intolerável agudo do bom.

Como se inquietava que alguém pudesse não compreender que morreria numa ida para uma tonta felicidade de primavera.

Não posso ter uma vida mesquinha porque ela não combinaria com o absoluto da morte.

Soube que a pessoa devia deixar-se inundar pela alegria aos poucos – pois era vida nascendo.

E quem não tivesse força de ter prazer, que antes cobrisse cada nervo com uma película protetora, com uma película de morte para poder tolerar o grande da vida.

Seu peito se contraiu, a força desmoronou: era a angústia sim.

Então ela, o tigre, dera umas voltas vagarosas em frente ao homem, hesitara, lambera uma das patas e depois, como não era a palavra ou o grunhido o que tinha importância, afastara-se silenciosamente.

A pele da batata era parda, e fina como a de uma criança recém-nascida. Se bem que, ao manuseá-la, sentisse nos dedos a quase insensível existência interior de pequenos brotos, invisíveis a olho nu.

Aquela batata era muito bonita. Não quis comprá-la porque não queria vê-la emurchecer em casa e muito menos cozinhá-la.

A batata era a comida por excelência. Isso ela ficou sabendo, e era de uma leve aleluia.

“Se eu fosse eu” parecia representar o maior perigo de viver, parecia a entrada nova do desconhecido.

Ser-se o que se é, era grande demais e incontrolável.

Sabia que já começara uma coisa nova e nunca mais poderia voltar à sua dimensão antiga.

Devia começar modestamente, para não se desencorajar.

Devia abandonar para sempre a estrada principal. E entrar pelo seu verdadeiro

caminho que eram os atalhos estreitos.

Há um ponto em que o desespero é uma luz e um amor.

Oh Deus! Ter uma vida só era tão pouco!

Sentindo menos dor, perdera a vantagem da dor como aviso e sintoma.

Podia estar a um passo da morte da alma, a um passo desta já ter morrido, e sem o benefício de seu próprio aviso prévio.

Ainda não posso perguntar quem sou eu sem ficar perdido.

Sabia que era uma feroz entre os ferozes seres humanos, nós, os macacos de nós mesmos.

Nunca atingiríamos em nós o ser humano. E quem atingia era com justiça santificado.

Desistir da ferocidade era um sacrifício.

Qual fora o apóstolo que dissera de nós: vós sois deuses?

Deus não é inteligente, compreende, porque Ele é a Inteligência, Ele é o esperma e óvulo do cosmos que nos inclui.

Deus é um substantivo.

No estado de graça, via-se a profunda beleza, antes inatingível, de outra pessoa.

O que lhe acontecia era apenas o estado de graça de uma pessoa comum que de súbito se torna real, porque é comum e humana e reconhecível e tem olhos e ouvidos para ver e ouvir.

Tendo experimentado ganhar um corpo e uma alma e a terra e o céu, queria-se mais e mais. Mas era inútil desejar: só vinha espontaneamente.

Os humanos tinham obstáculos que não dificultavam a vida dos animais, como raciocínio, lógica, compreensão. Enquanto que os animais tinham esplendidez daquilo que é direto e se dirige direto.

Estava certo o estado de graça não nos ser dado frequentemente. Se fosse, talvez passássemos definitivamente para o “outro lado” da vida, que esse outro lado também era real mas ninguém nos entenderia jamais: perderíamos a linguagem em comum.

Querer viver permanentemente em graça. E isto representaria uma fuga imperdoável ao destino humano, que era feito de luta e sofrimento e perplexidade e alegrias.

A graça era uma dádiva e, se nada exigia, se desvaneceria se passássemos a exigir dela uma resposta.

Era preciso não esquecer que o estado de graça era apenas uma pequena abertura para o mundo que era uma espécie de paraíso – mas não era uma entrada nele, nem dava o direito de se comer dos frutos de seus pomares.

Exatamente porque depois da graça a condição humana se revelava na sua pobreza implorante, aprendia-se a amar mais, a esperar mais. Passava-se a ter uma espécie de confiança no sofrimento e em seus caminhos tantas vezes intoleráveis.

Quero o que você é, e você quer o que eu sou.

Queria que você, sem uma palavra, apenas viesse.

Ela vira uma Coisa. Eram dez horas da noite na praça Tiradentes e o táxi corria. Então ela viu uma rua que nunca mais iria esquecer. Nem sequer pretendia descrevê-la: aquela rua era sua. Só podia dizer que estava vazia e eram dez horas da noite. Nada mais. Fora porém, germinada.

Era como se o pacto com o Deus fosse este: ver e esquecer.

Nossos sentimentos e pensamentos são tão sobrenaturais como uma história passada depois da morte.

Com curiosidade meiga, envolvida pelo cheiro de jasmim, atenta à fome de existir, e atenta à própria atenção, parecia estar comendo delicadamente viva o que era muito seu.

Quem sou eu? Perguntou-se em grande perigo. E o cheiro do jasmineiro

respondeu: eu sou o meu perfume.

A cabeça do homem ficava perto dos joelhos e perto de suas mãos, no seu regaço que era a sua parte mais quente. E ela pôde fazer o seu melhor gesto: nas mãos que estavam a um tempo frementes e firmes, pegar aquela cabeça cansada que era fruto dela e dele. Aquela cabeça de homem pertencia àquela mulher.

Arcar com o peso da responsabilidade de saber que os nossos prazeres mais ingênuos e mais animais também morriam.

Eu está apaixonada pelo teu eu. Então nós é.

Não queria nada senão aquilo mesmo que lhe acontecia:
ser uma mulher no escuro ao lado de um homem que dormia.

Pensou por um instante se a morte interferiria no pesado prazer de estar viva. E a resposta foi que nem a ideia de morte conseguia perturbar o indelimitado campo escuro onde tudo palpitava grosso, pesado e feliz. A morte perdera a glória.

Era antes uma mulher que procurava um modo, uma forma. E agora tinha o que na verdade era tão mais perfeito: era a grande liberdade de não ter modos nem formas.

Mesmo que nunca mais fosse sentir a grave e suave força de existir e amar, como agora, daí em diante ela já sabia pelo que esperar, esperar a vida inteira se necessário, e se necessário jamais ter de novo o que esperava.

Ser humana parecia-lhe agora a mais acertada forma de ser um animal vivo.

Estendeu o braço no escuro e no escuro sua mão tocou no peito nu do homem adormecido: ela assim o criava pela sua própria mão e fazia com que esta para sempre guardasse na pele a gravação de viver.

Eu sou tua e tu és meu, e nós é um.

Como todas as pessoas, somos deuses em potencial.

Devemos seguir a Natureza, não esquecendo os momentos baixos, pois que a Natureza é cíclica, é ritmo, é como um coração pulsando.

Existir é tão completamente fora do comum que se a consciência de existir demorasse mais de alguns segundos, nós enlouqueceríamos.

A solução para esse absurdo que se chama “eu existo”, a solução é amar um outro ser que, este, nós compreendemos que exista.

Sou pura como uma mulher na cama com o seu homem. Mulher nunca é pornográfica.

Escrever sem estilo é o máximo que, quem escreve, chega a desejar.

Até a liberdade de se ser bom assusta os outros.

Amor será dar de presente um ao outro a própria solidão? Pois é a coisa mais última que se pode dar de si.

Meu amor, você não acredita no Deus porque nós erramos ao humanizá-lo. Nós O humanizamos porque não O entendemos, então não deu certo. Tenho certeza de que Ele não é humano. Mas embora não sendo humano, no entanto, Ele às vezes nos diviniza.

PARTE V

A paixão segundo G.H.



Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar.

Este livro nada tira de ninguém.

Pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria.

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável.

Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar.

Minha covardia é um campo tão amplo que só a grande coragem me leva a aceitá-la.

Por que não tenho coragem de apenas achar um meio de entrada?

Como se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo?

Como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra.

Correr o sagrado risco do acaso.

Substituirei o destino pela probabilidade.

Perder-se significa ir achando e nem saber o que fazer do que se for achando.

Tomar cuidado para não usar sub-repticiamente uma nova terceira perna que em mim renasce fácil como capim, e a essa perna protetora chamar de “uma verdade”.

Uma forma contorna o caos, uma forma dá construção à substância amorfa – a visão de uma carne infinita é a visão dos loucos, mas se eu cortar a carne em pedaços e distribuí-los pelos dias e pelas fomes – então ela não será mais a perdição e a loucura: será de novo a vida humanizada.

Estou tão pouco preparada para entender.

Em mim qualquer começo de pensamento esbarra logo com a testa.

Fatalmente sucumbirei à necessidade de forma que vem de meu pavor de ficar indelimitada.

Que eu tenha a grande coragem de resistir à tentação de inventar uma forma.

Terei que ter a coragem de usar um coração desprotegido e de ir falando para o nada e para o ninguém? assim como uma criança pensa para o nada. E correr o risco de ser esmagada pelo acaso.

Só por um inesperado tremor de linhas, só por uma anomalia na continuidade ininterrupta de minha civilização, é que por um átimo experimentei a vivificadora morte. A fina morte que me fez manusear o proibido tecido da vida.

Toda compreensão súbita se parece muito com uma aguda incompreensão.

Viver é somente a altura a que posso chegar – meu único nível é viver.

Saber será talvez o assassinato de minha alma humana. E não quero, não quero. O que ainda poderia me salvar seria uma entrega à nova ignorância.

Ao mesmo tempo que luto por saber, a minha nova ignorância, que é o esquecimento, tornou-se sagrada.

Soube o que não pude entender, minha boca ficou selada, e só me restaram os fragmentos incompreensíveis de um ritual.

Agora saberei reconhecer na face comum de algumas pessoas que – que elas esqueceram.

Eu vi. Sei que vi porque não dei ao que vi o meu sentido.

O que vi arrebenta a minha vida diária.

Toma o que vi, livra-me de minha inútil visão, e de meu pecado inútil.

Dar a mão a alguém sempre foi o que esperei da alegria.

Finjo que alguém está me dando a mão e então vou, vou para a enorme ausência de forma que é o sono.

Entregar-me ao que não entendo será pôr-me à beira do nada.

Enquanto escrever e falar vou ter que fingir que alguém está segurando a minha mão.

Por enquanto preciso segurar esta tua mão – mesmo que não consiga inventar teu rosto e teus olhos e tua boca.

E como imaginar um rosto se não sei de que expressão de rosto preciso?

O horror sou eu diante das coisas.

Morrer é do maior risco, não saberei passar para a morte e pôr o primeiro pé na primeira ausência de mim.

Por enquanto eu te prendo, e tua vida desconhecida e quente está sendo a minha única íntima organização.

Sem a tua mão me sentiria agora solta no tamanho enorme que descobri.

A verdade não me faz sentido!

Desamparada, eu te entrego tudo – para que faças disso uma coisa alegre.

Se eu não falar eu me perderei, e por me perder eu te perderia.

A grandeza do mundo me encolhe.

Terá sido o amor o que vi? Mas que amor é esse tão cego como o de uma célula-ovo?

É preciso coragem para me aventurar numa tentativa de concretização do que

sinto. É como se eu tivesse uma moeda e não soubesse em que país ela vale.

Não tenho uma palavra a dizer. Por que não me calo, então?

Se eu não forçar a palavra a mudez me engolfará para sempre em ondas.

Sempre respeitei a beleza e a sua moderação intrínseca.

Perdi o medo do feio.

Quero saber o que mais, ao perder, eu ganhei.

Viver não é relatável.

Viver não é vivível.

Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade.

Mais um grafismo que uma escrita, pois tento mais uma reprodução do que uma expressão.

Se eu olhar a escuridão com uma lente, verei mais que a escuridão?

Estou adiando. Sei que tudo o que estou falando é só para adiar.

Por desprezo pela palavra, talvez enfim eu possa começar a falar.

O mundo eriçado de antenas, e eu captando o sinal. Só poderei fazer a transcrição fonética.

Há três mil anos desvairei-me, e o que restaram foram fragmentos fonéticos de mim.

Vi, sim. Vi, e me assustei com a verdade bruta de um mundo cujo maior horror é que ele é tão vivo que, para admitir que estou tão viva quanto ele – e minha pior descoberta é que estou tão viva quanto ele – terei que alçar minha consciência de vida exterior a um ponto de crime contra a minha vida pessoal.

Como eu não entendia, eu arrumava as coisas.

Antes vivia de um mundo humanizado, mas o puramente vivo derrubou a

moralidade que eu tinha?

Um mundo todo vivo tem a força de um Inferno.

Desde a adolescência eu havia saído do estágio do psicológico.

Todos os retratos de pessoas são um retrato de Mona Lisa.

Perdoei tudo o que foi grave e maior em mim.

O que os outros recebem de mim reflete-se então de volta para mim, e forma a atmosfera do que se chama: eu.

A segurança de quem tem sempre na cozinha uma chaleira em fogo baixo: para o que desse e viesse, eu teria a qualquer momento água fervendo.

Um olho vigiava a minha vida. A esse olho ora provavelmente eu chamava de verdade, ora de moral, ora de lei humana, ora de Deus, ora de mim.

Dois minutos depois de nascer eu já havia perdido as minhas origens.

Há um mau gosto na desordem de viver.

O que eu tinha não me era conquista, era dom.

Só tive a facilidade dos dons, e não o espanto das vocações.

Tudo aqui se refere na verdade a uma vida que se fosse real não me serviria.

A espirituosa elegância de minha casa vem de que tudo aqui está entre aspas.

Sempre conservei uma aspa à esquerda e outra à direita de mim.

“Como se não fosse eu” era mais amplo do que se fosse – uma vida inexistente me possuía toda e me ocupava como uma invenção.

Fotografia é o retrato de um côncavo, de uma falta, de uma ausência?

Basta o olhar de um homem experimentado para que ele avalie que eis uma mulher de generosidade e graça, e que não dá trabalho, e que não rói um homem: mulher que sorri e ri.

Eu era a imagem do que eu não era, e essa imagem do não-ser me cumulava toda: um dos modos mais fortes é ser negativamente.

Sem estar agora sendo irônica, sou uma mulher de espírito.

Dá-me a tua mão desconhecida, que a vida está me doendo, e não sei como falar – a realidade é delicada demais, só a realidade é delicada, minha irrealidade e minha imaginação são mais pesadas.

Todo momento de “falta de sentido” é exatamente a assustadora certeza de que ali há o sentido, e que não somente eu não alcanço, como não quero porque não tenho garantias.

Na minha casa fresca, aconchegada e úmida, a criada sem me avisar abrira um vazio seco.

Já estava havendo então, e eu ainda não sabia, os primeiros sinais em mim do desabamento de cavernas calcáreas subterrâneas, que ruíam sob o peso de camadas arqueológicas estratificadas – e o peso do primeiro desabamento abaixava os cantos de minha boca, me deixava de braços caídos. O que me acontecia? Nunca saberei entender mas há de haver quem entenda. E é em mim que tenho de criar esse alguém que entenderá.

O que sempre me repugnara em baratas é que elas eram obsoletas e no entanto atuais.

Nenhum ruído e no entanto eu bem sentia uma ressonância enfática, que era a do silêncio roçando o silêncio.

Qual é o único sentimento de uma barata? a atenção de viver, inextricável de seu corpo.

Há quinze séculos eu não lutava, há quinze séculos eu não matava, há quinze séculos eu não morria – toda uma vida de atenção acuada reunia-se agora em mim e batia como um sino mudo cujas vibrações eu não precisava ouvir, eu as reconhecia. Como se pela primeira vez enfim eu estivesse ao nível da Natureza.

Eu toda estava com sabor de aço e azinhavre, eu toda era ácida como um metal na língua, como planta verde esmagada, meu sabor me veio todo à boca.

Ter matado – era tão maior que eu, era da altura daquele quarto indelimitado. Ter matado abria a secura das areias do quarto até a umidade, enfim, enfim, como se eu tivesse cavado e cavado com dedos duros e ávidos até encontrar em mim um fio bebível de vida que era o de uma morte.

A barata não tem nariz. Olhei-a, com aquela sua boca e seus olhos: parecia uma mulata à morte.

Perdoa eu te dar isto, mão que seguro, mas é que não quero isto para mim! toma essa barata, não quero o que vi.

O que eu via com um constrangimento tão penoso e tão espantado e tão inocente, o que eu via era a vida me olhando.

Toma, toma tudo isso para ti, eu não quero ser uma pessoa viva! tenho nojo e maravilhamento por mim, lama grossa lentamente brotando.

O sangue que eu via fora de mim, aquele sangue eu o estranhava com atração: ele era meu.

Meus primeiros contatos com as verdades sempre me difamaram.

Segura a minha mão, porque sinto que estou indo. Estou de novo indo para a mais primária vida divina, estou indo para um inferno de vida crua. Não me deixes ver porque estou perto de ver o núcleo da vida – e, através da barata que mesmo agora revejo, através dessa amostra de calmo horror vivo, tenho medo de que nesse núcleo eu não saiba mais o que é esperança.

Segura minha mão, cheguei ao irredutível com a fatalidade de um dobre – sinto que tudo isso é antigo e amplo, sinto no hieroglifo da barata lenta a grafia do Extremo Oriente.

A vida, meu amor, é uma grande sedução onde tudo o que existe se seduz.

Eu chegara ao nada, e o nada era vivo e úmido.

Se eu nunca revelar a minha carência, ninguém se assustará comigo e me ajudarão sem saber.

Um primeiro grito desencadeia todos os outros.

Se eu gritasse acordaria milhares de seres gritantes que iniciariam pelos telhados um coro de gritos e horror.

É que, mão que me sustenta, é que eu, numa experiência que não quero nunca mais, numa experiência pela qual peço perdão a mim mesma, eu estava saindo do meu mundo e entrando no mundo.

A vida é tão contínua que nós a dividimos em etapas, e a uma delas chamamos de morte.

Sempre estive em vida.

A vida em mim é tão insistente que se me partirem, como a uma lagartixa, os pedaços continuarão estremecendo e se mexendo.

Nunca propriamente morrerei.

Tudo olha para tudo, tudo vive o outro.

As coisas sabem tanto as coisas que a isto... a isto chamarei de perdão, se eu quiser me salvar no plano humano. É o perdão em si. Perdão é um atributo da matéria viva.

Só tenho o que sou.

Sou: estar de pé diante de um susto. Sou: o que vi.

O material do mundo me assusta, com os seus planetas e baratas.

Que abismo entre a palavra amor e o amor que não tem sequer sentido humano.

Um edifício onde de noite todos dormem tranquilos, sem saber que os alicerces vergam e que, num instante não anunciado pela tranquilidade, as vigas vão ceder porque a força de coesão está lentamente se desassociando um milímetro por cada século.

Ontem, sem aviso, houve o fragor do sólido que subitamente se torna friável numa derrocada.

O inumano é o melhor nosso, é a coisa, a parte coisa da gente.

Não tinha soçobrado porque a parte coisa, matéria do Deus, era forte demais.

Como se uma mulher tranquila tivesse simplesmente sido chamada e tranquilamente largasse o bordado na cadeira, se erguesse, e sem uma palavra – abandonando sua vida, renegando bordado, amor e alma já feita – sem uma palavra essa mulher se pusesse calmamente de quatro, começasse a engatinhar e a se arrastar com olhos brilhantes e tranquilos: é que a vida anterior a reclamara, e ela fora.

Todo caso de loucura é que alguma coisa voltou.

Os possessos, eles não são possuídos pelo que vem,
mas pelo que volta.

Me parecia o inferno, essa destruição de camadas e camadas arqueológicas humanas.

Vista de perto, a barata é um objeto de grande luxo.

Por que foi que a Bíblia se ocupou tanto dos imundos, e fez uma lista dos animais imundos e proibidos? por que se, como os outros, também eles haviam sido criados? E por que o imundo era proibido? Eu fizera o ato proibido de tocar no que é imundo.

O animal imundo da Bíblia é proibido porque o imundo é a raiz – pois há coisas criadas que nunca se enfeitaram e conservaram-se iguais ao momento em que foram criadas.

Comer a matéria viva me expulsaria de um paraíso de adornos, e me levaria para sempre a andar com um cajado pelo deserto.

Para construir uma alma possível – uma alma cuja cabeça não devore a própria cauda – a lei manda que só se fique com o que é disfarçadamente vivo.

A lei manda que, quem comer do imundo, que o coma sem saber.

Ah, não retires de mim a tua mão.

Não retires tua mão, mesmo que eu já saiba que encontrar tem que ser pelo caminho daquilo que somos.

A desumanização é tão dolorosa como perder tudo, como perder tudo, meu amor.

Se eu continuava a querer pedir era para ainda me agarrar aos últimos restos de minha civilização antiga, agarrar-me para não me deixar ser arrastada pelo que agora me reivindicava.

Ter experimentado já era o começo de um inferno de querer, querer, querer.

Assistia à minha transformação de crisálida em larva úmida, as asas aos poucos encolhiam-se crestadas. E um ventre todo novo e feito para o chão, um ventre novo renascia.

Há vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também.

Não me via com os olhos mas com o corpo.

Havia experimentado na boca os olhos de um homem e, pelo sal na boca, soubera que ele chorava.

Na hora de minha morte eu também não seria traduzível por palavra.

O instante, o instante este – a atualidade – isso não é imaginável, entre a atualidade e eu não há intervalo.

A hora de viver também não tem palavra.

A hora de viver é um ininterrupto lento rangido de portas que se abrem continuamente de par em par.

A hora de viver é tão infernalmente inexpressiva que é o nada.

Finalmente, meu amor, sucumbi.

Não é só no ápice de um oásis que é agora:
agora também é no deserto, e pleno.

A atualidade não tem futuro: o futuro será exatamente de novo uma atualidade.

Se morre sem se saber para onde, e esta é a maior coragem de um corpo.

E também poderia, para descansar, falar na tragédia.
Conheço tragédias.

Assassinato o mais profundo: aquele que é um modo de relação, que é um modo de um ser existir o outro ser, um modo de nos vermos e nos sermos e nos termos, assassinato onde não há vítima nem algoz, mas uma ligação de ferocidade mútua.

Reza por mim, minha mãe, pois não transcender é um sacrifício, e transcender era antigamente o meu esforço humano de salvação, havia uma utilidade imediata em transcender.

Ficar dentro do que é, isso exige que eu não tenha medo!

Estou sem poder mais querer a beleza – talvez nunca a tivesse querido mesmo, mas era tão bom! eu me lembro como o jogo da beleza era bom, a beleza era uma transmutação contínua.

Quero a atualidade sem enfeitá-la com um futuro que a redima.

O que a esperança queria em mim era apenas escamotear a atualidade.

Quero encontrar a redenção no hoje, no já, na realidade que está sendo, e não na promessa, quero encontrar a alegria neste instante.

Quero o Deus naquilo que sai do ventre da barata – mesmo que isto, em meus antigos termos humanos, signifique o pior, e, em termos humanos, o infernal.

O que eu toda não conhecia – era o neutro.

Não posso fazer nada por você, barata. Não quero fazer nada por você.

Não estava suportando ficar apenas sentada e sendo, e então queria fazer. Fazer seria transcender, transcender é uma saída.

A barata não sabia de esperança ou piedade. Se ela não estivesse presa e se fosse maior que eu, com neutro prazer ocupado ela me mataria. Assim como o violento neutro de sua vida admitia que eu, por não estar presa e por ser maior que ela, que eu a matasse. Essa era a espécie de tranquila ferocidade neutra do deserto onde estávamos.

É preciso ser maior que a culpa.

A culpa me amesquinha.

Do que eu pensava sobre amor, também disso estou me despedindo, já quase não sei mais o que é, já não me lembro.

Lembrei-me de ti, quando beijara teu rosto de homem, devagar, devagar beijara, e quando chegara o momento de beijar teus olhos – lembrei-me de que então eu havia sentido o sal na minha boca, e que o sal de lágrimas nos teus olhos era o meu amor por ti. Mas, o que mais me havia ligado em susto de amor, fora, no fundo do fundo do sal, tua substância insossa e inocente e infantil: ao meu beijo tua vida mais profundamente insípida me era dada.

Beijar teu rosto era insosso e ocupado trabalho paciente de amor, era mulher tecendo um homem, assim como me havias tecido, neutro artesanato de vida.

Se a gente é o mundo, a gente é movida por um delicado radar que guia.

Amor é muito mais que amor: amor é antes do amor ainda: é plâncton lutando, e a grande neutralidade viva lutando.

O que é esmagado pela cintura é fêmea.

Mãe: matei uma vida, e não há braços que me recebam agora e na hora do nosso deserto, amém. Mãe, tudo agora tornou-se de ouro duro. Interrompi uma coisa organizada, mãe, e isso é pior que matar, isso me fez entrar por uma brecha que me mostrou, pior que a morte, que me mostrou a vida grossa e neutra amarelecendo. A barata está viva, e o olho dela é fertilizante, estou com medo de minha rouquidão, mãe.

A barata é de verdade, mãe. Não é mais uma ideia de barata.

Matar também é proibido porque se quebra o invólucro duro, e fica-se com a vida pastosa.

Como se ter dito a palavra “mãe” tivesse libertado em mim mesma uma parte grossa e branca – a vibração intensa do oratório de súbito parou, e o minarete emudeceu. E como depois de uma funda crise de vômito, minha testa estava aliviada, fresca e fria. Nem mesmo o medo mais, nem mesmo o susto mais.

Meu medo agora era diferente: não o medo de quem ainda vai entrar, mas o medo tão mais largo de quem já entrou.

E a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio.

Deste-me inocentemente a mão, e porque eu a segurava é que tive coragem de me afundar.

Mas não procures entender-me, faze-me apenas companhia.

Usa-me pelo menos como túnel escuro – e quando atravessares minha escuridão te encontrarás do outro lado contigo.

A identidade – a identidade que é a primeira inerência –
era a isso que eu estava cedendo? era nisso que eu havia entrado?

Confio na minha covardia futura, e será a minha covardia essencial que me reorganizará de novo em pessoa.

A identidade me é proibida mas meu amor é tão grande que não resistirei à minha vontade de entrar no tecido misterioso, nesse plasma de onde talvez eu nunca mais possa sair.

Mesmo na minha nova irrealidade o plasma do Deus estará na minha vida.

Toda vez em que vivi a verdade foi através de uma impressão de sonho inelutável: o sonho inelutável é a minha verdade.

Estou tentando te dizer de como cheguei ao neutro e ao inexpressivo de mim.

O neutro. Estou falando do elemento vital que liga as coisas. Oh, não receio que não compreendas, mas que eu me compreenda mal. Se eu não me compreender, morrerei daquilo de que no entanto vivo.

O inexpressivo é diabólico. Se a pessoa não estiver comprometida com a esperança, vive o demoníaco.

Se a pessoa tiver coragem de largar os sentimentos, descobre a ampla vida de um silêncio extremamente ocupado.

O demoníaco é *antes* do humano. E se a pessoa vê essa atualidade, ela se queima como se visse o Deus.

A vida pré-humana divina é de uma atualidade que queima.

A alegria de perder-se é uma alegria de sabá.

Perder-se é um achar-se perigoso.

Era um inferno, aquele, porque naquele mundo que eu vivia não existe piedade nem esperança.

Sei o que se faz no escuro das montanhas em noites de orgia. Eu sei! sei com horror: gozam-se as coisas.

O protoplasma e o sêmen e a proteína são de um neutro vivo.

Como se antes eu estivesse estado com o paladar viciado por sal e açúcar, e com a alma viciada por alegrias e dores – e nunca tivesse sentido o gosto primeiro. E agora sentia o gosto do nada.

A sede pecaminosa me guiava – e agora eu sei que sentir o gosto desse quase nada é a alegria secreta dos deuses.

Dorme comigo acordado e só assim poderás saber de meu sono grande e saberás o que é o deserto vivo.

A lagartixa vê – como um olho solto vê.

Só quando erro é que saio do que conheço e do que entendo.

A verdade tem que estar exatamente no que não poderei jamais compreender.

O homem do futuro nos entenderá como somos hoje? Ele distraidamente, com alguma ternura distraída, afagará nossa cabeça como nós fazemos com o cão que se aproxima de nós e nos olha de dentro de sua escuridão, com olhos mudos e aflitos.

Nosso tempo de dor ia passar assim como a criança não é uma criança estática.

Não esquecer, se viesse a ser necessário, que o arroz prospera em solo salobre,

cujo alto teor de sal ajuda a desbastar.

Lembrava das leituras de antes de dormir que eu, de propósito, procurava que fossem impessoais para me ajudarem a adormecer.

Para a minha fome eu contaria com as tâmaras de dez milhões de palmeiras, além de amendoim e azeitona.

Do meu minarete, eu só poderia rezar para as areias.

Para as areias eu provavelmente estivera pronta desde que nascera: eu saberia como rezá-las, para isso eu não precisaria me adestrar de antemão, como as macumbeiras que não rezam para as coisas mas rezam as coisas.

Preparada eu sempre estivera, tão adestrada que eu fora pelo medo.

Árabes e nômades chamam o Saara de El Khela, o nada, de Tanesruft, o país do medo, de Tiniri, terra além das regiões da pastagem.

Procurei pensar no Mar Negro, procurei pensar nos persas descendo pelos desfiladeiros – mas também nisso tudo não encontrei nem beleza nem feiura, apenas as infinitas sucessões de séculos do mundo.

Voltei-me de chofre para o interior do quarto que, na sua ardência, pelo menos não era povoado.

O erro é um dos meus modos fatais de trabalho.

A barata é comível como uma lagosta, a barata era um crustáceo.

Tenho horror do silêncio cheio de escamas estratificadas do crocodilo.

O nojo me é necessário assim como a poluição das águas é necessária para procriar-se o que está nas águas.

A noite na Galileia é como se no escuro o tamanho do deserto andasse.

Estava vendo um silêncio que tem a profundidade de um abraço.

E então vai acontecer – numa rocha nua e seca do deserto da Líbia – vai acontecer o amor de duas baratas. Eu agora sei como é. Uma barata espera. Vejo

o seu silêncio de coisa parda. E agora – agora estou vendo outra barata avançando lentamente e com dificuldade pelas areias em direção à rocha. Sobre a rocha, cujo dilúvio há milênios já secou, duas baratas secas. Uma é o silêncio da outra. Os matadores que se encontram: o mundo é extremamente recíproco. A vibração de um estrídulo inteiramente mudo na rocha; e nós, que chegamos a hoje, ainda vibramos com ele.

Somos seres úmidos e salgados, somos seres de água do mar e de lágrimas.

Sou bicho de grandes profundidades úmidas, não conheço a poeira das cisternas secas, e a superfície de uma rocha não é o meu lar.

A noite é o nosso estado latente.

Na noite a ansiedade suave se transmite através do oco do ar, o vazio é um meio de transporte.

Somos os que nadam, o ar da noite é encharcado e é adocicado, e nós somos salgados pois que suar é a nossa exalação.

Há muito tempo fui desenhada contigo numa caverna, e contigo nadei de suas profundezas escuras até hoje, nadei com meus cílios inúmeros – eu era o petróleo que só hoje jorrou, quando uma negra africana me desenhou na minha casa, fazendo-me brotar de uma parede. Sonâmbula como o petróleo que enfim jorra.

Não sou adulta bastante para saber usar uma verdade sem me destruir.

Adivinha-me, adivinha-me porque faz frio, perder os invólucros de lagosta faz frio.

Para se ter o incenso o único meio é o de queimar o incenso.

Quando uma pessoa é o próprio núcleo,
ela não tem mais divergências.

O ritual é o próprio processar-se da vida do núcleo, o ritual não é exterior a ele: o ritual é inerente.

O ritual é a marca do Deus. E cada filho já nasce com o mesmo ritual.

Viver é sempre questão de vida e morte, daí a solenidade.

Somos a vida que está em nós.

Sou mansa mas minha função de viver é feroz.

A forma de viver é um segredo tão secreto que é o rastejamento silencioso de um segredo.

Vou te dizer que eu te amo. Sei que te disse isso antes, e que também era verdade quando te disse, mas é que só agora estou realmente dizendo. Estou precisando dizer antes que eu.

Não quero te dar o susto do meu amor.

As coisas todas se passam acima ou abaixo da dor.

O amor estava acontecendo muito mais exatamente quando não havia o que chamávamos de amor.

Será que nós originalmente não éramos humanos? e que, por necessidade prática, nos tornamos humanos?

Minha sobrevivência futura em filhos é que seria a minha verdadeira atualidade.

O que até então me havia escapado fora a minha real inumanidade.

A alegria do sabá é a alegria de perder-se no atonal.

Os risos fazem parte do volume do silêncio.

Mesmo o que existe já, é remoto.

Nem meu corpo me delimita.

Sou remota a mim mesma, sou-me inalcançável como me é inalcançável um astro.

O futuro, ai de mim, me é mais próximo que o instante já.

Sou tão maior do que aquilo que eu chamava de “eu” que, somente tendo a vida

do mundo, eu me teria.

Toda a parte mais inatingível de minha alma e que não me pertence – é aquela que toca na minha fronteira com o que já não é eu, e à qual me dou.

Sou mais aquilo que em mim não é.

Se eu conseguir voltar do reino da vida tornarei a pegar a tua mão, e a beijarei grata porque ela me esperou, e esperou que meu caminho passasse, e que eu voltasse magra, faminta e humilde: com fome apenas do pouco, com fome apenas do menos.

Piedade é ser filho de alguém ou de alguma coisa – mas ser o mundo é a crueldade.

O mistério do destino humano é que somos fatais.

Inumanos, como a barata, realizam o próprio ciclo completo, sem nunca errar porque eles não escolhem.

Tornar-se humano pode se transformar em ideal e sufocar-se de acréscimos.

Não preciso cuidar sequer de minha alma, ela cuidará fatalmente de mim, e não tenho que fazer para mim mesma uma alma: tenho apenas que escolher viver.

O inferno é o meu máximo.

Ser um humano é uma sensibilização, um orgasmo da natureza.

Sexo é o susto de uma criança.

No neutro do amor está uma alegria contínua, como um barulho de folhas ao vento.

A explicação de um enigma é a repetição do enigma. O que És? e a resposta é: És. O que existes? e a resposta é: o que existes.

O segredo da força era a força, o segredo do amor era o amor – e a joia do mundo é um pedaço opaco de coisa.

Ah, estou sendo tão direta que chego a parecer simbólica.

Eu arriscara o mundo em busca da pergunta que é posterior à resposta.

E nem ao menos eu estava tocando na coisa. Estava apenas tocando no espaço que vai de mim ao nó vital – eu estava dentro da zona de vibração coesa e controlada do nó vital. O nó vital vibra à vibração de minha chegada.

A coisa nunca pode ser realmente tocada. O nó vital é um dedo apontando-o – e, aquilo que foi apontado, desperta como um miligrama de radium no escuro tranquilo.

Pois o escuro não é iluminável, o escuro é um modo de ser: o escuro é o nó vital do escuro, e nunca se toca no nó vital de uma coisa.

Tremo de medo e adoração pelo que existe.

O germe é ávido e esperto.

Minha avidez é a minha mais inicial fome: sou pura porque sou ávida.

Não posso me impedir de me sentir toda ampliada dentro de mim pela pobreza do opaco e do neutro: a coisa é viva como ervas.

Envio meu anjo para aparelhar o caminho diante de mim.

Mesmo quando algo cai do céu, é um meteorito, isto é, um pedaço de coisa.

Só os grandes amam a monotonia.

Os grandes têm a qualidade vital da carne, e, não só toleram o atonal, como a ele aspiram.

O tédio fora a única forma como eu pudera sentir o atonal.

O que eu gostava na natureza era o seu inexpressivo vibrante.

A verdadeira tragédia está na inexorabilidade do seu inexpressivo, que é sua identidade nua.

No fundo somos tão, tão felizes! pois não há uma forma única de entrar em contato com a vida, há inclusive as formas negativas! inclusive as dolorosas, inclusive as quase impossíveis – e tudo isso, tudo isso antes de morrer, tudo isso

mesmo enquanto estamos acordados!

Há também às vezes a exasperação do atonal, que é de uma alegria profunda: o atonal exasperado é o voo se alçando.

Foi assim que os mundos se formaram: o atonal exasperou-se.

Que não se acorde quem está todo ausente, quem está absorto está sentindo o peso das coisas.

Só voa o que tem peso.

Não estou à altura de ficar no paraíso porque o paraíso não tem gosto humano!

O estado de graça existe permanentemente:
nós estamos sempre salvos.

Sentir que se está em graça é que é o dom.

Eu nunca havia deixado minha alma livre, e me havia organizado depressa em pessoa porque é arriscado demais perder-se a forma.

A esperança é um filho ainda não nascido, só prometido, e isso machuca.

Prescindir da esperança significa que eu tenho que passar a viver, e não apenas a me prometer a vida.

O Deus é hoje: seu reino já começou.

Só temos de Deus o que cabe em nós.

Da flor só vemos até onde vão os olhos e a sua saciedade rasa.

Tenho que me violentar até não ter nada, e precisar de tudo.

Minha exigência é o meu tamanho, meu vazio é a minha medida.

Na exigência de vida tudo é lícito, mesmo o artificial.

Como cegos que tateiam, nós pressentimos o intenso prazer de viver.

Precisar é sempre o momento supremo.

A mais arriscada alegria entre um homem e uma mulher vem quando a grandeza de precisar é tanta que se sente em agonia e espanto: sem ti eu não poderia viver. A revelação do amor é uma revelação de carência – bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o dilacerante reino da vida.

Se abandono a esperança, estou celebrando a minha carência, e esta é a maior gravidade do viver.

Porque assumi a minha falta, então a vida está à mão.

A beatitude é o prazer contínuo da coisa, o processo da coisa é feito de prazer e de contato com aquilo de que se precisa gradualmente mais.

Ser real é assumir a própria promessa: assumir a própria inocência e retomar o gosto do qual nunca se teve consciência: o gosto do vivo.

As coisas são muito delicadas. A gente pisa nelas com uma pata humana demais, com sentimentos demais.

Eu antes precisava de tempero para tudo, e era assim que eu pulava por cima da coisa e sentia o gosto do tempero.

Eu não podia sentir o gosto da batata, pois a batata é quase a matéria da terra; a batata é tão delicada que – por minha incapacidade de viver no plano de delicadeza do gosto apenas terroso da batata – eu punha minha pata humana em cima dela e quebrava a sua delicadeza de coisa viva.

Sei que tenho de ter uma coragem muito maior: a de ter uma outra moral, tão isenta que eu mesma não a entenda e que me assuste.

Tua energia física era a tua energia mais delicada.

Eu não sabia ver que aquilo era amor delicado. E me parecia o tédio.

Tudo isso era fino demais para a minha pata humana.

Beleza me era um engodo suave, era o modo como eu, fraca e respeitosa, enfeitava a coisa para poder tolerar-lhe o núcleo.

Dou adeus mesmo à beleza de uma criança – quero o adulto que é mais primitivo e feio e mais seco e mais difícil, e que se tornou uma criança-semente que não se quebra com os dentes.

Quero ver se também já posso prescindir de cavalo bebendo água, o que é tão bonito. Também não quero a minha sensibilidade porque ela faz bonito; e poderei prescindir do céu se movendo em nuvens? e da flor? não quero o amor bonito. Não quero a meia-luz, não quero a cara bem-feita, não quero o expressivo.

Querer ser humano me soa bonito demais.

A humanidade está ensopada de humanização.

Aguenta eu te dizer que Deus não é bonito. E isto porque Ele não é nem um resultado nem uma conclusão.

Largar é uma atitude tão áspera e agressiva que a pessoa que abrisse a boca para falar em largar deveria ser presa e mantida incomunicável – eu mesma.

Prefiro me considerar temporariamente fora de mim, a ter a coragem de achar que tudo isso é uma verdade.

Eu me queimo nesta descoberta: a de que existe uma moral em que a beleza é de uma grande superficialidade medrosa.

Aquilo que me apela e me chama é o neutro.

O que falo com Deus tem que não fazer sentido! Se fizer sentido é porque erro.

Ah, não me descompreendas: não estou tirando nada de ti. Estou é exigindo de ti. Sei que parece que estou tirando a tua e a minha humanidade. Mas é o oposto: estou querendo é viver daquilo inicial e primordial que exatamente fez com que certas coisas chegassem ao ponto de aspirar a serem humanas.

É um amor muito maior que estou exigindo de mim – é uma vida tão maior que não tem sequer beleza.

Só são humilhados os que não são humildes.

A humildade é muito mais que um sentimento, é a realidade vista pelo mínimo bom senso.

Estou precisando danadamente me divertir e me divergir.

Precisarei para o resto dos meus dias de minha leve vulgaridade doce e bem-humorada, preciso esquecer, como todo o mundo.

Ter nojo me contradiz, contradiz em mim a minha matéria.

Depois da revolução que é vomitar, eu me sentia fisicamente simples como uma menina.

Viver como um sonâmbulo era o maior ato de confiança? o de fechar os olhos em vertigem, e jamais saber o que se fez.

A lembrança ficou tão forte que meu corpo gritou todo em si mesmo.

O divino para mim é o real.

O benefício maior do santo é para com ele mesmo, o que não importa: pois quando ele atinge a grande própria largueza, milhares de pessoas ficam alargadas pela sua largueza e dela vivem.

Viver é uma grande bondade para com os outros.

Viver é dádiva tão grande que milhares de pessoas se beneficiam com cada vida vivida.

A necessidade é o meu guia.

Uma mulher, na hora do amor por um homem, essa mulher está vivendo a sua própria espécie.

Chegará o instante em que me darás a mão, não mais por solidão, mas como eu agora: por amor.

Não precisar deixa um homem muito só, todo só.

Ah, meu amor, não tenhas medo da carência:
ela é o nosso destino maior.

O amor é tão mais fatal do que eu havia pensado, o amor é tão inerente quanto a própria carência, e nós somos garantidos por uma necessidade que se renovará continuamente.

O amor já está, está sempre. Falta apenas o golpe da graça – que se chama paixão.

A graça da paixão é curta.

Estar vivo é uma grossa indiferença irradiante. Estar vivo é inatingível pela mais fina sensibilidade. Estar vivo é inumano.

A meditação mais profunda é aquela tão vazia que um sorriso se exala como de uma matéria.

O não humano é o centro irradiante de um amor neutro em ondas hertzianas.

Se daqui a centenas de milhares de anos finalmente nós não formos mais o que sentirmos e pensarmos: teremos o que mais se assemelha a uma “atitude” do que a uma ideia. Seremos a matéria viva se manifestando diretamente, desconhecendo palavra, ultrapassando o pensar que é sempre grotesco.

Seremos inumanos – como a mais alta conquista do homem. Ser é ser além do humano.

Estou falando da morte? não, da vida. Não é um estado de felicidade, é um estado de contato.

A esperança e a promessa se cumprem a cada instante.

Sempre tive medo de ser fulminada pela realização, eu sempre havia pensado que a realização é um final – e não contara com a necessidade sempre nascente.

Quando se realiza o viver, pergunta-se: mas era só isto? E a resposta é: não é só isto, é exatamente isto.

Tomar cuidado para não fazer disto mais do que isto, pois senão já não será mais isto.

A essência é de uma insipidez pungente.

Estou enfim caminhando em direção ao caminho inverso. Caminho em direção à destruição do que construí, caminho para a despersonalização.

Tenho avidez pelo mundo.

Sei agora de um modo que prescinde de tudo – e também de amor, de natureza, de objetos. Um modo que prescinde de mim.

Quanto a meus desejos, a minhas paixões, a meu contato com uma árvore – eles continuem sendo para mim como uma boca comendo.

A despersonalização como a destituição do individual inútil – a perda de tudo o que se possa perder e, ainda assim, ser.

Tirar de si, com um esforço tão atento que não se sente a dor, tirar de si, como quem se livra da própria pele, as características.

A despersonalização como a grande objetivação de si mesmo. A maior exteriorização a que se chega.

Designo o impalpável como impalpável, e então o sopro recrudesce como na chama de uma vela.

Tão secreta é a verdadeira vida que nem a mim, que morro dela, me pode ser confiada a senha, morro sem saber de quê.

Somente se a missão chegar a se cumprir é que, por um relance, percebo que nasci incumbida.

E porque me despersonalizo a ponto de não ter o meu nome, respondo cada vez que alguém disser: eu.

Nem todos chegam a fracassar porque é tão trabalhoso, é preciso antes subir penosamente até enfim atingir a altura de poder cair.

Minhas civilizações eram necessárias para que eu subisse a ponto de ter de onde descer.

É exatamente através do malogro da voz que se vai pela primeira vez ouvir a própria mudez e a dos outros e a das coisas, e aceitá-la como a possível

linguagem.

A dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos.

Para se chegar à mudez, que grande esforço da voz.

A realidade, antes de minha linguagem, existe como um pensamento que não se pensa.

Por fatalidade fui e sou impelida a precisar saber o que o pensamento pensa.

A vida antecede o amor, a matéria do corpo antecede o corpo, e por sua vez a linguagem um dia terá antecedido a posse do silêncio.

Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar.

Do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço.

Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível.

O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem.

Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.

A trajetória não é apenas um modo de ir.
A trajetória somos nós mesmos.

Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes.

A insistência é o nosso esforço, a desistência é o prêmio. A este só se chega quando se experimentou o poder de construir, e, apesar do gosto de poder, prefere-se a desistência. A desistência tem que ser uma escolha. Desistir é a escolha mais sagrada de uma vida. Desistir é o verdadeiro instante humano.

A desistência é uma revelação.

Existir exige de mim o grande sacrifício de não ter força, desisto, e eis que na mão fraca o mundo cabe.

Viver me deixa tão impressionada, viver me tira o sono.

Chego à altura de poder cair, escolho, estremeço e desisto.

Quanto mais ignoro a senha mais cumpro o segredo.

Eu me aproximava do que acho que era – confiança. Talvez seja este o nome.

“Eu” é apenas um dos espasmos instantâneos do mundo.

PARTE VI

Perto do coração selvagem



De longe mesmo possuía as coisas.

É preciso não ter medo de criar.

Nunca roubar antes de saber se o que você quer roubar existe em alguma parte honestamente reservado para você.

Há impossibilidade de ser além do que se é – no entanto eu me ultrapasso mesmo sem o delírio, sou mais do que eu quase normalmente.

Tenho um corpo e tudo o que eu fizer é continuação de meu começo.

Aceito tudo o que vem de mim porque não tenho conhecimento das causas.

É possível que esteja pisando no vital sem saber.

Poderia riscar tudo o que pensara.

Estou muito nova ainda e sempre que me tocam
ou não me tocam, sinto.

Mente-se e cai-se na verdade.

A única verdade é que vivo.

Quem sou? Bem, isso já é demais.

Perco a consciência, mas não importa, encontro a maior serenidade na alucinação.

Sinto quem sou e a impressão está alojada na parte alta do cérebro, nos lábios – na língua principalmente –, na superfície dos braços e também correndo dentro, bem dentro do meu corpo, mas onde, onde mesmo, eu não sei dizer.

Donde vem essa certeza de estar vivendo?

Basta silenciar para só enxergar, abaixo de todas as realidades, a única irredutível, a da existência.

Tudo é perfeito, porque seguiu de escala a escala o caminho fatal em relação a si

mesmo.

Nada escapa à perfeição das coisas, é essa a história de tudo.

Piedade é a minha forma de amor. De ódio e de comunicação. É o que me sustenta contra o mundo, assim como alguém vive pelo desejo, outro pelo medo.

Durmamos de mãos dadas. O mundo rola e em alguma parte há coisas que não conheço.

Durmamos sobre Deus e o mistério, nave quieta e frágil flutuando sobre o mar, eis o sono.

A fórmula se realizava tantas vezes: sentir a coisa sem possuí-la. Apenas era preciso que tudo a ajudasse, a deixasse leve e pura, em jejum para receber a imaginação.

O que é que se consegue quando se fica feliz?

Depois que se é feliz o que acontece? O que vem depois?

Como ligar-se a um homem senão permitindo que ele a aprisione? como impedir que ele desenvolva sobre seu corpo e sua alma suas quatro paredes? E havia um meio de ter as coisas sem que as coisas a possuíssem?

Dentro de si era como se não houvesse a morte, como se o amor pudesse fundi-la, como se a eternidade fosse a renovação.

Os seios da tia eram profundos, podia-se meter a mão como dentro de um saco e de lá retirar uma surpresa, um bicho, uma caixa, quem sabe o quê.

Eternidade não era a quantidade infinitamente grande que se desgastava, mas eternidade era a sucessão.

Compreendia subitamente que na sucessão encontrava-se o máximo de beleza, que o movimento explicava a forma – era tão alto e puro gritar: o movimento explica a forma! – e na sucessão também se encontrava a dor porque o corpo era mais lento que o movimento de continuidade ininterrupta.

Ter tido uma infância não é o máximo?

A vida humana é mais complexa: resume-se na busca do prazer, no seu temor, e sobretudo na insatisfação dos intervalos.

Toda ânsia é busca de prazer. Todo remorso, piedade, bondade, é o seu temor. Todo o desespero e as buscas de outros caminhos são a insatisfação.

Quem se recusa o prazer, quem se faz de monge, em qualquer sentido, é porque tem uma capacidade enorme para o prazer, uma capacidade perigosa – daí um temor maior ainda.

Mau é não viver, só isso. Morrer já é outra coisa. Morrer é diferente do bom e do mau.

Nunca sofra por não ser uma coisa ou por sê-la.

Estava compreendendo as palavras, tudo o que elas continham. Mas apesar de tudo a sensação de que elas possuíam uma porta falsa, disfarçada, por onde se ia encontrar seu verdadeiro sentido.

Na verdade estou ajoelhada, nua como um animal, junto à cama, minha alma se desesperando como só o corpo de uma virgem pode se desesperar.

Estou no mundo, solta e fina como uma corça na planície.

Levanto-me suave como um sopro, ergo minha cabeça de flor e sonolenta, os pés leves, atravesso campos além da terra, do mundo, do tempo, de Deus.

A primeira verdade está na terra e no corpo.

Eis-me de volta ao corpo.

Depois de não me ver há muito quase esqueço que sou humana, esqueço meu passado e sou com a mesma libertação de fim e de consciência quanto uma coisa apenas viva.

O que importa afinal: viver ou saber que se está vivendo?

O que deve fazer alguém que não sabe o que fazer de si? Utilizar-se como corpo e alma em proveito do corpo e da alma? Ou transformar sua força em força alheia? Ou esperar que de si mesma nasça, como uma consequência, a solução?

Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome.

O principal – incluindo o passado, o presente e o futuro – é que estava viva.

Por que contar fatos e detalhes se nenhum a dominava afinal? E se ela era apenas a vida que corria em seu corpo sem cessar?

Ninguém sabia que ela estava sendo infeliz a ponto de precisar buscar a vida.

Nascera para o essencial, para viver ou morrer. E o intermediário era-lhe o sofrimento.

Compreende a vida porque não é suficientemente inteligente para não compreendê-la.

Desejava ainda mais: renascer sempre, cortar tudo o que aprendera, o que vira, e inaugurar-se num terreno novo onde todo pequeno ato tivesse um significado, onde o ar fosse respirado como da primeira vez.

Havia o perigo de se estabelecer no sofrimento e organizar-se dentro dele, o que seria um vício também e um calmante.

Não se entende a matéria e não se a percebe até que os sentidos com ela se choquem.

Por que me chamar de folha morta quando sou apenas um homem de braços cruzados?

Medo de não amar, pior do que o medo de não ser amado.

Gostava de pensar alto, de desenvolver um raciocínio sem plano, seguindo-se apenas.

Se uma pedra cai, essa pedra existe, houve uma força que fez com que ela caísse, um lugar de onde ela caiu, um lugar onde ela caiu, um lugar por onde ela caiu – acho que nada escapou à natureza do fato, a não ser o próprio mistério do fato.

No momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.

O que me faz agir não é, seguramente, o que eu sinto mas o que eu digo.

Quando a abraçara, sentira-a viver subitamente em seus braços como água correndo. E vendo-a tão viva, entendera esmagado e secretamente contente que se ela o quisesse ele nada poderia fazer.

Se rezasse, se pensasse, seria para agradecer ter um corpo feito para o amor.

Por Deus, quem sabe se não estou fazendo disto mais do que amor?

Continuo sempre me inaugurando, abrindo e fechando círculos de vida, jogando-os de lado, murchos, cheios de passado.

Quantas vezes não dera uma gorjeta exagerada ao garçom só porque se lembrara de que ele ia morrer e não o sabia.

Amo mais o que quero do que a mim mesma.

Você sabe, um pouco de escuridão e depois bastante ar; todo o organismo se beneficia, recebe vida.

Uma criança malcuidada. Quando recebe tudo, de repente reage, refloresce, mais do que as outras, às vezes.

É exatamente de minha natureza nunca me sentir ridícula, eu me aventuro sempre, entro em todos os palcos.

O doente imagina o mundo e o são o possui.

A poesia dos poetas que sofreram é doce, terna. E a dos outros, dos que de nada foram privados, é ardente, sofredora e rebelde.

Mas o que fazer com o dinheiro senão guardá-lo para gastá-lo?

É necessário certo grau de cegueira para poder enxergar determinadas coisas. É essa talvez a marca do artista. Qualquer homem pode saber mais do que ele e raciocinar com segurança, segundo a verdade. Mas exatamente aquelas coisas escapam à luz acesa. Na escuridão tornam-se fosforescentes.

Não é o grau que separa a inteligência do gênio, mas a qualidade.

Minhas qualidades são tão pequenas, iguais às dos outros homens, meus defeitos, meu lado negativo é belo e côncavo como um abismo.

O que não sou deixaria um buraco enorme na terra.

Eu não agasalho meus erros.

Quem escreve esta página nasceu um dia. Agora são exatamente sete e pouco da manhã. Há névoas lá fora, além da janela, da Janela Aberta, o grande símbolo.

Eu me sinto tão dentro do mundo que me parece não estar pensando, mas usando de uma nova modalidade de respirar.

Outro morrendo, outro ouvindo música, alguém entrou num banheiro, isto é o mundo.

Um homem só não encontra o pensamento tonto de um lado e a paz da vida verdadeira noutro.

Não se pode pensar impunemente.

A necessidade de gostar: marca do homem.

Muitas respostas encontram-se em afirmações de Spinoza. Na ideia por exemplo de que não pode haver pensamento sem extensão (modalidade de Deus) e vice-versa, não está afirmada a mortalidade da alma?

Tudo o que poderia existir, já existe. Nada mais pode ser criado senão revelado.

Um Deus dotado de livre-arbítrio é menor que um Deus de uma só lei.

Nem o entendimento nem a vontade pertencem à natureza de Deus, diz Spinoza.

A ideia da existência de um Deus consciente nos torna horrivelmente insatisfeitos.

“A beleza das palavras: natureza abstrata de Deus.
É como ouvir Bach.”

Não, não escrever hoje. E como essa era uma concessão, uma ordem indiscutível – perscrutou-se: se quisesse sinceramente poderia trabalhar? e a resposta foi

resoluta: não – e uma vez que a decisão era mais poderosa que ele, sentiu-se quase alegre.

Hoje alguém lhe dava o descanso. Não Deus. Não Deus, mas alguém. Muito forte.

Mas afinal de nada tenho culpa, disse. Nem de ter nascido.

Quem disse que os grandes homens não comem bombons?

Homenageados depois de mortos. Por quê? Porque os que elogiam precisam se sentir de algum modo superiores ao elogiado, precisam conceder.

Olhava-o sem prestar atenção às suas palavras. Era doce e bom saber que entre ambos havia segredos tecendo uma vida fina e leve sobre a outra vida, a real.

Que se fuja – e nunca se estará livre.

Desejava falar-lhe de sua alegria. Mas vagamente temia feri-lo, como se lhe contasse uma traição com outro homem.

Há coisas indestrutíveis que acompanham o corpo até a morte como se tivessem nascido com ele. E uma delas é o que se criou entre um homem e uma mulher que viveram juntos certos momentos.

Nele descobrira o homem, antes de saber sobre homens e mulheres.

Desde que o feto começara a se formar dentro de si, perdera certos trejeitos, ganhara outros, ousava avançar em certos pensamentos. Parecia-lhe que até então vivera mentindo. Seus movimentos eram mais libertos do corpo, como se agora houvesse mais espaço no mundo.

Faço mais do que te compreender, disse ela apressada, eu te amo.

Voltou lentamente a cabeça sobre o travesseiro e espiou. Lá estava um homem. Compreendeu que esperara exatamente isto.

Por que recusar acontecimentos? Ter muito ao mesmo tempo, sentir de várias maneiras, reconhecer a vida em diversas fontes.

Quem poderia impedir a alguém de viver largamente?

Havia a sombra daquele conhecimento que não se adquire com a inteligência. Inteligência das coisas cegas. Poder da pedra que tombando empurra outra que vai cair no mar e matar um peixe.

Talvez a divindade das mulheres não fosse específica, estivesse apenas no fato de existirem... Sim, sim, aí estava a verdade: elas existiam mais do que os outros, eram o símbolo da coisa na própria coisa.

E a mulher era o mistério em si mesmo, descobriu. Havia em todas elas uma qualidade de matéria-prima, alguma coisa que podia vir a definir-se mas que jamais se realizava, porque sua essência mesma era a de “tornar-se”.

Ah, o ciúme, era isso o ciúme, a mão fria amassando-a lentamente, apertando-a, diminuindo sua alma.

De um momento para outro, a certo movimento, posso me transformar numa linha. Isso! numa linha de luz, de modo que a pessoa fica só ao meu lado, sem poder me pegar e à minha deficiência.

Nós duas formaríamos uma união e forneceríamos à humanidade, sairíamos de manhã cedo de porta em porta, tocaríamos a campainha: qual é que a senhora prefere: meu ou dela? e entregaríamos um filhinho.

Eu toda nado, flutuo, atravesso o que existe com os nervos, nada sou senão um desejo, a raiva, a vaguidão, impalpável como a energia.

Energia? mas onde está minha força? na imprecisão, na imprecisão, na imprecisão.

Há qualquer coisa que roda comigo, roda, roda, me atordoa, me atordoa, e me deposita tranquilamente no mesmo lugar.

Eu sei o que quero: uma mulher feia e limpa com seios grandes, que me diga: que história é essa de inventar coisas? nada de dramas, venha cá imediatamente! – E me dê um banho morno, me vista uma camisola branca de linho, trance meus cabelos e me meta na cama, bem zangada, dizendo: o que então? fica aí solta, comendo fora de hora, capaz de pegar uma doença, deixe de inventar tragédias, pensa que é grande coisa na vida, tome essa xícara de caldo quente. Me levanta a

cabeça com a mão, me cobre com um lençol grande, afasta alguns fios de cabelos de minha testa, já branca e fresca, e me diz antes de eu adormecer mornamente: vai ver como em pouco tempo engorda esse rosto, esquece as maluquices e fica uma boa menina. Alguém que me recolha como a um cão humilde, que me abra a porta, me escove, me alimente, me queira severamente como a um cão, só isso eu quero, como a um cão, a um filho.

Oh, porque você fala em coisas difíceis, porque empurra coisas enormes num momento simples, me poupe, me poupe.

Nunca sei o que fazer das pessoas ou das coisas de que eu gosto, elas chegam a me pesar, desde pequena. Talvez se eu gostasse realmente com o corpo... Talvez me ligasse mais... – São confidências. Deus meu.

Nunca penetrei no meu coração.

A base de sua vida era mansa como um regato correndo no campo. E nesse campo ela própria se movia segura e serena como um animal a pastar.

A gente não sabe se é de poder ou de absoluta impotência, assim como querer com o corpo e o cérebro movimentar um dedo e simplesmente não consegui-lo.

Dorme, meu filho, dorme, eu lhe digo. O filho é morno e eu estou triste. Mas é a tristeza da felicidade, esse apaziguamento e suficiência que deixam o rosto plácido, longínquo.

Nada sei, posso parir um filho e nada sei.

Entre um instante e outro, entre o passado e as névoas do futuro, a vaguidão branca do intervalo.

Estou apenas contando o que vi e não o que vejo. Não sei repetir, só sei uma vez as coisas.

Onde se guarda a música enquanto não soa?

Talvez a crença na sobrevivência futura venha de se notar que a vida sempre nos deixa intocados.

Nada existe que escape à transfiguração.

Quero te conhecer por outras fontes, seguir para tua alma por outros caminhos; nada desejo de tua vida que passou, nem teu nome, nem teus sonhos, nem a história do teu sofrimento; o mistério explica mais que a claridade.

Tu és um corpo vivendo, eu sou um corpo vivendo, nada mais.

A visão é muito mais rápida que a palavra.

O que me resta para viver é pouco e o que me resta para viver no entanto continuará intocado e inútil, por que não te apiedas de mim?

Deus, dai-me o que preciso e não sei o que seja.

Serei brutal e malfeita como uma pedra, serei leve e vaga como o que se sente e não se entende.

E que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos porque basta me cumprir e então nada impedirá meu caminho até a morte-sem-medo, de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo.

PARTE VII

A bela e a fera



E repentinamente a história se partiu. Nem teve ao menos um fim suave. Terminou com a brusquidão e a falta de lógica de uma bofetada em pleno rosto.

Pensamento era visão e compreensão e que ninguém podia se intimar assim: pense!

E não havia água! Sabe o que é isso – não haver água?

A beleza pode ser de uma grande ameaça.

Fingira que não havia os que passam fome, não falam nenhuma língua e que havia multidões anônimas mendigando para sobreviver.

Ter uma ferida na perna – é uma realidade.

Tudo na sua vida, desde quando havia nascido, tudo na sua vida fora macio como pulo de gato.

PARTE VIII

Onde estivestes de noite



Entendeu o seu engano de pessoa avoada e distraída que só ouvia as coisas pela metade, a outra ficando submersa.

O seu pequeno destino quisera-a perdida no labirinto.

Tinha o cérebro oco, parecia-lhe que sua cabeça estava em jejum.

Mas setembro viria um dia como porta de saída. E setembro era por algum motivo o mês de maio: um mês mais leve e mais transparente.

“Aquilo”, agora sem nenhum pudor, era a fome dolorosa de suas entranhas, fome de ser possuída pelo inalcançável ídolo de televisão. Não perdia um só programa dele. Então, já que não pudera se impedir de pensar nele, o jeito era deixar-se pensar e relembrar o rosto de menina-moça de Roberto Carlos, meu amor.

Aliás, seu rosto nunca exprimira senão boa educação. E agora era apenas a máscara de uma mulher de 70 anos. Então sua cara levemente maquilada pareceu-lhe a de um palhaço. A senhora forçou sem vontade um sorriso para ver se melhorava. Não melhorou.

Por fora – viu no espelho – ela era uma coisa seca como um figo seco. Mas por dentro não era esturricada. Pelo contrário. Parecia por dentro uma gengiva úmida, mole assim como gengiva desdentada.

Mas nunca fora espiritual. E por causa de Roberto Carlos a senhora estava envolta nas trevas da matéria onde ela era profundamente anônima.

De pé no banheiro era tão anônima quanto uma galinha.

Todas as pessoas são anônimas. Porque ninguém é o outro e o outro não conhecia o outro.

E agora estava emaranhada naquele poço fundo e mortal, na revolução do corpo.

Por que as outras velhas nunca lhe tinham avisado que até o fim isso podia acontecer? Nos homens velhos bem vira olhares lúbricos. Mas nas velhas não.

Então quis ter sentimentos bonitos e românticos em relação à delicadeza de rosto de Roberto Carlos. Mas não conseguiu: a delicadeza dele apenas a levava a um

corredor escuro de sensualidade. E a danação era a lascívia. Era fome baixa: ela queria comer a boca de Roberto Carlos. Não era romântica, ela era grosseira em matéria de amor.

Então a senhora pensou o seguinte: na minha vida nunca houve um clímax como nas histórias que se leem. O clímax era Roberto Carlos.

Toda morte é secreta.

Não estava habituada a ter quase 70 anos, faltava-lhe prática e não tinha a menor experiência.

A Sra. Jorge B. Xavier bruscamente dobrou-se sobre a pia como se fosse vomitar as vísceras e interrompeu sua vida com uma mudez estraçalhante: tem! que! haver! uma! porta! de saiiiiiída!

A velha bem-vestida e com joias. Das rugas que a disfarçavam saía a forma pura de um nariz perdido na idade, e de uma boca que outrora devia ter sido cheia e sensível. Mas que importa. Chega-se a um certo ponto – e o que foi não importa.

Desde que descobrira – mas descobrira realmente com um tom espantado – que ia morrer um dia, então não teve mais medo da vida, e, por causa da morte, tinha direitos totais: arriscava tudo.

Depois de velha começara a desaparecer para os outros, só a viam de relance.

Velhice: momento supremo. Estava alheia à estratégia geral do mundo e a sua própria era parca. Perdera os objetivos de maior alcance. Ela já era o futuro.

“Não existir” não existia, era impossível não-existir. Não existir não cabia na nossa vida diária.

Não se pode prolongar o êxtase sem morrer.

Mas o rompimento necessário fora para ela uma ablação, assim como há mulheres de quem são tirados o útero e os ovários.

Morrer era surpreendente.

Idade Média, eu vos adoro e as tuas nuvens pretas e carregadas que

desembocaram na Renascença luminosa e fresca.

Tem um lado mau – o mais forte e o que predominava embora eu tenha tentado esconder por causa de você – nesse lado forte eu sou uma vaca, sou uma cavala livre e que pateia no chão, sou mulher da rua, sou vagabunda – e não uma ‘letrada’. Sei que sou inteligente e que às vezes escondo isso para não ofender os outros com minha inteligência, eu que sou uma subconsciente.

E saiba que gosto de ler histórias em quadrinhos, meu amor, oh meu amor!

Adivinho através de uma veemente incoerência.

É no vazio que se passa o tempo.

Quero comer, Eduardo, estou com fome, Eduardo, fome de muita comida! Sou orgânica!

Você é o deserto, e eu vou para a Oceania, para os mares do Sul, para as ilhas Taiti.

E digo como Fellini: na escuridão e na ignorância crio mais.

A velha, como se tivesse recebido uma transmissão de pensamento, pensava: que não me deixem sozinha.

Viu? Viu como você está renascendo? Sete fôlegos de gato. O número sete acompanhava-a, era o seu segredo, a sua força.

A velha era anônima como uma galinha, como tinha dito uma tal de Clarice falando de uma velha despudorada, apaixonada por Roberto Carlos.

Ulisses, se fosse vista a sua cara sob o ponto de vista humano, seria monstruoso e feio. Era lindo sob ponto de vista de cão. Era vigoroso como um cavalo branco e livre, só que ele era castanho suave, alaranjado, cor de uísque. Mas seu pelo é lindo como o de um energético e empinado cavalo. Os músculos do pescoço eram vigorosos e a gente podia pegar esses músculos nas mãos de dedos sábios. Ulisses era um homem. Sem o mundo cão. Ele era delicado como um homem. Uma mulher deve tratar bem o homem.

O fantasma da loucura nos ronda.

Que é que você está fazendo? Estou esperando o futuro.

Ela era feita de Deus. Isto é: tudo ou nada.

Se você existe, se mostre! Porque chegou a hora. É nesta hora, é neste minuto e neste segundo.

Os raros são perseguidos pelo povo que não tolera a insultante ofensa dos que se diferenciavam.

Há pessoas que são sempre levadas a se arrepender, é um traço de certas naturezas culpadas.

O que é cavalo? É liberdade tão indomável que se torna inútil aprisioná-lo para que sirva ao homem: deixa-se domesticar mas com um simples movimento de safanão rebelde de cabeça – sacudindo a crina como a uma solta cabeleira – mostra que sua íntima natureza é sempre bravia e límpida e livre.

Tenho um cavalo dentro de mim que raramente se exprime.

Quando vejo outro cavalo então o meu se expressa.

Sua forma fala.

O que é que um cavalo vê a tal ponto que não ver o seu semelhante o torna perdido como de si próprio? É que – quando enxerga – vê fora de si o que está dentro de si.

Queria ter nascido cavalo.

O cavalo representa a animalidade bela e solta do ser humano? O melhor do cavalo o ente humano já tem? Então abdico de ser um cavalo e com glória passo para a minha humanidade. O cavalo me indica o que sou.

À frente uma clarineta nos alumia, a nós, os despudorados cúmplices do enigma. E nada mais me é dado saber.

De madrugada eu nos verei exaustos junto ao regato, sem saber que crimes cometemos até chegar à inocente madrugada.

Na minha boca e nas suas patas a marca do grande sangue. O que tínhamos imolado?

E a alegria orgíaca do nosso assassinato me consome em terrível prazer.

Rouba depressa o cavalo perigoso do Rei, rouba-me antes que a noite venha e me chame.

Enfim, enfim, não havia símbolo, a “coisa” era!

Ninguém podia viver no tempo, o tempo era indireto e por sua própria natureza sempre inalcançável.

Acorda, mulher, acorda para ver o que tem que ser visto. É importante estar acordada para ver. Mas é também importante dormir para sonhar com a falta de tempo.

Estou melancólica porque estou feliz. Não é paradoxo. Depois do ato do amor não dá uma certa melancolia? A da plenitude.

Você não para de ser. Você não sonha. Não se pode dizer que você “funciona”: você não é funcionamento, você apenas é.

Dá-me de volta o desejo, que é a mola da vida animal.

Será que também eu estou ficando assim, sem sentimento de amor? Sou uma coisa? Sei que estou com pouca capacidade de amar. Minha capacidade de amar foi pisada demais, meu Deus.

Não é como você pensa, que só a morte importa. Viver, coisa que você não conhece porque é apodrecível – viver apodrecendo importa muito. Um viver seco: um viver o essencial.

Uma coisa seca é de prata de lei. Ouro já é molhado.

Deus não tem nome: conserva o anonimato perfeito: não há língua que pronuncie o seu nome verdadeiro.

Vou agora dizer uma coisa muito grave que vai parecer heresia: Deus é burro. Porque ele não entende, ele não pensa, ele é apenas. É verdade que é de uma

burrice que executa-se a si mesma. Mas Ele comete muitos erros. E sabe que os comete. Basta olharmos para nós mesmos que somos um erro grave. Basta ver o modo como nos organizamos em sociedade e intrinsecamente, de si para si. Mas um erro Ele não comete: Ele não morre.

Parece-me que escreverei sobre o eletrônico sem jamais vê-lo. Parece que vai ter que ser assim. É fatal.

Estou com sono. Será que é permitido?

Tive uma empregada por sete dias, chamada Severina, e que tinha passado fome em criança. Perguntei-lhe se estava triste. Disse que não era alegre nem triste: era assim mesmo. Ela era.

Água, apesar de ser molhada por excelência, é. Escrever é. Mas estilo não é. Ter seios é. O órgão masculino é demais. Bondade não é. Mas a não bondade, o dar-se, é.

Bondade não é o oposto da maldade.

Estarei escrevendo molhado? Acho que sim.

Não ter nenhum segredo – e no entanto manter o enigma.

Parece que eu não sou eu, de tanto que eu sou.

O ato do amor contém em si um desespero que é.

O número nove é quase inatingível. O número 13 é Deus.

Cozinha bem e canta o dia inteiro, é.

O céu muito azul é.

O cheiro do mar mistura masculino e feminino e nasce no ar um filho que é.

Espera é ou não é? Não sei responder porque sofro de urgência e fico incapacitada de julgar esse item sem me envolver emocionalmente. Não gosto de esperar.

Um quarteto de música é muitíssimo mais do que sinfonia.

Flauta é.

Cravo tem um elemento de terror nele: os sons saem esfarfalhados e quebradiços. Coisa de alma de outro mundo.

Qual vai ser o meu futuro passo na literatura? Desconfio que não escreverei mais. Mas é verdade que outras vezes desconfiei e no entanto escrevi. O que, porém, hei de escrever, meu Deus?

E agora vou terminar este relatório do mistério.

Vou tomar um banho antes de sair e perfumar-me com um perfume que é segredo meu. Só digo uma coisa dele: é agreste e um pouco áspero, com doçura escondida. Ele é.

Adeus para nunca sempre. Parte de mim você já matou. Eu morri e estou apodrecendo. Morrer é.

Realidade? eu vos espero. É para lá que eu vou.

Depois de morta engrandecerei e me espalharei, e alguém dirá com amor meu nome.

Volto para chamar o nome do ser amado e dos filhos. Eles me responderão. Enfim terei uma resposta. Que resposta? a do amor. Amor: eu vos amo tanto.

Meu segredo é ter os olhos verdes e ninguém saber.

À extremidade de mim estou eu. Eu, implorante, eu a que necessita, a que pede, a que chora, a que se lamenta. Mas a que canta. A que diz palavras. Palavras ao vento? que importa, os ventos as trazem de novo e eu as possuo.

Eu à beira do vento. O morro dos ventos uivantes me chama. Vou, bruxa que sou. E me transmuto.

Oh, cachorro, cadê tua alma? está à beira do teu corpo?

Eu estou à beira do meu corpo. E feneço lentamente.

Que estou eu a dizer? Estou dizendo amor. E à beira do amor estamos nós.

Vou contar um segredo: meu vestido é lindo e não quero morrer.

Eu, que estava provando o vestido no calor da manhã, pedi uma prova de Deus. E senti uma coisa intensíssima, um perfume intenso demais de rosas. Então tive a prova, as duas provas; de Deus e do vestido.

Só se deve morrer de morte morrida, nunca de desastre, nunca de afogação no mar. Eu peço proteção para os meus, que são muitos.

Se ao menos houvesse o vento. Vento é ira, ira é a vida. Ou neve. Que é muda mas deixa rastro.

Este primeiro silêncio ainda não é o silêncio.

Mas há um momento em que do corpo descansado se ergue o espírito atento, e da terra a lua alta. Então ele, o silêncio, aparece.

Pode-se depressa pensar no dia que passou. Ou nos amigos que passaram e para sempre se perderam. Mas é inútil esquivar-se: há o silêncio.

Mesmo o sofrimento pior, o da amizade perdida, é apenas fuga.

Se no começo o silêncio parece aguardar uma resposta – como ardemos por ser chamados a responder – cedo se descobre que de ti ele nada exige, talvez apenas o teu silêncio.

Deixa-se como por acaso o livro de cabeceira cair no chão. Mas, horror – o livro cai dentro do silêncio e se perde na muda e parada voragem deste. E se um pássaro enlouquecido cantasse?

Viver na orla da morte e das estrelas é vibração mais tensa do que as veias podem suportar.

Se não há coragem, que não se entre.

Que se espere. Não o fim do silêncio mas o auxílio bendito de um terceiro elemento, a luz da aurora.

Jamais se soube de um saguim que tenha deixado de nascer, viver e morrer – só por não se entender ou não ser entendido.

Peço desculpa porque além de contar os fatos eu também adivinho e o que adivinho aqui escrevo.

Niterói é lugar misterioso e tem casas velhas, enegrecidas. E lá pode acontecer água fervendo no ouvido de amante? Não sei.

Às vezes me dá enjoo de gente. Depois passa e fico de novo toda curiosa e atenta.

Estou um pouco desnorteada como se um coração me tivesse sido tirado, e em lugar dele estivesse agora a súbita ausência, uma ausência quase palpável do que era antes um órgão banhado da escuridão da dor.

Não estou sentindo nada. Mas é o contrário de um torpor. É um modo mais leve e mais silencioso de existir.

Não estou habituada a não precisar do meu próprio consolo.

Estou à janela e só acontece isto: vejo com olhos benéficos a chuva, e a chuva me vê de acordo comigo. Estamos ocupadas ambas em fluir.

Quanto durará esse meu estado? Percebo que, com esta pergunta, estou apalpando meu pulso para sentir onde estará o latejar dolorido de antes. E vejo que não há o latejar da dor.

Apenas isso: chove e estou vendo a chuva.

Não tivesse eu, logo depois de nascer, tomado involuntária e forçadamente o caminho que tomei – e teria sido sempre o que realmente estou sendo: uma camponesa que está num campo onde chove. Nem sequer agradecendo ao Deus ou à natureza. A chuva também não agradece nada.

A criatividade é desencadeada por um germe e eu não tenho hoje esse germe mas tenho incipiente a loucura que em si mesma é criação válida.

Mas se não compreendo o que escrevo a culpa não é minha.

Tenho que falar pois falar salva.

Música é uma abstração do pensamento, falo de Bach, de Vivaldi, de Haendel.

Só posso escrever se estiver livre, e livre de censura, senão sucumbo.

O futuro é meu enquanto eu viver.

Entender o difícil não é vantagem, mas amar o que é fácil de se amar é uma grande subida na escala humana.

A verdade é o resíduo final de todas as coisas.

Não há lógica, se se for pensar um pouco, na ilogicidade perfeitamente equilibrada da natureza.
Da natureza humana também.

Quem terá inventado a cadeira? Alguém com amor por si mesmo.

É preciso ter coragem para fazer um brainstorm: nunca se sabe o que pode vir a nos assustar.

A outra mão dele, a livre, está ao alcance dela. Ela sabe, e não a toma. Quer a mão dele, sabe que quer, e não a toma.Tem exatamente o que precisa: pode ter.

Ela sabe que tudo vai acabar, pega a mão livre do homem, e ao prendê-la nas suas, ela doce arde, arde, flameja.

PARTE IX

A via crucis do corpo



Como é que sei? Sabendo. Artistas sabem de coisas.

Quero apenas avisar que não escrevo por dinheiro e sim por impulso.

Peço a Deus que ninguém me encomende mais nada. Porque, ao que parece, sou capaz de revoltadamente obedecer, eu a inliberta.

Há hora para tudo. Há também a hora do lixo.

Já tentei olhar bem de perto o rosto de uma pessoa – uma bilheteira de cinema. Para saber do segredo de sua vida. Inútil. A outra pessoa é um enigma. E seus olhos são de estátua: cegos.

É uma terrível impotência, essa de não saber como ajudar.

Não há resposta para nada.

Fui me deitar. Eu tinha morrido.

Viver tem dessas coisas: de vez em quando se fica a zero. E tudo isso é por enquanto. Enquanto se vive.

Às vezes não se tem nada a fazer e então se faz pipi.

Mas se Deus nos fez assim, que assim sejamos. De mãos abanando. Sem assunto.

Com a ponta dos dedos não se brinca. É pela ponta dos dedos que se recebem os fluidos.

Quero a alegria, a melancolia me mata aos poucos.

Quando a gente começa a se perguntar: para quê? então as coisas não vão bem.

São cinco para as sete. Se me descuido, morro.

Não há escapatória. Todos nós sofremos de neurose de guerra.

Sei lá se este livro vai acrescentar alguma coisa à minha obra. Minha obra que se dane. Não sei por que as pessoas dão tanta importância à literatura. E quanto ao

meu nome? que se dane, tenho mais em que pensar.

PARTE X

A legião estrangeira



As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito.

Um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só.

Meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar – uma palavra mais verdadeira poderia de eco em eco fazer desabar pelo despenhadeiro as minhas altas geleiras. Por que estou tentando soprar minha vida na sua boca roxa?

Estava permanentemente ocupada em querer e não querer ser o que eu era, não me decidia por qual de mim, toda eu é que não podia.

Ter nascido era cheio de erros a corrigir.

Tomava intuitivo cuidado com o que eu era, já que eu não sabia o que era, e com vaidade cultivava a integridade da ignorância.

De algum modo já me prometia por escrito que o ócio, mais que o trabalho, me daria as grandes recompensas gratuitas, as únicas a que eu aspirava.

Minha grande obstinação: eu daria tudo o que era meu por nada, mas queria que tudo me fosse dado por nada.

Aquilo que eu via era anônimo como uma barriga aberta para uma operação de intestinos.

Vida nascendo era tão mais sangrento do que morrer.

Morrer é ininterrupto.

Parecia um mendigo que agradecesse o prato de comida sem perceber que lhe haviam dado carne estragada.

Também ele, um homem, acreditava como eu nas grandes mentiras.

A prece profunda não é aquela que pede, a prece mais profunda é a que não pede mais.

A realidade era o meu destino, e era o que em mim doía nos outros.

Eu era a escura ignorância com suas fomes e risos, com as pequenas mortes alimentando a minha vida inevitável – que podia eu fazer? eu já sabia que eu era inevitável.

Obrigado a iniciar-se amando o ruim, ele começara pelo que poucos chegavam a alcançar.

Inalcançável pelo amor era o feio, amar o impuro era a nossa mais profunda nostalgia.

Tudo o que em mim não prestava era o meu tesouro.

Explicava-se para que eu nascera com mão dura, e para que eu nascera sem nojo da dor.

Para que te servem essas unhas longas? Para te arranhar de morte e para arrancar os teus espinhos mortais, responde o lobo do homem.

Sou o lobo inevitável pois a vida me foi dada.

Para que te servem essas mãos que ardem e prendem? Para ficarmos de mãos dadas, pois preciso tanto, tanto, tanto – uivaram os lobos, e olharam intimidados as próprias garras antes de se aconchegarem um no outro para amar e dormir.

Afinal à sala para um almoço que não tinha a bênção da fome.

Lá fora Deus nas acácias.

Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, e planta, e colhe, e mata, e vive, e morre, e come.

Comi com a honestidade de quem não engana o que come: comi aquela comida e não o seu nome. Nunca Deus foi tão tomado pelo que Ele é.

A comida dizia rude, feliz, austera: come, come e reparte.

Não quero formar a vida porque a existência já existe. Existe como um chão onde nós todos avançamos. Sem uma palavra de amor. Sem uma palavra. Mas teu prazer entende o meu. Nós somos fortes e nós comemos. Pão é amor entre estranhos.

A linguagem falada mentia. (Eles queriam um dia escrever).

Havia neles a cética sabedoria de velhos chineses, sabedoria que de repente podia se quebrar denunciando duas caras que se consternavam porque eles não sabiam como se sentar com naturalidade numa sorveteria.

Talvez tudo tivesse vindo de eles estarem com a procura no rosto.

Mas e o futuro?! Oh Deus, dai-nos o nosso futuro!

Oh Deus, não nos deixeis ser filhos desse passado vazio, entregai-nos ao futuro.

Livrai-nos do passado, deixai-nos cumprir o nosso duro dever.

Só que não contara com a miséria que havia em não poder exprimir.

Procurar a expressão, por uma vida inteira que fosse, seria em si um divertimento.

“Rende-te sem condição e faze de ti uma parte de mim que sou o passado” – dizia-lhes a vida futura.

Então, com mão incerta, acendeu sem naturalidade um cigarro, como se ele fosse os *outros*, socorrendo-se dos gestos que a maçonaria dos homens lhe dava como apoio e caminho.

Ela não era nada, e afastou-se como se mil olhos a seguissem, esquiva na sua humildade de ter uma condição.

Ele saía com um movimento livre para a frente, com a mesma orgulhosa inconsequência que faz o cavalo relinchar.

O rapaz viu-a correr como uma doida para não perder o ônibus, intrigado viu-a subir no ônibus como um macaco de saia curta.

Uma experiência insondável dava-lhe a primeira futura ruga.

Ele precisava dela com fome para não esquecer que eram feitos da mesma carne.

Que não se exagere, fora apenas um instante de fraqueza e vacilação, nada mais que isso, não havia perigo.

E a mensagem?! a mensagem esfarelada na poeira que o vento arrastava para as grades do esgoto.

E se eu prometer que um dia o macaco vai adoecer e morrer, você deixa ele ficar?

Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido.

Quando eu era antiga fui depositária do ovo e caminhei de leve para não entornar o silêncio do ovo.

Como o mundo, o ovo é óbvio.

Você é perfeito, ovo. Você é branco. – A você dedico o começo. A você dedico a primeira vez.

O ovo é uma exteriorização. Ter uma casca é dar-se.

O ovo é invisível a olho nu. De ovo a ovo chega-se a Deus, que é invisível a olho nu.

Ovo é coisa que precisa tomar cuidado. Por isso a galinha é o disfarce do ovo. Para que o ovo atravesse os tempos a galinha existe. Mãe é para isso.

Chamar de branco aquilo que é branco pode destruir a humanidade.

Pode-se dizer “um rosto bonito”, mas quem disser “o rosto” morre; por ter esgotado o assunto.

Em relação ao ovo, o perigo é que se descubra o que se poderia chamar de beleza, isto é, sua veracidade. A veracidade do ovo não é verossímil. Se descobrirem, podem querer obrigá-lo a se tornar retangular. O perigo não é para o ovo, ele não se tornaria retangular. (Nossa garantia é que ele não pode: não pode é a grande força do ovo: sua grandiosidade vem da grandeza de não poder, que se irradia como um não querer.)

O ovo é a cruz que a galinha carrega na vida.

Ser uma galinha é a sobrevivência da galinha. Sobreviver é a salvação. Pois parece que viver não existe. Viver leva à morte. Então o que a galinha faz é estar

permanentemente sobrevivendo. Sobreviver chama-se manter luta contra a vida que é mortal. Ser uma galinha é isso.

Gostar de estar vivo dói.

A vida interior da galinha consiste em agir como se entendesse. Qualquer ameaça e ela grita em escândalo feito uma doida. Tudo isso para que o ovo não se quebre dentro dela. Ovo que se quebra dentro da galinha é como sangue.

Não sabia que “eu” é apenas uma das palavras que se desenha enquanto se atende ao telefone, mera tentativa de buscar forma mais adequada.

Meu trabalho é o de viver os meus prazeres e as minhas dores. É necessário que eu tenha a modéstia de viver.

É absolutamente indispensável que eu seja uma ocupada e uma distraída.

A um certo modo de olhar, a um jeito de dar a mão, nós nos reconhecemos e a isto chamamos de amor.

Amor é quando é concedido participar um pouco mais.

Amor é finalmente a pobreza.

Amor é a desilusão do que se pensava que era amor.

Amor não é prêmio, é uma condição concedida exclusivamente para aqueles que, sem ele, corromperiam o ovo com a dor pessoal.

Sua aparente coragem era tolice, e era ingênuo o seu desejo de lealdade, ele não compreendera que ser leal não é coisa limpa, ser leal é ser desleal para com todo o resto.

Há um trabalho, digamos cósmico, a ser feito, e os casos individuais infelizmente não podem ser levados em consideração.

Sem nenhum senso da realidade, grito pelas crianças que brotam de várias camas, arrastam cadeiras e comem, e o trabalho do dia amanhecido começa, gritado e rido e comido, clara e gema, alegria entre brigas, dia que é o nosso sal e nós somos o sal do dia, viver é extremamente tolerável, viver ocupa e distrai,

viver faz rir.

O meu mistério é que eu ser apenas um meio, e não um fim, tem-me dado a mais maliciosa das liberdades: não sou boba e aproveito.

Venho notando que tudo o que é erro meu tem sido aproveitado.

Mas é que ninguém sabe como se sente por dentro aquele cujo emprego consiste em fingir que está traindo, e que termina acreditando na própria traição.

Durmo o sono dos justos por saber que minha vida fútil não atrapalha a marcha do grande tempo.

Meu destino me ultrapassa.

“Falai, falai”, instruíram-me eles. E o ovo fica inteiramente protegido por tantas palavras.

Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.

O acontecimento nas mãos, numa mudez
que nem pai nem mãe compreenderiam.

Ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

Os elefantes, de acordo com os estudiosos do assunto, são criaturas extremamente sensíveis, mesmo nas grossas patas.

Sou a primeira testemunha do alvorecer em Pompeia. Sei como foi esta última noite, sei da orgia no escuro.

Amizade é matéria de salvação.

Estar também é dar.

Toda palavra tem a sua sombra.

Pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas.

Faltava-lhes o peso de um erro grave, que tantas vezes é o que abre por acaso uma porta.

Tendo dado uma mordida numa maçã, sentiu quebrar-se um dente da frente.

Sentimentos são água de um instante.

As coisas são assim mesmo. Só que nunca tínhamos contado isso aos meninos, tínhamos vergonha; e adiávamos indefinidamente o momento de chamá-los e falar claro que as coisas são assim.

Se me viesse de noite uma mulher. Se ela segurasse no colo o filho. E dissesse: cure meu filho. Eu diria: como é que se faz? Ela responderia: cure meu filho. Eu diria: também não sei. Ela responderia: cure meu filho. Então – então porque não sei fazer nada e porque não me lembro de nada e porque é de noite – então estendo a mão e salvo uma criança.

Ver que é esse esquisito mesmo que você procura.

Quando é que eu lhe jogara um osso para que ela me seguisse muda pelo resto da vida? Desviei os olhos. Ela suspirou tranquila. E disse com maior decisão ainda: “Volto logo.” Que é que ela quer? – agitei-me – por que atraio pessoas que nem sequer gostam de mim?

Em silêncio eu via a dor de sua alegria difícil. A lenta cólica de um caracol.

Sabia que também se morre em criança sem ninguém perceber.

O perigo maior não existe: quando se vai, se vai junto, você mesma sempre estará; isso, isso você levará consigo para o que for ser.

Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena.

Não era por vingança que eu lhe dava o tormento da liberdade. É que aquele

passo, também aquele passo ela deveria dar sozinha. Sozinha e agora.

Quando o segurava, era com mão torta pela delicadeza – era o amor, sim, o tortuoso amor.

Não me lembrara de lhe avisar que sem o medo havia o mundo.

Embaixo da mesa, estremece o pinto de hoje. O amarelo é o mesmo, o bico é o mesmo. Como na Páscoa nos é prometido, em dezembro ele volta.

PARTE XI

Outros escritos



Ora, arranje-se! Nós somos simples animais.

Senta-te. Estende tuas pernas. Fecha os olhos e os ouvidos. Eu nada te direi durante cinco minutos para que possas pensar na Quinta Sinfonia de Beethoven.

Não pensar por palavras, mas criar um estado de sentimento.

Se não puderes seguir meus conselhos e todos os programas que inventamos para nos melhorar, chupa umas pastilhas de hortelã. São tão frescas.

O Brasil, a América, o Mundo precisam de criaturas felizes. Elas riem. Creem. Amam. As jovens mulheres saberão, então, que delas se espera o cumprimento do grave dever de ser feliz.

Não há direito de punir. Há apenas poder de punir.

O homem é punido pelo seu crime por que o Estado é mais forte que ele, a guerra, grande crime, não é punida por que se acima dum homem há os homens acima dos homens nada mais há.

Fracos unidos não deixam de constituir uma força.

Punir é, no caso, apenas um resquício do passado, quando a vingança era o objetivo da sentença. E a permanência desse termo no vocabulário jurídico é um ligeiro indício de que a pena hoje ministrada ainda não é uma pena científica, impessoal, mas que nela entra muito dos sentimentos individuais dos aplicadores do direito (como sejam sadismo e ideia de força que confere o poder de punir).

Surge na sociedade um crime, que é apenas um dos sintomas dum mal que forçosamente deve grassar nessa sociedade. Que fazem? Usam o paliativo da pena, abafam o sintoma... e considera-se como encerrado um processo.

Dai-me a graça de pecar.

Escondia do esposo o seu amante, e do amante escondia o esposo? Eis o pecado do pecado.

Literatura para mim é o modo como os outros chamam o que nós, os escritores, fazemos.

Chamar-se a si mesmo pelo nome que os outros nos dão, soa como uma convocação de alistamento. E, do momento em que eu mesma me chamei, senti-me com algum encanto inesperadamente alistada.

Toda verdadeira arte é também uma experimentação, e, lamento contrariar muitos, toda verdadeira vida é experimentação, ninguém escapa.

A expressão “elemento estético” não se entende bem comigo.

Libertação significa sobretudo um novo modo de ver, libertação é sempre vanguarda.

O escritor de vanguarda terá atingido sua finalidade maior: se terá dado tanto e terá sido tão bem usado que amanhã desaparecerá.

Politização é principalmente uma das ramificações da urgência de entendermos as nossas coisas no que elas têm de peculiares ao Brasil e no que representam necessidades profundas nossas.

Nosso crescimento íntimo está forçando as comportas e rebentará com as formas inúteis de ser ou de escrever.

Estou chamando o nosso progressivo autoconhecimento de vanguarda.

“Pensar” a língua portuguesa do Brasil significa pensar sociologicamente, psicologicamente, filosoficamente, linguisticamente sobre nós mesmos.

A palavra é na verdade um ideograma. É maravilhosamente difícil escrever em língua que ainda borbulha; que precisa mais do presente do que mesmo de uma tradição; em língua que, para ser trabalhada, exige que o escritor se trabalhe a si próprio.

Cada sintaxe nova abre então pequenas novas liberdades. Não as liberdades arbitrárias de quem pretende “variar”, mas uma liberdade mais verdadeira, e esta consiste em descobrir que se é livre.

Descobrir que se é livre é uma violentação criativa.

A linguagem está descobrindo o nosso pensamento, e o nosso pensamento está formando uma língua que se chama de literária e que eu chamo, para maior

alegria minha, de linguagem de vida.

Quem escreve no Brasil de hoje está levantando uma casa, tijolo por tijolo, e este é um destino humano humilde e emocionante.

Somos, por enquanto, falsos cosmopolitas.

Temos fome de saber de nós, e grande urgência, por que estamos precisando de nós mesmos, mais do que dos outros. Quando falo de tomada de nossa realidade, não estou nem sequer à beira da palavra “patriotismo”, pelo menos na concepção usual do termo. Não se trata, nessa maior posse de nós mesmos, de enaltecer qualidades, de ufanismo e nem sequer de procurar qualidades. A nossa evidente tendência nacionalista não provém de nenhuma vontade de isolamento: é movimento sobretudo de autoconhecimento, legítimo assim como qualquer movimento de arte é sempre movimento de conhecimento, não importa se de consequências nacionais ou internacionais.

“Nossas várzeas têm mais flores” – e este é um verso da “Canção do exílio”, o poema mais conhecido de Gonçalves Dias, figura importante do movimento romântico brasileiro – cedeu lugar à procura muito mais grave de constatações, a uma procura muito mais bela de nós mesmos por que é feita com esforço, rejeições, dor, espantos e alegrias.

Atmosfera de vanguarda: pois é assim que estou chamando o nosso crescimento, e assim estou chamando a nossa maturação.

Escrever não me trouxe o que eu queria, isto é, paz.

Não se escreve para a literatura, escreve-se para cobrir um vazio, vencer a descontinuidade.

Todo escritor é um ator inato. Em primeiro lugar ele representa profundamente o papel de si mesmo. Escritor é uma pessoa que se cansa muito, e que termina com um pouco de náusea de si, já que o contato íntimo consigo próprio é por força prolongado demais.

Tenho o maior respeito por gramática, e pretendo nunca lidar conscientemente com ela. Em matéria de escrever certo, escrevo mais ou menos certo de ouvido, por intuição, pois o certo sempre soa melhor.

Tenho pouco a dizer sobre magia. E acho que o contato com o sobrenatural é feito em silêncio e [numa profunda] meditação solitária.

A inspiração, para qualquer forma de arte, tem um toque mágico por que a criação é absolutamente inexplicável. Não creio que a inspiração venha do sobrenatural. Suponho que emerge do mais profundo “eu” de cada pessoa, das profundezas do inconsciente individual, coletivo cósmico. O que não deixa de certa forma ser um pouco sobrenatural.

Acontece que tudo que vive e que chamamos de “natural” é, em última instância, sobrenatural.

Uma pessoa vai ler por mim um conto meu chamado “O ovo e a galinha”. Este meu texto é misterioso até para mim mesma e tem uma simbologia secreta. Peço que ouçam a leitura apenas com o raciocínio, senão tudo escapará ao entendimento.

Para mim, o que quer que exista, existe por algum tipo de mágica.

Os fenômenos naturais são mais mágicos do que os sobrenaturais.

Dois meses atrás aconteceu uma coisa comigo que chego a estremecer, só de pensar. Eu estava angustiada, sozinha, sem perspectiva nenhuma, vocês sabem como é. Quando de repente, sem nenhum aviso, uma chuvarada, seguida por uma ventania, começou a cair. Essa chuva súbita me liberou, liberou toda a minha energia, trouxe calma e me deixou tão relaxada que logo depois dormi profundamente, aliviada. A chuva e eu, nós duas tivemos um relacionamento mágico.

Considero mágico o sol inexplicável que aquece todo o meu corpo. Mágico também é o fato de termos inventado Deus e que, por milagre, Ele existe.

Não acredito em nada. Ao mesmo tempo acredito em tudo.

Não existe resposta para o fato de haver, numa pequena semente, numa simples semente de árvore, essa promessa de vida, o fenômeno de uma semente que contém vida é totalmente impossível.

Direi uma coisa que pode parecer absurda, porque o que vou dizer é alta matemática, mágica pura.

Às vezes, no meio da noite, dormindo um sono profundo, eu acordo de repente, anoto uma frase cheia de palavras novas, depois volto a dormir como se nada tivesse acontecido.

As palavras vêm de lugares tão distantes dentro de mim que parecem ter sido pensadas por desconhecidos, e não por mim mesma.

Olha, eu não sabia que era pobre, você sabe?

Antes de aprender a ler e a escrever eu já fabulava. Inclusive, eu inventei com uma amiga minha, meio passiva, uma história que não acabava. Era o ideal, uma história que não acabasse nunca.

Quando eu aprendi a ler, devorava os livros, e pensava que eles eram como árvore, como bicho, coisa que nasce. Não sabia que havia um autor por trás de tudo. Lá pelas tantas eu descobri que era assim e disse: “Isso eu também quero.”

Eu era o que sou mesmo, uma tímida arrojada. Eu sou tímida, mas me lanço.

Perguntei a um médico se é normal ter tantas ideias ao mesmo tempo e ele me disse que todo mundo tem.

Elaboro muito inconscientemente. Às vezes pensam que eu não estou fazendo nada. Estou sentada numa cadeira e fico. Nem eu mesma sei que estou fazendo alguma coisa. De repente vem uma frase.

Não escrevo como catarse, para desabafar. Eu nunca desabafei num livro. Para isso servem os amigos. Eu quero a coisa em si.

A matemática me fascinava, me lembro que eu era ainda muito menina quando botei anúncio no jornal como explicadora. Aí, uma senhora me telefonou, disse que tinha dois filhos, me deu o endereço e eu fui lá. Ela olhou para mim e disse: “Ah, meu bem, não serve, você é muito criança.” E eu disse: “Olha, vamos fazer o seguinte, se seus filhos não melhorarem de nota, então a senhora não me paga nada.” Ela achou curiosa a coisa e me pegou. E eles melhoraram sensivelmente.

Quando eu era pequena, eu olhava muito para uma galinha, por muito tempo, e sabia imitar o bicar do milho, imitar quando ela estava com doença e isso sempre me impressionou tremendamente. Aliás, eu sou muito ligada a bicho, tremendamente. A vida de uma galinha é oca... uma galinha é oca!

Têm escritores que só se põem a escrever quando têm o livro na cabeça. Eu não. Vou me seguindo e não sei no que vai dar. Depois vou descobrindo o que eu queria.

Quando eu estou trabalhando, uma crítica sobre mim interfere na minha vida íntima, então eu paro de escrever para esquecer a crítica. Inclusive as elogiosas, pois eu cultivo muito a humildade. De modo que, às vezes, me sentia quase agredida com os elogios.

Prêmio é fora da literatura – aliás, literatura é uma palavra detestável –, é fora do ato de escrever.

PARTE XII

Para não esquecer



Não é propriamente tranquilidade o que está ali. Há dura luta de coisa que apesar de corroída se mantém de pé.

Pintura tocável: as mãos também a olham.

Cor coagulada, violência, martírio são as vigas que sustentam o silêncio de uma simetria religiosa.

Só uma pessoa muito delicada pode entrar no quarto vazio onde há um espelho vazio, e com tal leveza, com tal ausência de si mesma, que a imagem não marca. Como prêmio, essa pessoa delicada terá então penetrado num dos segredos invioláveis das coisas.

É preciso entender a violenta ausência de cor de um espelho para poder recriá-lo, assim como se recriasse a violenta ausência de gosto da água.

Mas foi no voo que se explicou seu braço desajeitado: era asa. Andava mal, mas voava. Voava tão bem que até arriscava a vida, o que era um luxo. Andava ridículo, cuidadoso. No chão ele era um paciente.

Não espantes o nosso mundo, não empurres com a palavra incauta o nosso barco para sempre ao mar.

Trata-se de pessoa silenciosa; daí o ar hermético.

Não se esmaguem com palavras as entrelinhas.

Minha grande altivez: prefiro ser achada na rua. Do que neste fictício palácio onde não me acharão porque – porque mando dizer que não estou, “ela acabou de sair”.

Só daí a uns dias conseguirei recomeçar a minha própria vida, que nunca foi própria, senão quando o meu fantasma me toma.

O erro das pessoas inteligentes é tão mais grave: elas têm os argumentos que provam.

Para ler, é claro, prefiro o atraente, me cansa menos, me arrasta mais, me delimita e me contorna. Para escrever, porém, tenho que prescindir.

O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? e este é o nome.

“Era uma vez um pássaro, meu Deus.”

(Usa-se a inteligência para entender a não inteligência. Só que depois o instrumento continua a ser usado – e não podemos colher as coisas de mãos limpas.)

Ser os outros para conhecer o que não era eu.

Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu.

(Não há dúvida: pensar me irrita, pois antes de começar a tentar pensar eu sabia muito bem o que eu sabia.)

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu.

Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva.

Orgulho não é pecado, pelo menos não grave: orgulho é coisa infantil em que se cai como se cai em gulodice.

Só que orgulho tem a enorme desvantagem de ser um erro grave, com todo o atraso que erro dá à vida, faz perder muito tempo.

Um homem não pode simplesmente abrir uma porta e olhar?

Que o passarinho que vem para minha esperança do horizonte abra asas de águia sobre mim, isso eu não sabia.

Escrever me é uma necessidade.

Escrevo pela incapacidade de entender, sem ser através do processo de escrever.

Respeito uma certa clareza peculiar ao mistério natural, não substituível por clareza outra nenhuma.

A coisa se esclarece sozinha com o tempo: assim como num copo d'água, uma vez depositado no fundo o que quer que seja, a água fica clara.

Hoje, de repente, como num verdadeiro achado, minha tolerância para com os outros sobrou um pouco para mim também (por quanto tempo?).

Muito antes de sentir “arte”, senti a beleza profunda da luta.

Tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era “fazer” alguma coisa, como se escrever não fosse fazer.

O problema de justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele – e, sem me surpreender, não consigo escrever.

Não quero, por meios indiretos e escusos, conseguir de mim a minha absolvição.

De escrever o que escrevo, não me envergonho: sinto que, se eu me envergonhasse, estaria pecando por orgulho.

Nunca tenho piedade na primavera.

Tanto em pintura como em música e literatura, tantas vezes o que chamam de abstrato me parece apenas o figurativo de uma realidade mais delicada e mais difícil, menos visível a olho nu.

Quem sabe, também eu poderia não escrever. Como é infinitamente mais ambicioso. É quase inalcançável.

O mundo me expulsou para o próprio mundo, e eu que só caibo numa casa nunca mais terei casa na vida.

Esse vestido ensopado sou eu, os cabelos escorridos nunca secarão, e sei que não serei dos escolhidos para a Arca, pois já selecionaram o melhor casal de minha espécie.

Não podia me dar ao luxo de pedir, lembrei-me de todas as vezes em que, por ter tido a doçura de pedir, não me deram.

Eu só pensava: eu não valho tanto. Daí a pouco já estava pensando: e eu que não sabia que valia tanto.

A senhora, com toda a força de sua fé prática, e tratava-se de mulher forte, continuava impositivamente a reconhecer o anjo em mim, o que só pouquíssimas

pessoas até hoje reconheceram, e sempre com a maior discrição.

“Não me supervalorize, sou apenas um meio de transporte.”

O que ela realmente deveria agradecer não era ter um vestido seco, e sim ter sido atingida pela graça, isto é, por mim.

No meu orgulho, eu não queria ter sido escolhida para servir de anjo à tolice ardente de uma senhora.

Conheço bem esse processo do mundo: chamam-me de bondosa, e pelo menos durante algum tempo fico atrapalhada para ser ruim.

A alegria satisfeitona daquela senhora começava a me deixar sombria: ela fizera uso exorbitante de mim. Fizera de minha natureza indecisa uma profissão definida, transformara minha espontaneidade em dever, acorrentava-me, a mim, que era anjo, o que a essa altura eu já não podia mais negar, mas anjo livre.

Caí em mim e fechei a cara.

Saltei com a profunda falta de educação que me tem salvo de abismos angelicais.

A penumbra é de um verde escuro e úmido, eu sei que já disse isso mas repito por gosto de felicidade.

Cada um de nós está no seu lugar,
eu me submeto bem ao meu lugar.

Não existe palavra que seja silêncio.

Quando o silêncio se manifesta, ele não diz:
manifesta-se em silêncio mesmo.

É através de quinze gerações que uma só pessoa se forma, e que essa pessoa futura me usou para me atravessar como a uma ponte e está usando meu filho e usará o filho de meu filho, assim como um pássaro pousado numa seta que vagarosamente avança.

(Mas haverá a liberdade sem a prévia permissão da loucura. Nós ainda não podemos: somos apenas os gradativos passos dela, dessa pessoa que vem.)

Deus lhe deu inúmeros pequenos dons que ele não usou nem desenvolveu por receio de ser um homem terminado e sem pudor.

Não sabemos como seríamos se tivéssemos sido criados em primeiro lugar e depois o mundo deformado às nossas necessidades.

A minha insônia não é bonita nem feia, minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto.

Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer. Ai que medo.

Além do vento há uma outra coisa que sopra.

Em Brasília não há onde esbarrar.

Esperei pela noite como quem espera pelas sombras para poder se esgueirar. Quando a noite veio percebi com horror que era inútil: onde eu estivesse eu seria vista.

Toda uma parte nossa, a pior, exatamente a que tem horror de ratos, essa parte não tem lugar em Brasília.

O inferno me entende melhor.

Mamãe, está bonito ver você em pé com esse capote branco voando. (É que morri, meu filho.)

Aqui é o lugar onde os meus crimes (não os piores, mas os que não entenderei em mim), onde os meus crimes gélidos têm espaço.

Sou atraída aqui pelo que me assusta em mim.

Sempre cultivei meu cansaço, como a minha mais rica passividade.

De minha insônia olho pela janela do hotel às três horas da madrugada. Brasília é a paisagem da insônia.

Eu queria ver espalhadas por Brasília quinhentas mil águias do mais negro ônix.

Quem respira começa a querer.

Sou fabulosa e inútil, sou de ouro puro. E quase mediúnica.

O medo sempre me guiou para o que eu quero.

Muitas vezes foi o medo que me tomou pela mão e me levou.

A vida. Ela é sagrada.

A mim só me salva o erro.

Brasília tem euforia no ar.

Eu disse para o chofer do táxi amarelo: hoje parece segunda-feira, não é? “É”, respondeu ele. E nada mais foi dito. Eu queria tanto dizer a ele que estive na adoradíssima Brasília. Mas ele não quis saber. Às vezes sobro.

Eu me meto em cada uma, que vou te contar.
Mas é bom porque é arriscado.

Agora me pergunto: se não há esquinas, onde ficam as prostitutas de pé fumando? ficam sentadas no chão? E os mendigos?

De minha vida mesma eu só concedo dizer que tenho dois filhos.

Sou uma mulher simples e um pouquinho sofisticada.
Misto de camponesa e de estrela no céu.

Viver é dramático. Mas não há escapatória: nasce-se.

Em Brasília nunca é de noite. É sempre implacavelmente de dia.

Vivo como bruta resposta. Estou aí para quem me quiser.

A moça me revistou toda no aeroporto. Eu perguntei: tenho cara de subversiva? Ela disse rindo: até que tem.

Brasília é a espera. E eu não aguento esperar.

Como eu disse ou como não disse, quero uma mão amada que aperte a minha na hora de eu ir. Vou sob protesto.

Comi frango assado. Estou feliz. Mas falta a verdadeira morte.
Estou com pressa de ver Deus. Rezem por mim.
Morri com elegância.

Sou um segredo fechado a sete chaves. Por favor me poupem.

Minha palavra não é a última. Existe uma que não posso pronunciar. E minha história é galante. Sou uma carta anônima. Não assino o que escrevo. Os outros que assinem.

Ir é bom mas voltar é mais melhor. Isso mesmo: mais melhor.

Deus é uma coisa engraçada: Ele se pode a si mesmo e se precisa a si próprio.

Acontece que sou tão ávida da vida, tanto quero dela e aproveito-a tanto e tudo é tanto – que me torno imoral. Isso mesmo: sou imoral.

Obedeço de puro medo ao mínimo soldado que apareça na minha frente e me diga: considere-se prendida. Ai vou chorar. Sou por um triz.

As palavras nada têm a ver com as sensações. Palavras são pedras duras e as sensações delicadíssimas, fugazes, extremas.

Sinto que estão fazendo macumba contra mim: quem quer roubar a minha pobre identidade?

Matei um mosquito que tremulava no ar. Por que esse direito de matar? Ele era apenas um átomo voando. Nunca mais vou esquecer esse mosquito cujo destino eu tracei, eu, a sem destino.

Brasília é Ceará ao avesso: ambos contundentes e conquistadores.

Não posso destruir ninguém ou nada, pois a piedade me é tão forte como a ira.

Não me atendas porque meu pedido é tão violento que me atemoriza.

Tenho que proteger os outros – os outros têm sido a fonte de minha esperança.

Só outra coisa eu conheci tão total e cega e forte como esta minha vontade de me espojar na violência: a doçura da compaixão.

Minha violência – que é em carne viva e só quer como pasto a carne viva – esta violência vem de que outras violências vitais minhas foram esmagadas.

Minha gula pelo mundo: eu quis comer o mundo, e a fome com que nasci pelo leite, essa fome quis se estender pelo mundo, e o mundo não se queria comível. Ele se queria comível, sim, mas para isso exigia que eu fosse comê-lo com a humildade com que ele se dava.

Quando se vai com orgulho e exigência o mundo se transmuta em duro aos dentes e à alma.

Eu pensava que a força é o material de que o mundo é feito, e era com o mesmo material que eu iria a ele.

O amor pelo mundo me tomou: e isso já não era a fome pequena, era a fome ampliada.

A luxúria de estar vivo me espantava na minha insônia, sem eu entender que a noite do mundo e a noite do viver são tão doces que até se dorme, que até se dorme, meu Deus.

Na minha luxúria de viver, a água se derramava pelos dedos antes de chegar à boca.

Eu não sabia que só o meio-termo não é pecado mortal, eu tinha vergonha do meio-termo.

Não pude arcar com os pecados mortais.

Vivi tudo – menos a vida. E é isso o que não perdoo em mim.

Se eu quiser escolher finalmente me entregar sem orgulho à doçura do mundo, então chamarei minha ira de amor.

Tudo, tudo por medo de me prostrar aos Teus pés e aos pés anônimos do ‘outro’ que sempre Te representou.

Deus proibiu os sete pecados não por exigência de perfeição, mas apenas por piedade de nós, de mim que, como os outros, também tento não ser Dele e tento não ser dos outros, e eu sei que os outros são Ele.

Amar é mais lento, e a urgência me consome.

Minha ira é apenas não amar, minha ira é arcar com a intolerável responsabilidade de não ser uma erva.

Sou uma erva que se sente onipotente e se assusta.

Ira, transforma-te em mim em perdão, já que és o sofrimento de não amar.

No escrever também tenho uma espécie de receio de ir longe demais.

É sob o grande olho acordado do mundo que tenho arrumado o meu sono, enrolando em mil panos de múmia o meu grão de insônia.

Não, nunca foi fácil passar diante da fila humana.

Cada um de nós reconhece o martírio de quem está protegendo um sonho.

Estilhaçar o silêncio em palavras é um dos meus modos desajeitados de amar o silêncio.

O ódio pelo que de pior um ser pode fazer a outro ser – adulterar-lhe a essência a fim de usá-lo.

Eu sou pelo bicho, tomo o partido das vítimas do amor ruim.

Em tudo você terá a seu favor o corpo. O corpo está sempre ao lado da gente. É o único que, até o fim, não nos abandona.

O sacrifício de um líder ou de um santo ou de um artista – que chegaram àquilo que são exatamente por terem sido pessoais – é o de não o serem mais.

A transcendência da vontade de matar está em, por se conhecer esse abismo, impedir que os outros matem.

O dançarino faz gestos hieráticos, quadrados, e para. É que parar por vários instantes também faz parte.

Existir se torna sagrado como se nós fôssemos apenas os executantes da vida.

Se eu tivesse que dar um título à minha vida seria: à procura da própria coisa.

(Mas do que ele tem mesmo medo é dessas noites felizes de domingo.)

Não posso escrever enquanto estou ansiosa ou espero soluções porque em tais períodos faço tudo para que as horas passem; e escrever é prolongar o tempo, é dividi-lo em partículas de segundos, dando a cada uma delas uma vida insubstituível.

Certas páginas, vazias de acontecimento, me dão a sensação de estar tocando na própria coisa, e é a maior sinceridade.

(Se eu desenhar num papel, minuciosamente, uma porta, e se eu não lhe acrescentar nada meu, estarei desenhando muito objetivamente uma porta abstrata.)

Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre.

Meu carinho por um filho não o reduz, até que o alarga.

Não sou pessoa que precisa ser lembrada de que dentro de tudo há o sangue!

Eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando duas compreensões, eu amava. Não sabia que, somando duas incompreensões, é que se ama.

Só poderei ser mãe de uma árvore quando puder pegar um rato com a mão.

O rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala.

Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho de minha natureza?

Como seria o amor entre duas esperanças? Verde e verde, e depois o mesmo verde, que, de repente, por vibração de verdes, se torna verde. Amor predestinado pelo seu próprio mecanismo aéreo. Mas onde estariam nela as glândulas de seu destino, e as adrenalinas de seu seco e verde interior?

Só esta mulher era a sua inimiga, só este homem era o seu inimigo, e eles se tinham escolhido para a dança.

Éramos amigos, e no entanto que poderíamos dar um ao outro? Senão reconhecermo-nos.

Esta paciência eu tive, e com ela aprendia: a de suportar, sem nenhuma promessa, o grande incômodo da desordem.

Não sei “redigir”, não consigo “relatar” uma ideia, não sei “vestir uma ideia com palavras”. O que vem à tona já vem com ou através de palavras, ou não existe.

O que atrapalha ao escrever é ter de usar palavras.

A primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

O que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso.

Que eu dê água a outro homem, não porque eu tenha água, mas porque, também eu, sei o que é sede.

Porque quem entende desorganiza. Há alguma coisa em nós que desorganizaria tudo – uma coisa que entende.

É como doido que entro pela vida que tantas vezes não tem porta.

Como doido compreendo o que é perigoso compreender, e só como doido é que sinto o amor profundo.

O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil: quero o terreno.

PARTE XIII

Correspondências



Pretendia chorar na viagem, porque fico sempre com saudade de mim. Mas felizmente sou um bom animal sadio e dormi muito bem, obrigada.

“Deus” me chama a si, quando eu dele preciso.

Não sou senão um estado potencial, sentindo que há em mim água fresca, mas sem descobrir onde é a sua fonte.

Quando se trata de apaziguar os outros, transformo-me subitamente numa grande fonte de serenidade. E eu mesma bebo dessa fonte.

Estou tão vaga, tinha vontade de fazer um embrulho de mim, com papel de seda, lacinho de fita, e mandá-lo pra você. Aceita?

Planos, programas, consciência, vigilância. O que vale é que misturada a tudo isso, está a vida que não para.

Aquela ideia de me mandar num embrulho para alguém, ocorre-me de vez em quando como o ideal, tão cansada eu fico às vezes de estar sempre de pé, segurando eu mesma as minhas rédeas.

Ia lhe contar como eu tenho escrito, como eu tenho duvidado, como eu acho horrível o que eu tenho escrito e como às vezes me parece sufocante de bom o que tenho escrito, e dois dias depois aquilo não vale nada, como eu tenho aprendido a ser paciente, como é ruim ser paciente, como eu tenho medo de ser uma “escritora” bem instalada, como eu tenho medo de usar minhas próprias palavras, de me explorar.

Queria escrever agora um livro limpo e calmo, sem nenhuma palavra forte, mas alguma coisa real – real como o que se sonha.

Tudo passa – é essa a minha convicção mais moderna.

Conheci várias pessoas simpáticas. Muitas esnobíssimas, de feitio duro e impiedoso embora sem jamais fazer maldades. Eu acho graça em ouvi-las falar de nobrezas e aristocracias e de me ver sentada no meio delas, com o ar + gentil e delicado que eu posso achar. Nunca ouvi tanta bobagem séria e irremediável como nesse mês de viagem. Gente cheia de certezas e de julgamentos, de vida vazia e entupida de prazeres sociais e delicadezas. É evidente que é preciso

conhecer a verdadeira pessoa embaixo disso. Mas por mais protetora dos animais que eu seja, a tarefa é difícil.

Nada é formidável, ou sei lá, talvez tudo seja.

Todo o mundo é inteligente, é bonito, é educado, dá esmolas e lê livros; mas por que não vão para um inferno qualquer? eu mesma irei de bom grado se souber que o lugar da “humanidade sofredora” é no céu.

Meu Deus, eu afinal não sou missionária. E detesto novidades, notícias e informações.

Que todos sejam felizes e me deixem em paz.

As coisas são iguais em toda a parte – eis o suspiro de uma mulherzinha viajada. Os cinemas do mundo inteiro se chamam Odeon, Capitólio, Império, Rex, Olímpia.

Tenho impressão de que quando eu for velha hei de praguejar o tempo todo.

Estamos num apartamento grande, com todos do consulado que são ótimas pessoas; mas eu nunca precisei de ótimas pessoas.

Incomoda um trabalho parado; é como se me impedisse de ir adiante.

Desculpe essa carta tão malfeita e tão tola; é que eu mesma sou malfeita e tola.

Fui ao vulcão Solfatara mas tenho preguiça de contar. A coisa parece um milagre.

Nunca consegui mesmo convencer você de que eu sou pobre...; infelizmente quanto mais pobre, com mais enfeites me enfeito.

Entre mim e tudo uma coisa, como se eu fosse daquelas pessoas que têm os olhos cobertos por uma camada branca.

Eu queria fazer uma história cheia de todos os instantes, mas isso sufocava o próprio personagem. Acho mesmo que meu mal é querer ter todos os instantes. Que eu estou idiota, você não precisa dizer, sei bem.

Eu pensava que ia gostar de Proust como se gosta das coisas esmagadoras; mas com grande surpresa vejo que tenho um prazer enorme e sincero em lê-lo, acho-o naturalíssimo, nada cacete, nada imponente, pelo contrário, de uma modéstia intelectual que nunca se sacrifica por um brilho, por uma imagem; você concorda?

Meu rosto “característico”, como já me disseram tantas vezes sem dizer característico de quê.

Estou tentando escrever qualquer coisa que me parece tão difícil para mim mesma que eu me contenho para não me desesperar. É alguma coisa que nunca será gostada por ninguém, mas não posso fazer nada.

Estou tão burrinha hoje, quanto mais eu escrever mais bobagens digo.

Um dia desses fui ver a lava do Vesúvio. Tenho um pedaço feio de lava para você.

Certamente já lhe falei em Posilipo, que é um lugar. Em grego quer dizer pausa da dor. A dor realmente fica um instante suspensa, tão doces são as cores, tão sem selvageria, tão belo, tão belo é o lugar com mar, árvores, montanha.

Resolvi não falar hoje em saudade, nem dar a entender “saudade” por carinhos... Senão me derramaria demais e perderia o equilíbrio que é tão necessário pelo menos para se dormir de noite.

Eu estava posando para De Chirico quando o jornaleiro gritou: *É finita la guerra!* Eu também dei um grito, o pintor parou, comentou-se a falta estranha de alegria da gente e continuou-se.

Mesmo pessoalmente é difícil conversar, mesmo quando a conversa é entre duas irmãs que se gostam e se entendem. Mil sentimentos atrapalham, como seja o amor mesmo, a desconfiança de que se esteja vagamente mentindo, a vontade de convencer etc.

Tudo o que eu tenho é a nostalgia que vem de uma vida errada, de um temperamento excessivamente sensível, de talvez uma vocação errada ou forçada.

Meus problemas são os de uma pessoa de alma doente e não podem ser

compreendidos por pessoas, graças a Deus, sãs.

Me abrace, que no abraço mais do que em palavras, as pessoas se gostam.

Na verdade quando eu escrevo carta eu estou com um anzol compridíssimo cuja isca bate no Rio de Janeiro para pescar resposta.

Às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate.

Por estranho que pareça, estou estudando cálculo das probabilidades. Não só porque o abstrato cada vez mais me interessa, como porque eu posso renovar minha incompreensão e concretizar minhas dificuldades gerais.

Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz e doidinho.

Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é a minha verdadeira moralidade.

Acabei de passar uma semana das piores em relação ao trabalho. Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tome, não sei de nada. Digo a mim mesma: não adianta desesperar, desesperar, desesperar é mais fácil ainda que trabalhar.

A ideia de uma unha partida em dois é o mesmo para mim que apagar o quadro-negro com folha de papel.

Sonhei que estava num lugar de cores apagadas, tudo meio dormente, e que eu ia subir uma escadaria imensa, alta, alta. Eu me aproximava para subir, e com horror via que a escadaria era apenas pintada – nem pintada, desenhada a lápis com perspectivas certas em claro e escuro, parece que em cima de papel móvel porque havia vento. Nem lhe posso descrever de como comecei a subir e que dificuldade sentia: era uma imagem de escada e eu pisava em degraus desenhados e sem profundidade.

O problema para quem escreve é antes de tudo um problema literário – mas pergunto-lhe agora: é ainda um problema literário a falta de pés no chão ou é anterior a ele?

Às vezes estou num estado de graça tão suave que não quero quebrá-la para

exprimi-la, nem poderia.

Estado de graça é apenas uma alegria que não devo a ninguém, nem a mim, uma coisa que sucede como se me tivessem mostrado a outra face.

Talvez seja orgulho querer escrever, você às vezes não sente que é? A gente deveria se contentar em ver, às vezes. Felizmente tantas outras vezes não é orgulho, é desejo humilde.

Estou descobrindo uma espécie de estilo empoeirado – uma espécie de estilo que está sempre sob nosso estilo e que é uma mistura de leituras meio ordinárias da adolescência (não a sua, por Deus, talvez de sua infância...), uma mistura de grandiloquência que é na verdade como a gente já quis escrever (mas o bom gosto achou com razão ridículo), uma mistura disso – está ruim como o quê, mas com que prazer descubro as tiradas – parece que não há sequer invenção.

Acho que sou tão seca que corto o movimento das pessoas. E só quem é assim é que pode compreender como é ruim ser assim.

Estou aqui em pleno outono, e apesar de ser outono, apenas por ser “pleno”, tem o mesmo fulgor de primavera plena, inverno pleno – a impressão que dá é que alguma coisa está madura.

E depois dessa extrema poesia, peço, porque estou com frio, uma esmolinha pelo amor de Deus. E para rimar digo adeus, que é rima pobre e nua, mas, ai de nós, absoluta.

Sou “outra pessoa” em Paris. É uma embriaguez que não tem nada de agradável. Tenho visto pessoas demais, falado demais, dito mentiras, tenho sido muito gentil. Quem está se divertindo é uma mulher que eu não conheço.

A mulher de Schmidt me disse hoje que quando eu bebo eu pareço um anjo.

Não pense que a pessoa tem tanta força assim a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro.

Nem sei como lhe explicar, querida irmã, minha alma. Mas o que eu queria dizer é que a gente é muito preciosa, e que é somente até certo ponto que a gente pode desistir de si própria e se dar aos outros e às circunstâncias.

Depois que uma pessoa perder o respeito de si mesma e o respeito de suas próprias necessidades – depois disso fica-se um pouco um trapo.

O primeiro dever a realizar é em relação a si mesmo.

Do momento em que me resignei, perdi toda a vivacidade e todo interesse pelas coisas.

Você já viu como um touro castrado se transforma num boi?

Cortei em mim a força que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também minha força. Espero que você nunca me veja assim resignada, porque é quase repugnante.

Disse que me achava ardente e vibrante, e que quando me encontrou agora se disse: ou esta calma excessiva é uma atitude ou então ela mudou tanto que parece quase irreconhecível.

Não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado.

Minha irmãzinha, ouça meu conselho, ouça meu pedido: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver.

Juro por Deus que se houvesse um céu, uma pessoa que se sacrificou por covardia – será punida e irá para um inferno qualquer.

Pegue para você o que lhe pertence, e o que lhe pertence é tudo aquilo que sua vida exige.

O que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesma.

Isso seria uma lição para você. Ver o que pode suceder quando se pactuou com a comodidade de alma.

Passo o tempo todo pensando – não raciocinando, não meditando mas pensando,

pensando sem parar. E aprendendo, não sei o quê, mas aprendendo.

O jogo alto está numa vida diária pequena, em que uma pessoa se arrisca muito mais profundamente, com ameaças maiores.

Parece que estou perdendo um sentimento de grandeza que não veio nunca de livros nem de influência de pessoas, uma coisa muito minha e que desde pequena deu a tudo, aos meus olhos, uma verdade que não vejo mais com tanta frequência. Disso tudo, restam nervos muito sensíveis e uma predisposição séria para ficar calada.

Quanto às leituras, variadas, provavelmente erradas, a mais certa é a *Imitação de Cristo*, mas é muito difícil imitá-Lo, e isso é menos óbvio do que parece.

Ainda não absorvi o Rio, sou lenta e difícil. Precisaria de mais alguns meses para entender de novo a atmosfera. Mas que é bom, é. É selvagem, é inesperado, e salve-se quem puder.

Que diabo, a gente tem o direito de deixar o barco correr! As coisas se arranjam, não é preciso empurrar com tanta força.

Faça menos, e verá mesmo que às vezes a gente pensou que o mundo rodava porque estávamos rodando uma manivela.

Ele vive às voltas com animais, disse que eu sou uma mistura de tigre e veado.

Como é do conhecimento dos senhores, meu marido e eu, não tendo infelizmente religião (por enquanto), criamos nossos filhos na ideia de Deus, mas sem lhes dar rituais definitivos, e à espera de que eles próprios mais tarde se definam.

Nunca pensei que pato tivesse natureza íntima tão diversa de pinto. Pinto está sempre com medo, e, além de lindo, é burríssimo, tão burro quanto a futura galinha ou galo que um dia será. Mas pato é altamente sociável, procura companhia, anda atrás da gente feito cachorro, se deixa acarinhar – e, coincidência altamente curiosa, tem o andar típico de pato.

Pinto, por mais que a gente procure fazer feliz, está sempre miserável. Pato, não, não frustra a gente porque “corresponde” e faz a gente se sentir muito generosa.

Um dia desses me contaram uma anedotinha que eu já conhecia, mas tão velha

que eu já tinha esquecido. Se vocês conhecem, desculpem. É o caso de uma cidadezinha, durante a guerra, invadida por uma tropa. Naturalmente cada soldado escolheu logo uma moça, a tal ponto que um dos soldados, quando foi ver, descobriu que, do sexo feminino, só restava uma velhinha. Quando ele viu a velhinha ali, ele teve uma crise de desânimo: Ah não! Também esta não! Mas a velhinha disse rápida: “Ah não” coisa nenhuma, soldado! Guerra é guerra!

Dia das Mães estarei na Bahia pensando em vocês, meus filhos, que valem mais do tudo o que eu tive, tenho ou virei a ter.

Estou fazendo regime pra emagrecer: em sete dias perdi cinco quilos, e no oitavo estava fraca, comi de tudo, e resultado ganhei dois quilos.

Desejo-lhe que nunca atinja a cruel popularidade porque esta é ruim e invade a intimidade sagrada do coração.

Acordei com um pesadelo terrível: sonhei que ia para fora do Brasil (vou mesmo em agosto) e quando voltava ficava sabendo que muita gente tinha escrito coisas e assinava embaixo o meu nome. Eu reclamava, dizia que não era eu, e ninguém acreditava, e riam de mim. Aí não aguentei e acordei. Eu estava tão nervosa e elétrica e cansada que quebrei um copo.

Sabe se espreguiçar? É tão bom. Quando você se sentir cansadinha (você nunca se sente cansada porque é uma borboleta alegre) ou quando quiser sentir uma coisa boa para o seu corpinho, então espreguice-se. É assim: espiche os braços e as pernas ao último máximo, tanto quanto puder. Fique assim um momento. Em seguida largue-se de repente, relaxe o corpo como se este fosse um trapo.

Pontuação é a respiração da frase. Uma vírgula pode cortar o fôlego. É melhor não abusar de vírgulas. O ponto de interrogação e o de exclamação use-os quando precisar: são válidos. Cuidado com reticências: só as empregue em caso raro. Como depois de um suspiro. Quanto ao ponto e vírgula, ele é um osso atravessado na garganta da frase.

PARTE XIV

A descoberta do mundo



Não se perde por não entender.

A Terra é azul para quem a olha do céu. Azul será uma cor em si, ou uma questão de distância? Ou uma questão de grande nostalgia? O inalcançável é sempre azul.

“Ter visto” não é substituível por nenhuma descrição: ter visto só se compara a ter visto.

Consideração: suponho a hipótese de alguém no mundo já ter visto Deus. E nunca ter dito uma palavra. Pois, se nenhum outro viu, é inútil dizer.

Vou esperar comendo com delicadeza e recato e avidez controlada cada mínima migalha de tudo, quero tudo pois nada é bom demais para a minha morte que é a minha vida tão eterna que hoje mesmo ela já existe e já é.

Milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz, e preferem a mediocridade.

Empregadas, chamemo-las de uma vez de criadas, é uma ofensa à humanidade.

Como a fruta e jogo fora a metade, nunca tive piedade na primavera.

Certos medos – aqueles não mesquinhos e que têm raiz de raça inextirpável – têm-me dado a minha mais incompreensível realidade.

A ilogicidade de meus medos me tem encantado, dá-me uma aura que até me encabula. Mal consigo esconder, sob a sorridente modéstia, meu grande poder de cair em medos.

Descubro que ser desadaptada é a minha fonte.

O Homem é um ser tão estranho a si mesmo que, só por ser inocente, é natural.

Nem sempre é necessário tornar-se forte. Temos que respeitar a nossa fraqueza.

Estou habituada a não considerar perigoso pensar.

Nem sempre esmiuçar demais dá certo.

“Eu te amo” era uma farpa que não se podia tirar com uma pinça. Farpa incrustada na parte mais grossa da sola do pé.

Ninguém encontraria nada se descesse nas suas profundezas – senão a própria profundeza, como na escuridão se acha a escuridão. É possível que, se alguém prosseguisse mais, encontrasse, depois de andar léguas nas trevas, um indício de caminho, guiado talvez por um bater de asas, por algum rastro de bicho. E – de repente – a floresta.

Talvez dizer “Meu Deus” já seja uma reza.

Deus, fazei com que os que eu amo não me sobrevivam, eu não toleraria a ausência.

Perguntei: por que estamos tão tristes? Respondeu: é assim mesmo.

Mesmo para os descrentes há a pergunta duvidosa: e depois da morte? Mesmo para os descrentes há o instante de desespero: que Deus me ajude.

Não sei usar amor: às vezes parecem farpas.

É tão difícil mudar. Às vezes escorre sangue.

O que se cria não se mata.

Tantos querem a projeção. Sem saber como esta limita a vida.

O anonimato é suave como um sonho.

Do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio.

Que estas páginas simbolizem uma passeata de protesto de rapazes e moças.

Grossura é pureza? Uma coisa sei: amor, por mais violento, é.

Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim, e numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos, já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia

reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

No estado de graça vê-se às vezes a profunda beleza, antes inatingível, de outra pessoa. Tudo, aliás, ganha uma espécie de nimbo que não é imaginário: vem do esplendor da irradiação quase matemática das coisas e das pessoas. Passa-se a sentir que tudo o que existe – pessoa ou coisa – respira e exala uma espécie de finíssimo resplendor de energia.

Eu mesma me criei uma vida onde eu posso dizer tudo e ouvir tudo.

Meu desalento é igual ao que sentem milhares de pessoas. Basta, porém, receber um telefonema ou lidar com alguém que eu gosto e minha esperança renasce, e fico forte de novo.

Há muito tempo não me dão um prato de lentilhas para esta fome arcaica que eu tenho.

Como explicar que me sinto mãe do mundo?

Não sou uma coisa que agradece ter se transformado em outra. Sou uma mulher, sou uma pessoa, sou uma atenção, sou um corpo olhando pela janela. Assim como a chuva não é grata por não ser uma pedra. Ela é uma chuva. Talvez seja isso que se poderia chamar de estar vivo.

Ela que sabe que tudo vai acabar pega a mão livre do homem, e, ao prendê-la nas suas, ela doce arde, arde, flameja.

Amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Eu queria que a língua portuguesa chegasse ao máximo nas minhas mãos. E este desejo todos os que escrevem têm. Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.

Queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

Para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós.

Amar eu posso até a hora de morrer. Amar não acaba.

Na hora de morrer eu queria ter uma pessoa amada por mim ao meu lado para me segurar a mão.

Uma das coisas mais solitárias que eu conheço é não ter a premonição.

Não estou gostando muito deste pacto com a mediocridade de viver.

Rosas silvestres são de planta trepadeira e nascem várias no mesmo galho. Rosas silvestres, eu vos amo. Diariamente morro por vosso perfume.

Às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.

Uma alegria solitária pode se tornar patética. É como ficar com um presente todo embrulhado com papel enfeitado de presente nas mãos – e não ter a quem dizer: tome, é seu, abra-o!

Pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa.

Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida.

O fato literário tornou-se aos poucos tão desimportante para mim que não saber escrever talvez seja exatamente o que me salvará da literatura.

Talvez seja uma das experiências humanas e animais mais importantes. A de pedir socorro e, por pura bondade e compreensão do outro, o socorro ser dado.

Talvez valha a pena ter nascido para que um dia mudamente se implore e mudamente se receba.

Então eu, o tigre, dei umas voltas vagarosas em frente à pessoa, hesitei, lambi uma das patas e depois, como não é a palavra o que tem importância, afastei-me silenciosamente.

Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.

O galo tem angústia quase humana: falta-lhe um amor verdadeiro naquele seu harém, e ainda mais tem que vigiar a noite toda para não perder a primeira das mais longínquas claridades e cantar o mais sonoro possível.

Morri de muitas mortes e mantê-las-ei em segredo até que a morte do corpo venha, e alguém, adivinhando, diga: esta, esta viveu.

Em menos de dois segundos pode-se viver uma vida e uma morte e uma vida de novo.

Desistir de nossa animalidade é um sacrifício.

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

O sucesso é uma gafe, é uma falsa realidade.

Como é bom precisar e ir tendo.

Como é bom o instante de precisar que antecede o instante de se ter.

Ter facilmente, não. Porque essa aparente facilidade cansa.

É um pecado, bem sei, querer a carência. Mas a carência de que falo é tão mais plenitude do que essa espécie de fartura.

E não me respondam: não quero ouvir a voz humana.

Só uma raiva, no entanto, é bendita: a dos que precisam.

O engraçado é que parece que eu não quero ser escritora. De algum modo é verdade, e não sei explicar por quê. Mas até ser chamada de escritora me encabula.

Adoro ouvir coisas que dão a medida de minha ignorância.

Como vão vocês? Estão na carência ou na fartura?

E como é bom comer, dá até vergonha. E certo orgulho também, o orgulho de se ser um corpo exigente. Ah que me perdoem os que não têm o que comer; o que vale é que esses não são os que me leem.

Ninguém diria que sou magra: estou gorda, pesada, grande, com mãos calejadas não por mim mas pelos meus ancestrais.

Que prazer dos outros existirem e de a gente se encontrar nos outros.

Há uma hora em que se deve esquecer a própria compreensão humana e tomar um partido, mesmo errado.

A hora da sobrevivência é aquela em que a crueldade de quem é a vítima é permitida, a crueldade e a revolta. E não compreender os outros é que é certo.

– Você não sabe diferenciar emoção de nervosismo? você está tendo uma emoção.

Como mãe, não tenho finura. Sou grossa e silenciosa. Olho com a rudeza de meu silêncio, com meu olho vazio aquela cara que também é rude, filho meu.

O indevassável me deixa com uma espécie de obstinação áspera.

Eu trocaria uma eternidade de depois da morte pela eternidade enquanto estou viva.

Há uma grande liberdade em se ter um destino. Este é o nosso livre-arbítrio.

Um anúncio em negrito: precisa-se de alguém homem ou mulher que ajude uma pessoa a ficar contente porque esta está tão contente que não pode ficar sozinha com a alegria, e precisa reparti-la.

A alegria dessa pessoa é fugaz como estrelas cadentes, que até parece que só se as viu depois que tombaram.

Não faz mal que venha uma pessoa triste porque a alegria que se dá é tão grande que se tem que a repartir antes que se transforme em drama.

Há em meu rosto sério uma alegria até mesmo divina para dar.

Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável. Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana ou animal.

Quando o amor é grande demais torna-se inútil: já não é mais aplicável, e nem a pessoa amada tem a capacidade de receber tanto.

A vida dos sentimentos é extremamente burguesa.

Ultimamente, por necessidade grande, aprendi um jeito de me ocupar escrevendo, exatamente para ver se as horas passam.

Uma casa de família é aquela que, além de nela se manter o fogo sagrado do amor bem aceso, mantenham-se as panelas no fogo.

Rainha egípcia? Não, sou eu, eu toda ornada como as mulheres bíblicas.

Tudo o que existe é de uma grande exatidão.

Quem não tiver força, que antes cubra cada nervo com uma película protetora, com uma película de morte para poder tolerar a vida. Essa película pode consistir em qualquer ato formal protetor, em qualquer silêncio ou em várias palavras sem sentido. Pois o prazer não é de se brincar. Ele é nós.

Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Acho, por exemplo, que por certo motivo eu terminaria presa na cadeia.

Se eu fosse eu daria tudo o que é meu, e confiaria o futuro ao futuro.

Cada homem é responsável pelo mundo inteiro.

Na sequência dos *agoras* é que você existe.

Um dia uma folha me bateu nos cílios.
Achei *Deus* de uma grande delicadeza.

Naqueles dias eu estava só, não podia ver gente: eu vira a morte.

Todo homem deveria em algum momento redescobrir a sensação que está sob *descobrir a terra*.

De algum modo tudo é feito de terra. Um material precioso. Sua abundância não o torna menos raro de sentir – tão difícil é realmente sentir que tudo é feito de terra. Que unidade. E por que não o espírito também? Meu espírito é tecido pela terra mais fina. A flor não é feita de terra?

Pelo fato de tudo ser feito de terra – que grande futuro inesgotável nós temos. Um futuro impessoal que nos excede. Como a raça nos excede.

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras.

Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria. Até que um dia se curou assim como uma ferida seca.

O que ele teria pensado ou feito hoje não poderia ter pensado ou feito nem ontem nem amanhã, pois há um tempo de rosas, outro de melões.

Nem sempre meus impulsos são de boa origem. Vêm, por exemplo, da cólera.

Às vezes restringir o impulso me anula e me deprime; às vezes restringi-lo dá-me uma sensação de força interna.

A doçura contagia.

Ao escrever, grudada e colada, está a intuição.

O coração tem que estar puro para que a intuição venha.

Difícil apurar a pureza: às vezes no amor ilícito está toda a pureza do corpo e alma, não abençoado por um padre, mas abençoado pelo próprio amor. E tudo

isso pode-se chegar a ver – e ter visto é irrevogável.

Não se brinca com a intuição, não se brinca com o escrever: a caça pode ferir mortalmente o caçador.

– Vá até a janela e veja que lua cheia está batendo sobre a Acrópole.

– Agora, vire-se para o lado e durma bem.

A linha divisória é quase invisível entre o mau gosto e a verdade.

Pior que o mau gosto em matéria de escrever, é um certo tipo horrível de *bom gosto*.

O charlatão é um contrabandista de si mesmo.

Gafe é a hora em que certa realidade se revela.

Cada uma deve ter tido, por um momento ao menos, esse aviso urgente e pungente de um penteado que pode desabar.

As discretas formam uma corporação. Elas se reconhecem a um olhar, e, louvando uma a outra, louvam-se ao mesmo tempo.

As que dobram ligeiramente o guardanapo antes de se erguer é porque assim foram ensinadas. As que o deixam negligentemente largado têm uma teoria sobre deixar guardanapo negligentemente largado.

Terra é terra, come-se, morre-se.

Uma vez, aliás, agora é que me lembro, uma esperança bem menor que esta pousara no meu braço. Não senti nada, de tão leve que era, foi só visualmente que tomei consciência de sua presença. Encabulei com a delicadeza. Eu não mexia o braço e pensei: “E essa agora? que devo fazer?” Em verdade nada fiz. Fiquei extremamente quieta como se uma flor tivesse nascido em mim.

Quando tiraram os pontos de minha mão operada, por entre os dedos, gritei. Dei gritos de dor, e de cólera, pois a dor parece uma ofensa à nossa integridade física. Mas não fui tola. Aproveitei a dor e dei gritos pelo passado e pelo presente. Até pelo futuro gritei, meu Deus.

Avisem-me se eu começar a me tornar eu mesma demais.

Qualquer palavra, aliás, é objeto, é objetiva.

As palavras não se podem evitar. Vocês estão entendendo? Nem precisam. Recebam apenas, como eu estou dando. Recebam-me com fios de seda.

Ando meio bonita, sem o menor pudor: vem do bem-estar.

A minha mudez faz com que eu procure pessoas que, sem elas saberem, me darão a palavra-chave.

Quem me obriga a escrever? O mistério é esse:
ninguém, e no entanto a força me impelindo.

Nunca se inventou um modo diferente de amor de corpo que é estranho e cego.

Um tratado sobre a sensualidade, não especificamente a de sexo, mas a sensualidade de “entrar em contato” íntimo com o que existe, pois comer é uma de suas modalidades – e é uma modalidade que *engage* de algum modo o ser inteiro.

Escrever não é quase sempre pintar com palavras?

A covardia nos mata.

Antes de aprender a ser livre, tudo eu aguentava – só para não ser livre.

Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta.
Qual é o nome? e este é o nome.

Minha grande altivez: preciso ser achada na rua.

Não esmaguem as palavras nas entrelinhas.

Chegar àquele ponto em que a dor se mistura à profunda alegria e a alegria chega a ser dolorosa – pois esse ponto é o aguilhão da vida.

Em nome de nada, era hora de comer. Em nome de ninguém, era bom.

Nem sempre posso ser a guarda de meu irmão, e não posso ser a minha guarda,

ah não me quero mais: não quero formar a vida porque a existência já existe.

Pão é amor entre estranhos.

Descobri de súbito que pensar não é natural.

Por solidariedade com os outros, eu ainda me agarro ao que chamo de vida. Seria profundamente amoral não esperar, como os outros esperam, pela hora, seria esperteza demais a minha de avançar no tempo, e imperdoável ser mais sabida do que os outros. Por isso, apesar da intensa curiosidade, espero.

De estar viva – senti – terei que fazer o meu motivo e tema.

Quisera eu ser dos que entram numa igreja, aceitam a penitência e saem mais livres.

A culpa em mim é algo tão vasto e tão enraizado que o melhor ainda é aprender a viver com ela, mesmo que tire o sabor do menor alimento.

Tudo sabe mesmo de longe a cinzas.

Ao ver o ovo é imediatamente tarde demais: ovo visto, ovo perdido: a visão é um calmo relâmpago.

Olhar é o necessário instrumento que depois de usado, jogarei fora.

Só as máquinas veem o ovo.

Eu te amo, ovo. Eu te amo como uma coisa nem sequer sabe que ama a outra coisa.

Um ovo terá sido talvez um triângulo que tanto rolou no espaço que foi se ovalando.

Ovo é coisa que precisa tomar cuidado. Por isso a galinha é o disfarce do ovo. Para que o ovo atravesse os tempos a galinha existe. Mãe é para isso.

(Nossa garantia é que ele não pode: não pode é a grande força do ovo: sua grandiosidade vem da grandeza de não poder, que se irradia como um não querer.)

E arte, imagino, não é inocência, é tornar-se inocente.

Eu vou te dar o meu segredo mortal: viver não é uma arte.

Sou realista demais: só ando com os meus fantasmas.

Faço tantas fantasias a respeito desse livro desconhecido e já tão profundamente amado. Uma das fantasias é assim: eu o estaria lendo e de súbito, a uma frase lida, com lágrimas nos olhos diria em êxtase de dor e de enfim libertação: “Mas é que eu não sabia que se pode tudo, meu Deus!”

É como um erudito que ele estende sapatos – como se não fosse em contato com esta áspera terra que as solas se gastam.

A realidade, quando se desvenda sem susto, é a coisa mais fresca e real do mundo.

Realidade desvendada pela imaginação e sem susto a riqueza não está mais atrás de nós, como uma lembrança, ou ainda por aparecer, como um desejo de futuro. Está ali, fremindo.

Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É neste sentido, pois, que escrever me é uma necessidade. De um lado, porque escrever é um modo de não mentir o sentimento (a transfiguração involuntária da imaginação é apenas um modo de chegar); de outro lado, escrevo pela incapacidade de entender, sem ser através do processo de escrever.

Mentir o pensamento seria tirar a única alegria de escrever.

Respeito uma certa clareza peculiar ao mistério natural, não substituível por clareza outra nenhuma.

A coisa se esclarece sozinha com o tempo: assim como num copo d’água, uma vez depositado no fundo o que quer que seja, a água fica clara.

Se aceito o risco não é por liberdade arbitrária ou inconsciência ou arrogância: a cada dia que acordo, por hábito até, aceito o risco.

Senso de aventura é o que me dá o que tenho de aproximação mais isenta e real em relação a viver e, de cambulhada, a escrever.

Esse *estilo* (!), já foi chamado de várias coisas, mas não do que realmente e apenas é: uma procura humilde.

Refiro-me à humildade como técnica. Virgem Maria, até eu mesma me assustei com minha falta de pudor.

Humildade como técnica é o seguinte: só se aproximando com humildade da coisa é que ela não escapa totalmente.

Então um homem não pode simplesmente abrir uma porta e olhar?

A concentração no escrever parece tirar a consciência do que não tenha sido o escrever propriamente dito.

Bichos, uma das formas acessíveis de gente.

A repetição me é agradável, e repetição acontecendo no mesmo lugar termina cavando pouco a pouco, cantilena enjoada diz alguma coisa.

Lugar que me parece o nascedouro do mundo: África.

Sinto os bichos como uma das coisas ainda muito próximas de Deus, material que não inventou a si mesmo, coisa ainda quente do próprio nascimento; e, no entanto, coisa já se pondo imediatamente de pé, e já vivendo toda, e em cada minuto vivendo de uma vez, nunca aos poucos apenas, nunca se poupando, nunca se gastando.

Um tigre olhou para mim, eu olhei para ele, ele sustentou o olhar, eu não, e vim embora até hoje.

Diga-me por favor que horas são para eu saber que estou vivendo nesta hora.

Nada mais tenho a ver com a validez das coisas. Estou liberta ou perdida. Vou-lhes contar um segredo: a vida é mortal.

Eu amo os objetos na medida em que eles não me amam.

As palavras já ditas me amordaçaram a boca.

Hoje é dia de muita estrela no céu, pelo menos assim promete esta tarde triste

que uma palavra humana salvaria.

Música é uma abstração do pensamento.

É difícil compreender e amar o que é espontâneo e franciscano.

Entender o difícil não é vantagem, mas amar o que é fácil de se amar é uma grande subida na escala humana.

Não há lógica, se se for pensar um pouco, na ilogicidade perfeitamente equilibrada da natureza. Da natureza humana também.

Quem terá inventado a cadeira? Alguém com amor por si mesmo. Inventou então um maior conforto para o seu corpo.

Bem sei que terei de parar, não por causa de falta de palavras, mas porque essas coisas e sobretudo as que eu só pensei e não escrevi, não se usam publicar.

O fato (que a fez suspirar) em que ela se transformou era o de uma mulher com uma vassoura na mão.

Ar em movimento é brisa.

Qualquer agrado seria agora de meu direito:
eu o havia pago de antemão.

Olhei-a de través: velha e suja, como se dizem das coisas. E a mulher sabia que eu a olhara.

Falava e eu não ouvia. Ouvi quando falou em irmandade e então reagi de um modo estranho: não me senti irmã de ninguém no mundo. Eu estava sozinha.

Para mim também o ano dois mil é hoje. Sinto-me tão avançada, mesmo que não possa exprimi-lo, que estou em outro ciclo, mesmo que não possa exprimi-lo.

O ano dois mil já chegou, mas não por causa de Marte: por causa da Terra mesmo, de nós, por nossa voracidade do tempo que nos come.

Há vários tipos de fome: estou falando de todas.

Há vários modos de saber, ignorando.

A um tal ponto de simplicidade ou liberdade que às vezes eu telefono e ela responde: não estou com vontade de falar. Então digo até logo e vou fazer outra coisa.

Somos canibais, é preciso não esquecer.

Minha falta de coragem de matar uma galinha e no entanto comê-la morta me confunde, espanta-me, mas aceito.

Nossa vida é truculenta: nasce-se com sangue e com sangue corta-se a união que é o cordão umbilical.

A truculência. É amor também.

Tentarei o seguinte: uma espécie de silêncio.

Se houver o que se chama de expressão, que se exale do que sou.

Escrevo por simples curiosidade intensa.

Exatamente o que não quero é moldura.

Para escrever quero prescindir de tudo o que eu puder prescindir.

Lavado com águas frescas, um banco é um banco.

Continuo a considerar minhas palavras como sendo nuas.

Minha alma eu a deixarei, qualquer animal a abrigará.

Meu corpo, esse serei obrigada a levar. Mas dir-lhe-ei antes: vem comigo, como única valise, segue-me como um cão.

Não sei como explicar que, sem alma, sem espírito, e um corpo morto – serei ainda eu, horrivelmente esperta.

Estou morrendo meu espírito, sinto isso, sinto.

Vou parar aqui, porque é tão sábado!

O homem será um triste antepassado da máquina;

melhor o mistério do paraíso.

Sou uma pessoa muito ocupada: tomo conta do mundo.

O cosmos me dá muito trabalho.

Observo o menino de uns dez anos, vestido de trapos e magérrimo. Terá futura tuberculose, se é que já não a tem.

No Jardim Botânico, então, eu fico exaurida, tenho que tomar conta com o olhar das mil plantas e árvores, e sobretudo das vitórias-régias.

Tomar conta do mundo dá trabalho? Sim.

Tomo conta dos milhares de favelados pelas encostas acima.

Hão de me perguntar por que tomo conta do mundo: é que nasci assim, incumbida. E sou responsável por tudo o que existe, inclusive pelas guerras e pelos crimes de leso-corpo e lesa-alma. Sou inclusive responsável pelo Deus que está em constante cósmica evolução para melhor.

As formigas têm uma cintura muito fininha. Nela, pequena como é, cabe todo um mundo que, se eu não tomar cuidado, me escapa: senso instintivo de organização, linguagem para além do supersônico aos nossos ouvidos, e provavelmente para sentimentos instintivos de amor-sentimento, já que falam.

Como é que se volta da Rua da Alfândega ao anoitecer?

Um chá – domingo, Rua do Lavradio – que eu ofereceria a todas as empregadas que já tive na vida. As que esqueci marcariam a ausência com uma cadeira vazia, assim como estão dentro de mim. As outras sentadas, de mãos cruzadas no colo. Mudas – até o momento em que cada uma abrisse a boca e, rediviva, morta-viva, recitasse o que eu me lembro. Quase um chá de senhoras, só que nesse não se falaria de criadas.

Estou falando de procurar em si próprio a nebulosa que aos poucos se condensa, aos poucos se concretiza, aos poucos sobe à tona – até vir como num parto a primeira palavra que a exprima.

Não se aguenta alguma coisa prometida e se faz com que a coisa, mesmo

dolorosa, venha antes, para passar logo o desespero.

Estou agora sem medo pensando no ano 8000. Que virá assim como o ano 2000. O tempo não é a duração de uma vida. O tempo antes de nós é tão eterno quanto o tempo à nossa frente.

Eu sou sim. Eu sou não. Aguardo com paciência a harmonia dos contrários.

Vi de repente e era um homem tão extraordinariamente bonito e viril que eu sentia uma alegria de criação.

Ele não tem medo de olhar os homens no profundo dos olhos.

Preciso me habituar a sorrir mais, senão pensam que estou com *problemas* e não com o rosto apenas sério ou concentrado.

Ele tem um ligeiro mau gosto na escolha dos objetos de adorno que compra. Isso me dá ternura.

Ele é inconsciente de que eu o vejo tanto, não tantas vezes, mas tanto.

E foi então que veio a noção de perda. Perda de quê? Ah, é tão antigo este sentimento que se perde na noite dos tempos até atingir a Pré-História do mundo.

Um dia ainda hei de ir, sem me importar para onde o ir me levará.

Uma questão de paciência, de amor criando paciência, de paciência criando amor.

Esta paciência eu tive: a de suportar, sem nem ao menos o consolo de uma promessa de realização, o grande incômodo da desordem. Mas também é verdade que a ordem constrange.

(Estou sentindo uma coisa estranha, diria a mulher para o médico. É que a senhora vai ter um filho. E eu que pensava que estava morrendo, responderia a mulher.)

O que escrevo não se refere ao passado de um pensamento, mas é o pensamento presente: o que vem à tona já vem com suas palavras adequadas e insubstituíveis, ou não existe.

A certeza só aparentemente paradoxal de que o que atrapalha ao escrever é ter de usar palavras.

Quando tomei posse da vontade de escrever, vi-me de repente num vácuo. E nesse vácuo não havia quem pudesse me ajudar.

Vocação é diferente de talento. Pode-se ter vocação e não ter talento, isto é, pode-se ser chamado e não saber como ir.

– Mamãe, vi um filhote de furacão, mas tão filhotinho ainda, tão pequeno ainda, que só fazia mesmo era rodar bem de leve umas três folhinhas na esquina.

– Você compreende, não é, mamãe, que eu não posso gostar de você deste mesmo modo a vida inteira.

A palavra criativa não será usada como palavra, nem mesmo vai se falar nela: apenas tudo se criará.

Por enquanto estamos secos como um figo seco onde ainda há um pouco de umidade.

É estranho ter um corpo onde se alojar.

Perder a eternidade? Nunca.

O infinito não esmaga, pois em relação a ele não se pode sequer falar em *grandeza* ou mesmo em *incomensurabilidade*.

Há momentos, embora raros, em que a existência do infinito é tão presente que temos uma sensação de vertigem.

Quando o fantasma de mim mesma me toma – então é um tal encontro de alegria, uma tal festa, que a modo de dizer choramos uma no ombro da outra. Depois enxugamos as lágrimas felizes, meu fantasma se incorpora plenamente em mim, e saímos com alguma altivez por esse mundo afora.

Uma vez, também em viagem, encontrei uma prostituta perfumadíssima que fumava entrefechando os olhos e estes ao mesmo tempo olhavam fixamente um homem que já estava sendo hipnotizado. Passei imediatamente, para melhor compreender, a fumar de olhos entrefechados para o único homem ao alcance de

minha visão intencionada. Mas o homem gordo que eu olhara para experimentar e ter a alma da prostituta, o gordo estava mergulhando no *New York Times*. E meu perfume era discreto demais. Falhou tudo.

Às vezes só a bondade que doamos a nós mesmos nos livra da culpa e nos perdoa.

Inútil receber a aceitação dos outros, enquanto nós mesmos não nos doarmos a autoaceitação do que somos.

Quanto à nossa fraqueza, a parte mais forte nossa é que tem que nos doar ânimo e complacência.

Há certas dores que só a nossa própria dor, se for aprofundada, paradoxalmente chega a amenizar.

No amor felizmente a riqueza está na doação mútua.

É preciso se doar o direito de receber amor.

Lembrei-me de outra doação a si mesmo: o da criação artística. Pois em primeiro lugar por assim dizer tenta-se tirar a própria pele para enxertá-la onde é necessário. Só depois de pegado o enxerto é que vem a doação aos outros. Ou é tudo já misturado, não sei bem, a criação artística é um mistério que me escapa, felizmente.

Nunca *escolhi* linguagem. O que eu fiz, apenas, foi ir me obedecendo.

Só é bom escrever quando ainda não se sabe o que acontecerá.

Embora a palavra *humano* me arrepie um pouco, de tão carregada de sentidos variados e vazios essa palavra foi ficando, sinto que me encaminho para o mais humano.

As coisas do mundo – os objetos – estão se tornando cada vez mais importantes para mim. Vejo os objetos sem quase me misturar com eles, vendo-os por eles mesmos. Então às vezes se tornam fantásticos e livres, como se fossem coisa nascida e não feita por pessoas.

Talvez eu não precise mais ganhar para me defender.

De agora em diante eu gostaria de me defender assim: é porque eu quero. E que isso bastasse.

O sentimento mais rápido, que chega a ser apenas um fulgor, é o instante em que um homem e uma mulher sentem um no outro a promessa de um grande amor.

A vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo. Enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado.

E assim como meu carinho por um filho não o reduz, até o alarga, assim ser mãe do mundo era o meu amor apenas livre.

Não sou pessoa que precise ser lembrada de que dentro de tudo há o sangue.

Então era assim?, eu andando pelo mundo sem pedir nada, sem precisar de nada, amando de puro amor inocente, e Deus a me mostrar o seu rato?

Eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente.

Porque só poderei ser mãe das coisas quando puder pegar um rato na mão.

O rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala.

Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato.

Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe.

Como poderão os futuros homens entender que ter gripe nos era uma condição humana? Somos seres gripados, futuramente sujeitos a um julgamento severo ou irônico.

Nessa magra esperança de pernas altas, que caminharia sobre um seio sem nem sequer acordar o resto do corpo, nessa esperança que não pode ser oca, nessa esperança a energia atômica sem tragédia se encaminha em silêncio.

Em vida, observo muito, sou ativa nas observações, tenho o senso do ridículo, do

bom humor, da ironia, e tomo um partido. Escrevendo, tenho observações por assim dizer *passivas*, tão interiores que se escrevem ao mesmo tempo em que são sentidas, quase sem o que se chama de processo.

Comi a pera e desperdicei fora a metade – nunca tenho piedade na primavera.

É o triunfo mortal de viver o que importa.

De súbito exigentes e duros, quiseram ter o que já tinham. Tudo porque quiseram dar um nome; porque quiseram ser, eles que já eram. Foram então aprender que, não se estando distraído, o telefone não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue.

Procurava aquele que o libertasse da maldição de não amar a excelência do que é excelente.

Não humanizo os bichos, acho que é uma ofensa – há de respeitar-lhes a natura – eu é que me animalizo. Não é difícil, vem simplesmente, é só não lutar contra, é só entregar-se.

Não ter nascido bicho parece ser uma de minhas secretas nostalgias.

Girassol – É o grande filho do Sol, tanto que já nasce com o instinto de virar sua enorme corola para o lado de sua mãe. Não importa se o Sol é pai ou mãe, não sei. Será o girassol flor feminina ou masculina? Acho masculina. Mas uma coisa é certa; o girassol é russo, provavelmente ucraniano.

Flor de cactos – A flor de cactos é suculenta, às vezes grande, cheirosa e de cor brilhante: vermelha, amarela e branca. É a vingança sumarenta que ela faz para a planta desértica: é o esplendor nascendo da esterilidade despótica.

Um homem me disse que no Talmude falam de coisas que a gente não pode contar a muitos, há outras a poucos, e outras a ninguém.

Como traduzir o profundo silêncio do encontro entre duas almas?

Quando estou com uma pessoa verdadeira, fico verdadeira também.

Sou explícita? Pouco se me dá.

Todos os seres vivos, que não o homem, são um escândalo de maravilhamento.

Se fomos modelados, sobrou muita matéria energética e formaram-se os bichos.

Para que serve, meu Deus, uma tartaruga?

Desculpem, mas se morre.

Rezei pelo meu filho que eu não sabia como ia voltar. Mas de repente me deu uma grande calma. Eu disse para minha amiga: Pode ir para sua casa e eu vou dormir, que estou caindo de sono. Ela foi, demorou uma hora para atravessar Botafogo. Deixei um bilhete para meu filho. E fui dormir. Eu havia confiado em Deus.

Sinto que já cheguei quase à liberdade. A ponto de não precisar mais escrever. Se eu pudesse, deixava meu lugar nesta página em branco: cheio do maior silêncio. E cada um que olhasse o espaço em branco, o encheria com seus próprios desejos.

Gêneros não me interessam mais. Interessa-me o mistério. Preciso ter um ritual para o mistério? Acho que sim. Para me prender à matemática das coisas.

Antes havia uma diferença entre escrever e eu (ou não havia? não sei). Agora mais não. Sou um ser. E deixo que você seja. Isso lhe assusta? Creio que sim. Mas vale a pena. Mesmo que doa. Dói só no começo.

Uma pessoa que conheço disse que o siri, quando se lhe pega por uma perna, esta se solta para que o corpo todo não fique aprisionado pela pessoa.

Pessoa que conheço estava hospedada numa casa e foi abrir a porta da geladeira para beber um pouco de água. E viu a coisa.

A coisa era branca, muito branca. E, sem cabeça, arfava. Como um pulmão.

Esqueci de dizer que acho a tartaruga inteiramente imoral.

O ponto de partida deve ser: “Não sei.” O que é uma entrega total.

A máquina continua escrevendo. Por exemplo, ela vai escrever o seguinte: quem atinge um alto nível de abstração está em fronteira com a loucura.

Conheço um grande homem abstrato que faz de conta que é como todo mundo: come, bebe, dorme com a mulher, tem filhos. Assim ele se salva de se tornar um x ou uma raiz quadrada.

É preciso antes saber, depois esquecer. Só então se começa
a respirar livremente.

Vi a Esfinge. Não a decifrei. Mas ela também não me decifrou. Encaramo-nos de igual para igual. Ela me aceitou, eu a aceitei. Cada uma com o seu mistério.

Em Marrocos fui levada a ver a famosa *dança do ventre*. Fiquei boba. Duvido que adivinhem ao som de que música a dançarina mexeu terrivelmente a barriga. Pois foi ao som de “Mamãe, eu quero, mamãe eu quero mamar”.

De algum modo previ uma morte violenta no Texas: a do presidente John Kennedy. Previ, contando para os meus familiares qual era a atmosfera onipotente e sangrenta do verão no Texas: ia acontecer alguma coisa.

Lembro-me de uma noite, na Polônia, na casa de um dos secretários da Embaixada, em que fui sozinha ao terraço: uma grande floresta negra apontava-me emocionalmente o caminho da Ucrânia. Senti o apelo. A Rússia me tinha também. Mas eu pertenço ao Brasil.

Neste mesmo momento em que alguém me lê, lá está a África indomável vivendo.

Vivo a vida no seu elemento puro.

Tenho a vida de meus mortos. A eles dedico muita meditação.

Uma amiga que tem cálculos renais. E, quando uma pedra quer passar, ela vive o inferno até que passe. Espiritualmente, muitas vezes uma pedra quer passar, então eu me contorço toda. Depois que ela passa, fico toda pura.

Sou ajudada pela mera presença de uma pessoa vivendo. Sou ajudada pela saudade mansa e dolorida de quem eu amei. E sou ajudada pela minha própria respiração.

Tenho uma grande saudade dos que eu deixarei.

Estou tão leve. Nada me dói. Porque estou vivendo o mistério.

Tenho fortes tentações e fortes desejos. Para superar tudo isso, passo 40 dias no deserto. Tenho junto de mim um copo de água. De vez em quando tomo um gole.

Vou agora ensinar um modo hindu de se ter paz. Parece brincadeira mas é verdade. É assim: que se imagine um buquê de rosas brancas. Que se visualize sua brancura macia e perfumada. Depois, que se pense num buquê de rosas vermelhas, *príncipe negro*: são encarnadas, apaixonadas. Depois, que se visualize um buquê de rosas amarelas, que são, como já escrevi, um grito de alarma alegre. Depois, que se imagine um buquê de rosas rosadas, no seu recato, pétalas grossas e aveludadas. Depois, que mentalmente se reúnam esses quatro grandes buquês numa enorme corbelha. E, finalmente, que se tire cor-de-rosa, talvez, por ser tão recatada na sua palidez e por ser a rosa por excelência, e que se a leve mentalmente a um jardim e se a reponha no seu canteiro.

A fome não espiritualiza ninguém. Só a fome deliberada.

Não digo que perfumes eu uso: são o meu segredo.

Que de vez em quando ficasse sozinho, senão seria submergido, pois até o amor excessivo dos outros podia submergir uma pessoa.

Meus livros, felizmente para mim, não são superlotados de fatos, e sim da repercussão dos fatos no indivíduo.

Chegamos ao limiar de portas que estavam abertas – e por medo ou pelo que não sei, não atravessamos plenamente essas portas. Que no entanto têm nelas já gravado o nosso nome. Cada pessoa tem uma porta com seu nome gravado.

Sem o menor vestígio de mentira: sinto que se eu tivesse tido coragem mesmo, eu já teria atravessado a minha porta, e sem medo de que me chamassem de louca.

Estou com saudade de mim. Ando pouco recolhida, atendo demais ao telefone, escrevo depressa, vivo depressa. Onde está eu?

Cada um de nós reconhece o martírio de quem está protegendo um sonho.

Mas você esmaga uma rosa se apertá-la com carinho demais.

Sei mais silêncio que palavras.

Era um quati que se pensava cachorro. Às vezes com seus gestos de cachorro retinha o passo para cheirar coisas – o que retesava a correia e retinha um pouco o dono na usual sincronização de homem e cachorro. Fiquei olhando aquele quati que não sabia quem era. Imagino: se o homem o leva para brincar na praça, tem uma hora que o quati se constrange todo: “Mas santo Deus, por que é que os cachorros me olham tanto e latem feroz para mim?” Imagino também que depois de um perfeito dia de cachorro o quati se diga melancólico olhando as estrelas: “Que tenho afinal? Que me falta? Sou tão feliz como qualquer cachorro, por que então este vazio e esta nostalgia? Que ânsia é esta, como se eu só amasse o que não conheço?” E o homem – o único a poder de livrá-lo da pergunta – este homem nunca lhe dirá quem ele é para não perdê-lo para sempre.

Tomo o partido das vítimas do amor ruim.

O mais difícil é não fazer nada: ficar só diante do cosmos.

Trabalhar é um atordoamento. Ficar sem fazer nada é a nudez final.

Só a Ele eu poderia pedir que pusesse a mão sobre mim e arriscasse queimar a dele.

Só outra coisa eu conheci tão total e cega e forte como esta minha vontade de me espojar na violência: a doçura da compaixão.

Eu quis comer o mundo e a fome com que nasci pelo leite – esta fome quis se estender pelo mundo e o mundo não se queria comível. Ele se queria comível sim – mas para isso exigia que eu fosse comê-lo com a humildade com que ele se dava.

Para compreender a minha não inteligência, o meu sentimento, fui obrigada a me tornar inteligente. (Usa-se a inteligência para entender a não inteligência. Só que depois o instrumento – o intelecto – por vício de jogo continua a ser usado – e não podemos colher as coisas de mãos limpas, diretamente na fonte)

Pensar me irrita, pois antes de começar a tentar pensar eu sabia muito bem o que eu sabia.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever *distraidamente*.

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? assim: como se me lembrasse. Com um esforço de *memória*, como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva.

Separava, separava o chamado joio do trigo, e o melhor, o melhor o ser comia. Às vezes comia o pior: a escolha difícil era comer o pior.

Separava perigos do grande perigo, e era com o grande perigo que o ser, embora com medo, ficava: só para sopesar com susto o peso das coisas.

Tudo o que é cinzento misteriosamente vibra para mim, como se fosse a reunião de todas as cores amansadas.

O ator inglês é o homem mais sério da Inglaterra. Em poucas horas ele dá a cada um aquilo importante que se perde na vida diária.

A criança inglesa é sempre linda, e quando abre a boca para falar, aí é que fica lindíssima.

Mas foi no voo que se explicaram seus braços compridos e desajeitados: eram asas. E o olho um pouco estúpido, aquele olhar estúpido só combinava com as larguras do pensamento pleno. Andava mal no diário, mas voava. Voava tão bem que até parecia arriscar a vida, o que era um luxo. Andava ridículo, cuidadoso, o pato feio. No chão, ele era um paciente.

O erro das pessoas inteligentes é tão mais grave: elas têm os argumentos que provam.

Esquecer-se de sua própria vida. É nesse esquecer-se que acontece então o fato mais essencialmente humano, aquele que faz de um homem a humanidade: a dor pessoal adquire uma vastidão em que os outros todos cabem e onde se abrigam e são compreendidos.

Pelo que há de amor na renúncia da dor pessoal, os quase mortos se levantam.

A transcendência da vontade de matar – por se conhecer esse abismo – vem impedir que os outros se matem.

O que é Natureza? Pergunta difícil de se responder porque nós também fazemos parte dela e sem distância suficiente para encará-la: em mim ela brota de meu âmago qual semente que rompe a terra.

Natureza – como explicar o seu significado único e total? como entender sua simplicidade enigmática? Nem me lembro como ou quando me ensinaram ou li essa palavra – mas não a explicaram. E no entanto entendi. Quem não sabe o que é jamais chegará a saber.

Estive uma vez à beira do Saara, além das pirâmides. O deserto. A perder-se de vista. Por todos os lados a perdição.

O que é angústia? Na verdade minha tendência a indagar e a significar já é em si uma angústia. Esta começa com a vida. Cortam o cordão umbilical: dor e separação. E enfim choro de viver.

Levo a vida deveras e frente a frente. Nestes momentos de “agora mesmo” estou vivendo tão leve que mal pouso na página, e ninguém me pega porque dou um jeito de escorregar.

Às vezes não se precisa ter medo da angústia: ela pode ser fértil e dar frutos de alegria e pureza.

De que ponto do ser nasceu em Stravinski o *Pássaro de fogo*?
Da alma, está bem.

A verdade ultrapassa-me com tanta paciência e doçura.

Ao ultrapassar-se, sai-se de si e se cai no “outro”.

Assim somos nós? Sem explicação?

Recuso-me a ser um fato consumado.

Por enquanto sobrenado na preguiça. Adeus.

Quem escreveu isso? quando? Não importa, é uma verdade de vida, e muitos poderiam tê-la escrito.

Tenho me convivido muito ultimamente e descobri com surpresa que sou suportável, às vezes até agradável de ser.

Digo apenas “sim” ao mundo.

Suponhamos que eu seja uma criatura forte, o que não é verdade.

Suponhamos que eu escreva um dia alguma coisa que desnude um pouco a alma humana, o que não é verdade.

Suponhamos que as pessoas que eu amo sejam felizes, o que não é verdade.

Suponhamos que eu tenha menos defeitos graves do que tenho, o que não é verdade.

Suponhamos que baste uma flor bonita para me deixar iluminada, o que não é verdade.

Suponhamos que entre meus defeitos haja muitas qualidades, o que não é verdade.

Suponhamos que eu nunca minta, o que não é verdade.

O dançarino hindu faz gestos hieráticos, quadrados, e para. É que parar por vários instantes também faz parte. É a dança do estatelamento: os movimentos imobilizam as coisas. O dançarino passa de uma imobilidade a outra, dando-me tempo para a estupefação. E muitas vezes sua imobilidade súbita é a ressonância do salto anterior: o ar parado ainda contém todo o tremor do gesto. Ele agora está inteiramente parado. Existir se torna sagrado como se nós fôssemos apenas os executantes da vida.

Quanto à mulher hindu, ela não se espanta nem me espanta. Seus movimentos são tão continuados e envolventes como a imobilidade corredia de um rio. Tem as curvas longas das mulheres antigas. As cadeiras daquela ali são largas demais e reduzem as possibilidades de seu pensamento. São mulheres sem crueldade. E na dança muda renovam o primitivo sentido da graça.

É iniludível o nosso mal-estar diante do Oriente.

Procura-se o “encanto feminino”, e veem-se três mulheres se movendo tranquilas, como se isso bastasse. E o pior é que de repente basta.

Gordos e brancos, nós nos instaláramos nas poltronas, à espera das oferendas dos Reis Magos. Mas eles nos devolvem à nossa pobreza de saciados.

Pés nus têm a mesma inteligência indicativa de mãos.

A pele escura é a mais certa, mostrando como é que se vivia atrás de uma Bíblia tão grande que até ímpia ela também é – fascinando-me com a repetição exaustiva da mesma verdade.

Os nomes dos dançarinos são doces e maduros, fazem bem à boca. Mrinalini, Usha, Anirudda, Arjuna. Suavidades um pouco acres, estranhamente reconhecíveis: já comi ou não comi dessas frutas?
Só se foi enquanto eu, Eva, entediada experimentava das árvores.

Tudo o que é forte demais parece estar perto de um fim.

Tudo é vivo, primário, lento, tudo é primariamente imortal.

Pior que a morte: a vida pura, a geleia viva.

Sei também que esta minha lucidez pode-se tornar o inferno humano – já me aconteceu antes.

Nada me segura mais: vou. Vou para a beatitude. A beatitude me guia e me leva pela mão.

Não, antes o sofrimento legítimo que o prazer forçado.

Se o meu mundo não fosse humano, também haveria lugar para mim: eu seria uma mancha difusa de instintos, doçuras e ferocidades, uma trêmula irradiação de paz e luta: se o mundo não fosse humano eu me arranjaria sendo um bicho.

Por um instante então desprezo o lado humano da vida e experimento a silenciosa alma da vida animal.

“Era uma vez um pássaro, meu Deus.”

Deus lhe deu inúmeros pequenos dons que ele não usou nem desenvolveu por receio de ser um homem completo e sem pudor.

Não é fácil escrever em português: é uma língua pouco trabalhada pelo pensamento e o resultado é pouca maleabilidade para exprimir os delicados estados do ser humano.

Muitas vezes o que me salvou foi improvisar um ato gratuito. Ato gratuito, se tem causas, são desconhecidas. E se tem consequências, são imprevisíveis.

O ato gratuito é o oposto da luta pela vida e na vida. Ele é o oposto da nossa corrida pelo dinheiro, pelo trabalho, pelo amor, pelos prazeres, pelos táxis e ônibus, pela nossa vida diária enfim – que esta é toda paga, isto é, tem o seu preço.

Estava exausta de tirar ideias de mim mesma. Estava exausta do barulho da máquina de escrever. Então a sede estranha e profunda me apareceu. Eu precisava – precisava com urgência – de um ato de liberdade: do ato que é por si só. Um ato que manifestasse fora de mim o que eu secretamente era. E necessitava de um ato pelo qual eu não precisava *pagar*. Não digo *pagar com dinheiro* mas sim, de um modo mais amplo, pagar o alto preço que custa viver.

Conheço em mim uma imagem muito boa, e cada vez que eu quero eu a tenho, e cada vez que ela vem ela aparece toda. É a visão de uma floresta, e na floresta vejo a clareira verde, meio escura, rodeada das alturas das árvores, e no meio desse bom escuro estão muitas borboletas, um leão amarelo sentado, e eu sentada no chão bordando.

Ali estou eu, com borboleta, com leão. Minha clareira tem uns minérios, que são as cores. Só existe uma ameaça: é saber com apreensão que fora dali estou perdida, porque nem sequer será a floresta (esta eu conheço de antemão, por amor), será um campo vazio (e este eu conheço de antemão através do medo).

Já disse isso mas repito por gosto de felicidade: quero a mesma coisa de novo e de novo.

Estamos muito bem. Para falar a verdade, nunca estive tão bem. Por quê? Não quero saber por quê.

Vou até repetir um pouco mais minha visão porque está ficando cada vez melhor: o leão amarelo pacífico e as borboletas voando caladas, eu sentada no chão bordando e nós assim cheios de gosto pela clareira verde. Nós somos contentes.

Quem sabe, também eu já poderia não escrever. Como é infinitamente mais ambicioso. É quase inalcançável.

A sala se escureceu toda dentro da escuridão – eu estava nas trevas.

Agasalhei-me do medo no próprio medo – como já me agasalhei de ti em ti mesmo.

Inventei que aquela flor era a alma de alguém que acabara de morrer – isso eu inventei porque não tinha força de ver diretamente a vida de uma flor.

A flor estava tão vibrante como se houvesse uma abelha perigosa rondando-a.

Uma abelha gelada de pavor? – não – melhor dizer que a abelha e a flor emocionadas se encontravam, vida contra vida, vida a favor da vida.

A abelha era eu – e a flor tremia diante da doçura perigosa da abelha.

Sou a única prova de mim.

Tenho a meu favor tudo o que não sei e – por ser um campo virgem – está livre de preconceitos.

Tudo o que não sei é a minha parte maior e melhor: é a minha largueza.

Dancei uma vez sem saber que estava grávida. E depois me culpei tanto por isso, mas foi uma dança lenta que não fazia mal. Depois quando desconfiei, mandei fazer o teste. Você não imagina o que senti quando o homem me entregou o papel onde estava escrito positivo. Minha alegria foi tão intensa, mas tão doida, que abracei e beijei o homem espantado do laboratório e lhe disse: “Muito obrigada.” Imagine, como se aquele desconhecido fosse o pai.

“Olha, bichinho, nós dois havemos de vencer e você vai nascer, é assim mesmo, é difícil nascer.”

Foi então que comecei a perder sangue. Eu mal acreditava,não queria acreditar.

E quanto mais sangue se derramava, mais desesperada eu ficava. Até que aconteceu: perdi meu filho. Era um menino. Cheguei a vê-lo, pedi para vê-lo: lá estava ele todo aconchegado dentro do óvulo.

Tanta coisa que então eu não sabia. Nunca tinham me falado, por exemplo, deste sol duro das três horas. Também não me tinham avisado sobre este ritmo tão seco de viver, desta martelada de poeira. Que doeria, tinham-me vagamente avisado. Mas o que vem para a minha esperança do horizonte, ao chegar perto se revela abrindo asas de águia sobre mim, isso eu não sabia. Não sabia o que é ser sombreada por grandes asas abertas e ameaçadoras, um agudo bico de águia inclinado sobre mim e rindo.

Comecei a mentir por precaução, e ninguém me avisou do perigo de ser tão precavida.

Mentira eu a dizia crua, simples, curta: eu dizia a verdade bruta.

E o que é que se faz quando se fica feliz? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda que já está começando a me doer como uma angústia e como um grande silêncio? A quem dou minha felicidade que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta.

Amor será dar de presente um ao outro a própria solidão? Pois é a coisa mais última que se pode dar de si.

Certas comidas requintadas demais estão no limiar do enjoo de estômago. Requintada demais dá cócega ruim: e eis atingido o limiar. Pois também comida boa tem algo de rude nela.

Carne tem que resistir um pouco aos dentes! O filé que se corta como manteiga me avisa logo que, pelo menos a mim, não me entenderam.

Sou imatura bastante para não suportar bem um prazer frustrado.

É tão prática que, em caso de doença de família, faz logo as duas coisas essenciais: dá o remédio e logo em seguida vai para o quarto rezar. E tudo fica resolvido.

Depois de grandes jornadas e de grandes lutas que ele enfim compreende que precisa se ajoelhar diante da mulher. E, depois, é bom porque a cabeça do

homem fica perto dos joelhos da mulher e perto de suas mãos, no seu colo, que é sua parte mais quente. E ela pode fazer o seu melhor gesto.

Uma segurança estranha: sempre ter-se-á o que gastar. Não ter pois avareza com esse vazio-pleno: gastá-lo.

Mas tenho medo: escrever muito e sempre pode corromper a palavra. Seria para ela mais protetor vender ou fabricar sapatos: a palavra ficaria intata.

Num jornal nunca se pode esquecer o leitor, ao passo que no livro fala-se com maior liberdade, sem compromisso imediato com ninguém. Ou mesmo sem compromisso nenhum.

O mercúrio é uma substância isenta. Isenta de quê? Nada explico, recuso-me a explicar, recuso-me a ser discursiva: é isento e basta.

O espírito, através do corpo como meio, não se deixa contaminar pela vida, e esse pequeno e faiscante núcleo é o último reduto do ser humano.

Para ler, é claro, prefiro o atraente, me poupa mais, me arrasta mais, me delimita e me contorna. Para escrever, porém, tenho que prescindir.

Não se *faz* uma frase. A frase nasce.

A vida é mais longa do que a fazemos. Cada instante conta.

Como gato por lebre a toda hora. Por tolice, por distração, por ignorância. E até às vezes por delicadeza: me oferecem gato e agradeço a falsa lebre, e quando a lebre mia, finjo que não ouvi.

Quando o gato se imagina lebre. Já que se trata de gato profundamente insatisfeito com a sua condição, então lido com a lebre dele: é direito de gato querer ser lebre.

(Há um provérbio que diz: é melhor ser enganado por um amigo do que desconfiar dele.)

Quando aceito gato por lebre, o problema verdadeiro é de quem me ofereceu, pois meu erro foi apenas o de ser crédula.

Angústia pode ser não ter esperança na esperança. Ou conformar-se sem se resignar. Ou não se confessar nem a si próprio. Ou não ser o que realmente se é, e nunca se é.

Angústia pode ser o desamparo de estar vivo. Pode ser também não ter coragem de ter angústia – e a fuga é outra angústia.

Mas angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai.

A perecibilidade das coisas existentes, sendo substituída por outras perecíveis que são substituídas pela perecibilidade de outras – a essa constância se pode, querendo, chamar de perecibilidade eterna: que é a eternidade ao alcance de nós.

Toda palavra tem a sua sombra.

Pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas a si próprias.

O tédio, aliás, fazia parte da obediência a uma vida de sentimentos honestos.

Faltava-lhes o peso de um erro grave, que tantas vezes é o que abre por acaso uma porta salvadora.

Chegamos ao dia em que, há muito tragada pelo sonho, a mulher, tendo dado uma mordida numa maçã, sentiu quebrar-se um dente da frente.

O processo de viver é feito de erros – a maioria essenciais – de coragem e preguiça, desespero e esperança de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, não conduz a nada, e de repente aquilo que se pensou que era “nada” – era o próprio assustador contato com a tessitura do viver – e esse instante de reconhecimento (igual a uma revelação) precisa ser recebido com a maior inocência, com a inocência de que se é feito.

(Mamãe, disse o menino, o mar está lindo, verde e com azul e com ondas! está todo anaturezado! todo sem ninguém ter feito ele!)

Peço desculpa porque além de contar os fatos eu também adivinho e o que adivinho aqui escrevo.

Eu adivinho a realidade.

Às vezes me dá enjoo de gente. Depois passa e fico de novo toda curiosa e atenta.

Uma vida é curta: mas, se cortarmos os seus pedaços mortos, curtíssima fica ela.

Muita coisa inútil na vida da gente serve como esse táxi: para nos transportar de um ponto útil a outro.

Depois que me incendiei, quanta gente encontrei que já se incendiou. Parece que é um hábito.

Lembrei-me do jasmim. Jasmim é de noite. E me mata lentamente. Luto contra, desisto porque sinto que o perfume é mais forte do que eu, e morro. Quando acordo, sou uma iniciada.

Estou sob a influência da tempestade que se forma. A intranquilidade do mundo. Os pássaros fogem.

Precisa-se dar outro nome a certo tipo de esperança porque esta palavra significa sobretudo espera. E a esperança é já.

Lição de moral eu detesto. Quando percebo que a conversa está descambando para isso – outros, os moralistas, diriam “subindo para isso” – retraio-me toda, e uma rigidez muda me toma. Luto contra.

NOTA DE TRABALHO,

por Roberto Corrêa dos Santos

A

1. Em face do convite de Clarice – em sua arte – e dos demais que me acolheram para realizar este trabalho, disse um alegre sim por entendê-lo de imediato como um ato de curadoria de artista, ou seja, o de tomar o livro como um campo expositivo para *As palavras*, as de Clarice: que sempre para além das palavras se mostram; palavras, se palavras, amplamente expandidas.
2. Cortar por amor como ato de leitura solene foi o método, e para isso precisei guiar-me com a delicadeza de alma que Clarice propõe e, desse modo, ir tocando as forças altas das obras lidas, partilhando-as.
3. Para curar, fazer a curadoria, recorri de pronto, dentre os vigores presentes nas frases-enunciados-pensares-aparições, os relativos ao estado de graça, conforme o leitor pode ver neste *As palavras*, de Clarice, e em todos os seus demais livros.
4. Estamos, diga-se, diante da soberania – verbal, plástica, afetiva, filosófica, poética e artística – de Clarice.
5. Expõem-se aqui os textos de Clarice como obras de arte que são: obras de arte deste tempo agora, gerando sem cessar efeitos nas artes contemporâneas, e justo por sua concreta extemporaneidade; o leitor sabe, estando diante de.
6. Para estar na terra mental de Clarice, impõe-se a inquietude, o atentar para avisos e sutilezas, e a grande paixão pelo viver, pelo pensar, pelo sentir.
7. Critérios norteantes? – Foi necessário, por empréstimo, utilizar as sabedorias do faro-animal de Clarice, capaz de conectar-se aos meios de captura do que pulsa no coração e no ao redor da vida, recorrendo ainda a seus saberes pós-humanos, aqueles que abrem a porta, e alguém enfim simplesmente torna-se habilitado a olhar, e ver.

8. Intervenções? – Poucas: as colheitas realizadas para compor o arquivo impuseram que, nas ocasiões em que desse modo não estavam, as frases se iniciassem sempre por maiúscula, encerrando-se por ponto final, desde que interrompidas em seu todo discursivo; eliminou-se o parêntese em frases parentéticas que não foram integralmente postas à Exposição, isto é, ao livro como lugar também ele plástico destinado a expor a magnitude de *As palavras*.
9. A curadoria, difícil? – Não: as sentenças – constituídas por fluxos e belezas nascidos menos da literatura e mais dos motores da sensação e dos instrumentos de filtragem dos afetos –, nas páginas dos livros de Clarice, doam-se; difícil mesmo: parar, parar ao ter entrado no fulgor afirmativo de sua enérgica letra agindo.
10. A curadoria em que consiste? – Curar: deixar ao tempo, ir olhando, afastar-se, retomar, prosseguir em fúria, rir muito, estremecer, borrar as folhas com grafite, surpreender-se, hesitar pouco, seguir os imperativos das imagens, dos pensamentos, dos ornatos do espírito, e assinalar, esquecendo-se de imediato, por necessidade do trabalho, a ardência das revelações, de maneira a não travar o mover-se para o adiante; nesses atos, pensava eu na clínica de artista que Clarice realiza e a que me dedico, no âmbito das artes visuais, pesquisando-a e efetivando-a; nos textos de *As palavras*, a vida exerce-se na amplitude.
11. Clarice descreveu, em sonho premonitório e valendo-se de inteligência e instinto, o uso que fariam de seu nome, seres e seres “assinando”, em algum virtual campo, frases não suas. Talvez quisesse Clarice, com o livro que o leitor agora segura, reverter atos de hoje, em especial os praticados na Web. Em 1974, clara e surpreendentemente, Clarice narra, veja: “Acordei com um pesadelo terrível: sonhei que ia para fora do Brasil (vou mesmo em agosto) e quando voltava ficava sabendo que muita gente tinha escrito coisas e assinava embaixo o meu nome. Eu reclamava, dizia que não era eu, e ninguém acreditava, e riam de mim. Aí não aguentei e acordei. Eu estava tão nervosa e elétrica e cansada que quebrei um copo.”
12. Com este *As palavras*, de Clarice, o leitor tem, com segurança, parte de sua real assinatura.
13. Por fim, assinalem-se a seguir alguns de seus sensores, como alertas:

a) “Às vezes escrever uma só linha basta para salvar o próprio coração.”

b) “Esses fragmentos de livro querem dizer que eu trabalho em ruínas.”

c) “Uma ou outra frase se salva das trevas e sobe leve e volátil à minha superfície: então anoto aqui.”

d) “Este ao que suponho será um livro feito aparentemente por destroços de livro.”

e) “Faço tantas fantasias a respeito desse livro desconhecido e já tão profundamente amado. Uma das fantasias é assim: eu o estaria lendo e de súbito, a uma frase lida, com lágrimas nos olhos diria em êxtase de dor e de enfim libertação: ‘Mas é que eu não sabia que se pode tudo, meu Deus!’.”

E mais:

f) “O jeito de entrar nesta escritura tem que ser de repente, sem aviso prévio.”

B

Apenas parte dos livros de Clarice Lispector foi selecionada para esta Edição. Assinala-se abaixo a correspondência entre os livros escolhidos e os capítulos indicados por algarismos romanos, indicando-se o volume em que as frases se localizam.

PARTE I – Todas as frases em *Um sopro de vida* (1ª ed.: 1978). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PARTE II – Todas as frases em *A hora da estrela* (1ª ed.: 1977). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PARTE III – Todas as frases em *Água viva* (1ª ed.: 1973). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PARTE IV – Todas as frases em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1ª ed.: 1969). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PARTE V – Todas as frases em *A paixão segundo GH* (1ª ed.: 1964). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PARTE VI – Todas as frases em *Perto do coração selvagem* (1ª ed.: 1944). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PARTE VII – Todas as frases em *A bela e a fera* (1ª ed.: 1979). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PARTE VIII – Todas as frases em *Onde estivestes de noite* (1ª ed.: 1974). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PARTE IX – Todas as frases em *A via crucis do corpo* (1ª ed.: 1974). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PARTE X – Todas as frases em *A legião estrangeira* (1ª ed.: 1964). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PARTE XI – Todas as frases em *Outros escritos.* (1ª ed.: Rocco, 2005).

PARTE XII – Todas as frases em *Para não esquecer* (1ª ed.: 1978). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PARTE XIII – Todas as frases em *Correspondências*. (1ª ed.: Rocco, 2002).

PARTE XIV – Todas as frases em *A descoberta do mundo* (1ª ed.: 1984). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA ROCCO

ROMANCE

Perto do coração selvagem
O lustre
A cidade sitiada
A maçã no escuro
A paixão segundo G.H.
Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres (também em e-book)
Água viva
Um sopro de vida

CONTOS

A bela e a fera
Laços de família (também em e-book)
A legião estrangeira
Felicidade clandestina (também em e-book)
Onde estivestes de noite
A Via Crucis do corpo

CRÔNICAS

Para não esquecer
A descoberta do mundo
Aprendendo a viver (também em e-book)
Aprendendo a viver (imagens)
Só para mulheres (também em e-book)
Correio feminino (também em e-book)

COLEÇÃO

Clarice na cabeceira

- romance
- contos
- crônicas
- jornalismo

NOVELA

A hora da estrela (também em e-book)

CARTAS
Correspondências
Minhas queridas

COLETÂNEA
Outros escritos

ENTREVISTAS
Entrevistas

AUDIOLIVRO
Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres
A hora da estrela
A Via Crucis do corpo

Copyright © 2013 *by* Clarice Lispector
e herdeiros de Clarice Lispector

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Projeto gráfico: Mariana Lloyd e Mariana Valente
Ilustrações de capa e miolo: Mariana Valente

Coordenação Digital
Lúcia Reis

Assistente de Produção Digital
Joana De Conti

Revisão de arquivo e-Pub
Mariana Oliveira

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P11

As palavras [recurso eletrônico] : nada têm a ver com as sensações, palavras são pedras duras e as sensações delicadíssimas, fugazes, extremas / curadoria Roberto Corrêa dos Santos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

ISBN 978-85-8122-318-6 (recurso eletrônico)

1. Lispector, Clarice, 1925-1977. 2. Literatura brasileira - Miscelânia. 3. Livros eletrônicos. I. Santos, Roberto Corrêa dos. II. Título.

13-06950 CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Uma escritora decidida a desvendar as profundezas da alma. Essa é Clarice Lispector, que escolheu a literatura como bússola em sua busca pela essência humana. Sua tentativa de transcender o cotidiano revela-se em personagens na iminência de um milagre, uma explosão ou uma singela descoberta. Todos suscetíveis aos acontecimentos do dia a dia. Vidas que se perdem e se encontram em labirintos formados por uma linguagem única, meticulosamente estruturada. E é por essa linguagem que Clarice Lispector constrói uma obra de caráter tão profundo quanto universal.

O CURADOR

Roberto Corrêa dos Santos é semiólogo, teórico da arte, escritor e artista visual; é também professor de Estética e de Teoria da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisador do CNPq e procientista pelo Programa Prociência (FAPERJ/UERJ). Ministrou cursos de Teoria da Literatura, de Semiologia e de Literatura Brasileira na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio e da UFRJ. Escreveu a primeira dissertação de mestrado dedicada a Clarice Lispector. Atualmente, investiga e realiza trabalhos que envolvem elos entre arte e escritura.